

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO  
CONHECIMENTO**

**CAMILA CONCEIÇÃO BARRETO VIEIRA**

**MEDIAÇÃO CULTURAL E INCENTIVO À LEITURA EM ESCOLA PÚBLICA: A  
DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO PARA ALUNOS DO 7º ANO DO  
COLÉGIO ESTADUAL OLAVO BILAC**

**SÃO CRISTÓVÃO/ SE  
2020**

**CAMILA CONCEIÇÃO BARRETO VIEIRA**

**MEDIAÇÃO CULTURAL E INCENTIVO À LEITURA EM ESCOLA PÚBLICA: A  
DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO PARA ALUNOS DO 7º ANO DO  
COLÉGIO ESTADUAL OLAVO BILAC.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Sergipe, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação e do Conhecimento.

**Orientadora:** Profa. Dra. Germana Gonçalves Araújo.

**SÃO CRISTÓVÃO / SE  
2020**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

	<p>Vieira, Camila Conceição Barreto</p>
V658m	<p>Mediação Cultural e incentivo à leitura em escola pública: a democratização do conhecimento para alunos do 7º ano do Colégio Estadual Olavo Bilac. / Camila Conceição Barreto Vieira. – São Cristóvão-SE, 2020. 124 f. il. color.</p> <p>Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Germana Gonçalves de Araujo. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento) – Universidade Federal de Sergipe - UFS, Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação e do Conhecimento, 2020.</p> <p>1. Biblioteca Escolar 2. Biblioteconomia Social. 3. Mediação Cultural. I. Araujo, Germana Gonçalves de, orient. II. Título</p> <p>CDD 027.8 CDU: 027.8 (816.5) (035)</p>

**Ficha elaborada pela bibliotecária Camila C. B. Viera , CRB-5/1809**

**MEDIAÇÃO CULTURAL E INCENTIVO À LEITURA EM ESCOLA PÚBLICA: A  
DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO PARA ALUNOS DOS 7º ANOS DO  
COLÉGIO ESTADUAL OLAVO BILAC**

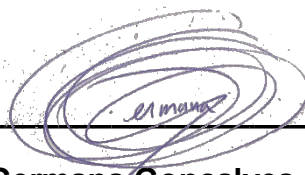
**CAMILA CONCEIÇÃO BARRETO VIEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Sergipe, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação e do Conhecimento.

**Avaliação:** nota 9,7, conceito “A”

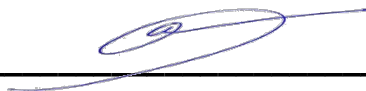
**Data da defesa:** 17 de dezembro de 2020

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Germana Gonçalves de Araújo  
(Orientadora)**



---

**Prof. Dr. Cláudio Marcondes de Castro Filho  
(Membro Convidado Externo – FFCLRP/USP)**



---

**Profa. Dra. Telma de Carvalho (PPGCI-UFS)  
(Membro convidado – Interno)**

“Eu me refaço, fato, descarto  
De pé no chão, homem comum  
Se a benção vem a mim, reparto  
Invado cela, sala, quarto  
Rodeio o globo, hoje 'to certo  
De que todo mundo é um  
E tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós”

Principia – Emicida

## **AGRADECIMENTOS**

O meu primeiro agradecimento vai aos meus guias e mentores espirituais, ao Universo, a Deus e suas diversas manifestações e a todas as forças que operam para o amor, para a paz e para a justiça.

Aos meus companheiros de vida, de perrengues, de cansaço e de alegrias, Marco e Aurora.

À família em que nasci, por ter feito o que era possível com os recursos que possuía. Às mulheres que me cercam, me amparam e me motivam: Raquel, pelo apoio diário e sempre cheio de amor e cuidado; Léa, pela verborragia, motivação e pelo auxílio; Karina, por ouvir os meus destemperos e alegrias diárias e me dar todo o suporte possível para a conclusão deste trabalho; Lenilza, por ser minha rede de apoio diária e cuidar com todo amor da minha cremosinha; Amábile, por todo o zelo e paciência com minhas dúvidas; Léia, por me mostrar sem receio meus pontos de melhoria e me amparar sempre que pedi; Patrícia, por sempre me liberar do trabalho quando necessário, me dando todo o auxílio necessário.

Agradeço também aos meus amigos: Peterson, por toda a disponibilidade, todo o apoio e pela luta que me motivam a ser alguém melhor; Nanda, por ouvir meus áudios longos e com assuntos aleatórios e sempre me oferecer uma palavra amiga; Becca, por tanto afeto e paciência com minhas questões existenciais, sempre cheia de amor e respostas; Nessa, por ser uma irmã nascida de outra mãe, sempre me apoiando e me cuidando. Amo todos vocês, até aqueles que eu não citei por pura estafa mental... Agradeço também ao Grupo Paralelo, composto por Amabile, Ciro, Léia e Raquel, por todo o apoio, conversas e colaboração.

À Germana, por me mostrar que o mundo acadêmico é duro, mas também é colaborativo, amável, socialmente crítico e capaz de efetuar mudanças enormes. Você é inspiradora e não canso de te chamar de maravilhosa. Que essa geração de “germaners” seja capaz de proporcionar transformações coletivas imensas.

Aos professores Ingrid Kelly e Jairton Peterson, por todo o apoio nessa iniciativa, bem como aos alunos do 8º ano.

Aos meus colegas do mestrado, por todo o apoio, sobretudo a “galera do fundão”, pelas risadas e pelo compartilhamento de informações e angústias. Vocês são demais.

À Universidade Federal de Sergipe, por existir e resistir. Viva a Ciência!

"Eu não estou mais aceitando as coisas que eu não posso mudar. Eu estou mudando as coisas que não posso aceitar".

Angela Davis

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral o desenvolvimento de um guia para a prática da mediação cultural de incentivo à leitura crítica para jovens do Colégio Estadual Olavo Bilac. Trata-se de uma pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa, e o universo da pesquisa são os alunos da escola. A coleta de dados baseou-se em observações, análise de informações e questionários, que serviram para a concepção da ação pretendida. A intervenção tem como propósito a utilização de recursos multimídias e textos com temáticas contemporâneas que visam contextualizar os participantes do projeto acerca do tema trabalhado, ampliar a discussão sobre esses assuntos, mostrando uma visão crítica dos fatos e possibilitando ao jovem a aquisição de autonomia no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, a atividade foi dividida em três etapas, que são a contextualização, proposição e o compartilhamento, nas quais os participantes do projeto podem se apropriar do conteúdo trabalhado e produzir conhecimento por intermédio dos debates provocados pela mediação do bibliotecário. Concomitantemente ao trabalho realizado, os professores de Português e História desses alunos devem tratar a mesma questão em sala de aula, com o intuito de exibir e elaborar os diversos pontos sobre um mesmo assunto. A temática escolhida para essa mediação em estudo foi a censura, que selecionada através do diagnóstico realizado, oportunidade em que foi verificado o interesse comum dos alunos pelo *youtuber* Felipe Neto, que, à época da proposição dessa pesquisa, estava envolto na polêmica surgida a partir da ação de censura do então prefeito Marcelo Crivella à Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Os resultados gerados serviram de base para a formatação de um guia que tem a função de orientar acerca deste modelo de mediação cultural para aplicação em escolas públicas.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Mediação cultural. Leitura Crítica.



## **ABSTRACT**

The present study has the general objective of developing a guide for cultural mediation and encouraging critical reading for young people at Colégio Estadual Olavo Bilac. It is an applied research, with a qualitative approach and the universe of research is the students of the school. Data collection was based on observations, data analysis and questionnaires, which served as a basis for the design of the intended action. The intervention is based on the use of multimedia resources and texts with contemporary themes that aim to contextualize the project's participants about the theme worked on, broaden the discussion on these subjects, showing a critical view of the facts, enabling young people to acquire autonomy in the process teaching-learning. For this, the activity was divided into three stages, which are contextualization, proposition and sharing, in which project participants can appropriate the content worked on and produce knowledge through the debates provoked in the classroom. Concurrently with the work done, Portuguese and history teachers will address the same issue in the classroom, in order to show the various points of the same subject. The theme initially chosen is that of censorship, which was selected through the diagnosis carried out, in which it was verified the common interest of students with youtuber Felipe Neto, who at the time of the research proposal was involved with the controversy of the of the then mayor's censorship Marcelo Crivella at the "Bienal do Livro." The results were configured for the formatting of a guide that has the function of orientation as a mediation model for application in public schools in the future.

**Keywords:** School library. Cultural mediation. Critical Reading.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Espaço físico da biblioteca.....	59
<b>Figura 2</b>	Espaço físico da biblioteca 2.....	59
<b>Figura 3</b>	Ação de Felipe Neto na Bienal do Rio: envolvidos em plástico preto, eles foram acompanhados de um adesivo.....	66
<b>Figura 4</b>	Capa, ficha técnica e epígrafe do “Guia de Mediação Cultural”.....	95
<b>Figura 5</b>	Páginas do sumário e apresentação do Guia.....	96
<b>Figura 6</b>	Metodologia da modelagem.....	96
<b>Figura 7</b>	Metodologia da modelagem 2.....	97
<b>Figura 8</b>	Metodologia da modelagem e ação.....	97
<b>Figura 9</b>	Ação de Intervenção.....	98
<b>Figura 10</b>	Ação de Intervenção e Considerações finais.....	98
<b>Figura 11</b>	Ficha catalográfica do Guia.....	99

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Múltiplas compreensões sobre biblioteca escolar.....	24
<b>Quadro 2</b>	Desenho básico de pesquisa-ação.....	54
<b>Quadro 3</b>	Análise SWOT na Escola Olavo Bilac.....	62
<b>Quadro 4</b>	Intervenção por meio da mediação cultural.....	68
<b>Quadro 5</b>	Plano de ação.....	69
<b>Quadro 6</b>	Cronograma de atividades – etapa 1.....	74
<b>Quadro 7</b>	Cronograma de atividades – etapa 2.....	75
<b>Quadro 8</b>	Cronograma de atividades – etapa 3.....	75
<b>Quadro 9</b>	Resumo das atividades propostas 1.....	88
<b>Quadro 10</b>	Resumo das atividades propostas 2.....	90
<b>Quadro 11</b>	Processo de gravação do <i>Podcast</i> .....	93

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>APBDSE</b>	Associação Profissional de Bibliotecários de Sergipe
<b>BE</b>	Biblioteca Escolar
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CI</b>	Ciência da Informação
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IBOPE</b>	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
<b>IFLA</b>	<i>International Federation of Library Associations</i>
<b>INAF</b>	Indicador do Analfabetismo Funcional
<b>INEP</b>	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
<b>INL</b>	Instituto Nacional do Livro
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>OCDE</b>	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
<b>ODS</b>	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
<b>OEA</b>	Organização dos Estados Americanos
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação
<b>PNLD</b>	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
<b>PNLL</b>	Programa Nacional do Livro e da Leitura
<b>SESC</b>	Serviço Social do Comércio
<b>SNBE</b>	Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares
<b>TIC's</b>	Tecnologias da Informação e Comunicação
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1</b>	<b>Problema.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2</b>	<b>Justificativa.....</b>	<b>17</b>
<b>1.3</b>	<b>Objetivos da pesquisa.....</b>	<b>19</b>
1.3.1	Objetivo geral.....	20
1.3.1	Objetivos específicos.....	20
<b>2</b>	<b>BREVE HISTÓRICO SOBRE O CAMPO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1</b>	<b>Biblioteca escolar.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2</b>	<b>Biblioteconomia e sua função social.....</b>	<b>29</b>
2.2.1	Políticas públicas para a Biblioteca Escolar.....	31
<b>2.3</b>	<b>A biblioteca como ambiente da mediação da informação.....</b>	<b>34</b>
2.3.1	Mediação informacional: panorama na ciência da informação.....	36
2.3.2	Ações culturais mediadas em biblioteca escolar.....	38
<b>2.4</b>	<b>O consumo da informação por intermédio das mídias sociais.....</b>	<b>42</b>
2.4.1	A cultura letrada e as redes sociais.....	46
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1</b>	<b>Caracterização da pesquisa.....</b>	<b>52</b>
<b>3.2</b>	<b>Universo da pesquisa.....</b>	<b>55</b>
<b>3.3</b>	<b>Técnicas e procedimentos de coletas de dados.....</b>	<b>55</b>
<b>3.4</b>	<b>Considerações metodológicas acerca da Covid-19.....</b>	<b>56</b>
<b>3.5</b>	<b>Considerações éticas.....</b>	<b>57</b>
<b>4</b>	<b>DIAGNÓSTICO DA ESCOLA ESTADUAL OLAVO BILAC.....</b>	<b>58</b>
<b>4.1</b>	<b>Análise do desempenho organizacional.....</b>	<b>61</b>
<b>4.2</b>	<b>Proposta de intervenção.....</b>	<b>62</b>
<b>4.3</b>	<b>Plano de ação.....</b>	<b>69</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS DA INTERVENÇÃO.....</b>	<b>71</b>
<b>5.1</b>	<b>Covid-19 e a paralisação das atividades escolares.....</b>	<b>74</b>
<b>5.2</b>	<b>Covid-19: situação nacional e regional.....</b>	<b>83</b>
<b>6</b>	<b>PRODUTO.....</b>	<b>86</b>
<b>6.1</b>	<b>Contextualização.....</b>	<b>86</b>
<b>6.2</b>	<b>Proposição.....</b>	<b>88</b>

<b>6.3</b>	<b>Compartilhamento.....</b>	<b>91</b>
<b>6.4</b>	<b>Páginas do produto digital: “Biblioteconomia e produção de conteúdo crítico no ambiente escolar: Guia de mediação cultural”.....</b>	<b>94</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>100</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>103</b>
	<b>APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>114</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Compreender aspectos da história é importante para entender em que medida os avanços informacionais foram significativos e o que não mudou de fato, só adquiriu outra roupagem. O aumento massivo de acesso à informação na era digital contribui para a redução de desigualdades ou só as amplia?

A leitura se desenvolveu no cerne da evolução histórico-social do homem, por meio dos avanços presentes nas escolas literárias, com o surgimento das bibliotecas e principalmente com a invenção da imprensa por Johaness Gutemberg, responsável pela consequente disseminação dos livros (VIEIRA, 2014).

Nesta mesma perspectiva, Chartier (1999) argumenta que foi por meio dos textos impressos que a leitura foi democratizada, pois somente após esse marco foi possível o acesso ao conhecimento. Por se tratar de um autor clássico que argumenta sobre a história cultural da sociedade na representação dos seus objetos culturais, este reconhece que somente a partir da apropriação dos textos é que haveria meios para conceber leitores com “função leitor” (CHARTIER, 1999, p. 79).

As grandes transformações sociais advindas da Idade Moderna causam impacto até a atualidade, podendo ser considerado seu ápice a invenção da imprensa, que modificou a forma de produção da informação, pois a invenção da tipografia, com a produção dos conteúdos impressos, revolucionou plenamente a circulação informacional, tanto em rapidez, quanto em proporção, e pode ser considerada uma das revoluções técnicas da história da humanidade.

Entretanto, Chartier (1999) afirma que a própria invenção da tipografia não revolucionou somente pela produção impressa do livro e a sua disseminação, nem mesmo o seu conteúdo ou a maneira de ler, o autor explica que “não podemos dizer que as inovações na técnica de reprodução dos textos produzam, por si só, revoluções na relação com o escrito” (CHARTIER, 1999, p. 29), o que contrasta com a ideia de Verger. A facilidade de acesso ao material bibliográfico pode ser considerada uma forma de inclusão, uma vez que apenas a elite possuía esse poder de ligar-se à cultura e às informações disponíveis.

Com o intuito de encontrar respostas para essa pergunta, torna-se necessário contextualizar a situação do Brasil através de números que demonstrem como no país os indicadores estão inadequados. De acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE), a meta estipulada para 2015 previa uma taxa

de analfabetismo por volta de 6,5% e, em 2018, a taxa era 6,8%, portanto, maior do que a faixa esperada. O país permanece com uma marca de 11 milhões de analfabetos, e a diminuição de 0,2% dessa taxa ao ano fará o Brasil perder outra meta: a da erradicação do analfabetismo até 2024. Empreendendo uma observação por região, o Nordeste configura o pior cenário, onde a taxa é de 13,9% e chega a ser 4x maior que a do Sudeste, que é 3,5% (PNE, 2015).

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, mostram a influência do gênero na questão, já que os homens lideram o número de analfabetos. Além de todos esses números, que por si só já causam espanto, o quantitativo de analfabetos funcionais, que são indivíduos que conseguem ler e escrever, mas não sabem interpretar textos, somam 29%, de acordo com dados obtidos pelo estudo do Indicador do Analfabetismo Funcional (INAF, 2018).

Elaborar uma leitura crítica acerca desses indicadores exige, além de conhecimento de políticas públicas e de sua aplicabilidade, uma visão abrangente de como a exclusão social é ainda tão presente e em grande parte responsável pelo aumento desses números.

Apesar da exaltação de uma cultura que atribui apenas ao indivíduo seu sucesso ou fracasso, o Brasil está longe de ser um país meritocrático. Torna-se simplista culpabilizar o sujeito por não ter acesso à educação quando, em 2015, mais de 2 milhões de jovens entre 10 e 17 anos trabalhavam (IBGE, 2016), o que é um quantitativo expressivo, evidenciando que a meta de erradicação do trabalho infantil no Brasil está longe de ser cumprida, ainda que o país seja considerado referência em políticas para esse fim.

A escolha de uma escola pública como uma alternativa para a realização de um projeto de intervenção não é obra do acaso: lá está representada a resiliência desses alunos, apesar dos indicadores complexos, de aprenderem e se desenvolverem. Um estudo realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), intitulado “Um olhar sobre a educação” no ano de 2017, indicou que o Brasil é um dos países que realizam menos investimentos em educação básica e, apesar de passados dois anos, a situação está longe de melhorar.

Existe um ditado, que tem como referência os povos originários, que enfatiza a necessidade de “uma aldeia para criar uma criança”. Essa importante



concepção ressalta a importância do apoio da sociedade para a manutenção e revitalização das escolas públicas e o entendimento do coletivo acerca da sua importância para as transformações sociais e culturais como um todo. Compete salientar também que é responsabilidade do Estado, de acordo com o art. 205 da Constituição Federal de 1988, o cuidado, a ampliação, revitalização e todas as ações que englobam o uso desses espaços educacionais e, como o descaso da atuação estatal é evidente, a forma como o livro e a leitura são entendidos pela coletividade não poderia ser diferente.

Sarriera e demais autores (2016, p. 107) afirmam que “o sentido de comunidade pode ser entendido como a própria representação de comunidade”, isto é, como o coletivo se enxerga é como ele de fato é, de modo que reforços positivos, a demonstração da importância do livro e da leitura e a criação de um senso de que tudo é de todos, podem vir a contribuir com uma melhoria da comunidade em relação a como ela capta o ambiente escolar.

Em se tratando de comunidade, a compreensão de como os bibliotecários, enquanto profissionais da informação, interagem frente às demandas sociais que se apresentam é relevante, haja vista que com as mudanças de interação e consumo da informação que acontecem frequentemente, o fazer profissional precisa ser adequado à realidade que se apresenta e moldado para contemplar os diversos grupos sociais. As comunidades também são entendidas como movimento de libertação ou opressão, dependendo da história que ela carrega e de como os indivíduos que a compõem mudam, ou não, o rumo dessa trajetória.

Não seria diferente em relação aos profissionais de biblioteconomia, que enfrentam o desafio de colaborar na mudança do paradigma em relação à visão que a sociedade possui dessa classe profissional, passando do sentido restritivo de pessoas que guardam o conhecimento contido em livros, para uma perspectiva mais ativa, do bibliotecário enquanto agente de transformação social, o que pode ser atingido através de diferentes iniciativas, como por exemplo, por meio de projetos de incentivo à leitura e práticas colaborativas, que mudem o cenário da escola pública, colaborando também para a mudança do corpo social em que ela está inserida.

Partindo da premissa de que as mídias sociais estão na imensa maioria dos lugares, então, pode-se compreender o uso delas para o incentivo à leitura, competência em informação e letramento informacional. Combater o avanço midiático

ou ignorar sua existência não contribui de maneira efetiva para a transformação social. O bibliotecário escolar, com todas as particularidades que envolvem sua função, possui um papel fundamental, como salientam Martins e Bortolin (2018, p. 59) “suas ações se encontram mais próximas dos pedagogos e demais educadores, pois sobre ele recai a obrigação em dividir a responsabilidade de educar”, mostrando assim a importância desse profissional atuando em escolas.

Com a mudança de abordagem de percepção sobre como a parte técnica é importante, mas não pode sobrepor todo o existir bibliotecário, que contempla mediação, disseminação e outras atividades que ampliam o laço bibliotecário-usuário, atividades baseadas nas experiências e expectativas dos alunos que utilizam a biblioteca escolar como fonte de informação precisam ser elaboradas e executadas, para que se possa reverter os índices alarmantes da educação básica.

Sobre o enfoque da leitura como um processo de democratização do conhecimento e da atuação profissional do bibliotecário como mediador cultural no processo de mediação, esta pesquisa se insere em um cenário político-social contemporâneo, a partir de uma temática de interesse social e inovadora, podendo contribuir e oferecer produtos que venham trazer à tona o papel da biblioteconomia como trabalho social na atualidade.

## **1.1 Problema**

Em se falando do profissional bibliotecário em escolas públicas das redes municipal e estadual de ensino em Sergipe, cabe salientar que não existe o código de vaga do profissional, o que dificulta a contratação deste para a atuação em bibliotecas, apesar de a profissão ser regulamentada desde 1962, pela Lei nº 4.084.

A Associação Profissional de Bibliotecários de Sergipe, que existe desde 1982 e atua em defesa da profissão no Estado, tem realizado atividades que visam à inserção dessa nomenclatura, para que sejam realizados concursos no Estado para provimento das vagas ociosas e a inclusão dos bibliotecários em escolas estaduais e municipais, em consonância com a Lei nº 12.244, aprovada em maio de 2010, que estabeleceu prazo de dez anos para que as escolas promovam a contratação desses profissionais para as bibliotecas, com bibliotecário responsável e acervo equivalente a, pelo menos, um livro por aluno matriculado. Audiências públicas já foram realizadas, bem como o envio de ofícios e manifestações com o

propósito de mostrar para a sociedade a relevância da profissão para o seu desenvolvimento social e político.

Apesar disso, só existem profissionais da área em algumas escolas particulares e, na biblioteca pública do estado, as contratações se dão por intermédio de cargos de comissão que não designam a nomenclatura correta da profissão e em quantidade insuficiente para atender a demanda. Diante desse cenário caótico, esses espaços se tornam locais de aplicação de punição para estudantes, como é relatado por diversos profissionais da área, ou lugares para se fazer lição de casa, deturpando completamente sua função social.

Outra questão relevante para a formulação do problema desta pesquisa é que a mediação da informação cultural por meio da leitura não tem sido utilizada no contexto das redes sociais, embora a maior parte dos alunos procurem por informações nessas plataformas, nas quais, contudo, há um maior risco de desinformação em razão da facilidade da disseminação de falsas notícias, o que tem representado complicações de ordem maior, que excede os limites da sala de aula. Como o profissional da informação, principalmente o bibliotecário escolar, pode agir para ampliar a capacidade de discernimento e melhoria nos processos de aprendizagem de alunos de uma escola pública? Que tipo de ações educativas um bibliotecário pode desenvolver para promover a leitura crítica e produção de conteúdos, potencializando a autoestima positiva de alunos da escola pública?

A hipótese é que a função da biblioteca nesse cenário torna-se primordial para a formação de sujeitos críticos e autônomos. Deste modo, eles podem sair da escola ao completar a sua formação com a capacidade de se apropriar da informação de maneira propícia, selecionando o que é válido, verdadeiro e efetivo de acordo com suas necessidades, transformando-se em um cidadão consciente de seus direitos e deveres, podendo promovendo o bem-estar em sua comunidade.

## **1.2 Justificativa**

Na presença do cenário exposto, torna-se de suma importância o desenvolvimento da leitura crítica entre os jovens, para que expandam seu repertório intelectual, aumentem o entendimento de si e do mundo e, como afirma Freire (1992), na medida em que se tornem íntimos do mundo em que vivem, que melhor o percebam e o entendam na "leitura" que dele realizem, seus temores possam progressivamente diminuir. E para mitigar os temores causados pela

desinformação, é importante a aquisição de competência informacional para a avaliação correta da informação recebida e o desenvolvimento de habilidades de leitura e pesquisa, para que as informações sejam validadas, podendo fornecer aos jovens estudantes da instituição um aumento na autoestima ao fazê-los perceber que podem vir a colaborar para a mudança social.

De acordo com dados do Censo Escolar de 2018, disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (BRASIL, 2018), 77% das escolas brasileiras de Ensino Fundamental são públicas. Dessas instituições que ofertam vagas do 6º ao 9º anos, 30,8% são estaduais, 46,97% são municipais, 22,16% são privadas e 0,06% são federais, totalizando 62 mil escolas. Em 2019, cerca de 82% dos estudantes do ensino fundamental regular frequentavam escolas públicas.

Em Sergipe, 38,3% dos estudantes frequentam instituições estaduais e 61,7% escolas municipais, segundo informações do INEP (BRASIL, 2018). Apesar do grande número de alunos na rede pública de ensino, cerca de 55% das escolas (BRASIL, 2018) não possuem biblioteca ou sala de leitura, o que é considerado um número elevado e, de acordo com o Anuário Brasileiro de Educação Básica de 2019, esse número ainda não foi alterado (CRUZ; MONTEIRO, 2019).

A Lei nº 12.244/2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas e determina que até maio de 2020 todas as escolas brasileiras, públicas ou da rede privada de ensino, tenham bibliotecas escolares, com no mínimo um título por aluno matriculado, ainda não é cumprida, assim como a Lei nº 9.674/98, que versa sobre a profissão de bibliotecário no Brasil, pressupõe que a coordenação obrigatória desse espaço deverá ser feita por um profissional formado nessa área, o que ainda está longe de acontecer, uma vez que não existe ainda um projeto efetivo para que essa necessidade seja suprida.

Freire (1992) relata que a compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca e, ainda que existam leis que amparem a existência e manutenção desses espaços, se faz imprescindível refletir que a justificativa maior para a existência de uma unidade informacional não pode ser simplesmente uma norma criada e posta em prática, mas sim a relevância do primeiro contato com o livro e todo o universo que ele carrega, ser na escola. O perfil dos alunos de instituições públicas de ensino é, em sua grande maioria, de alunos pobres, e de acordo com

os indicadores educacionais (BRASIL, 2018), o grau socioeconômico do Colégio Estadual Olavo Bilac é nível 2. Os níveis são divididos em 6 grupos e o nível 2 corresponde a alunos que em sua pluralidade possuem em suas residências bens elementares, como televisão e geladeira, até um banheiro e até dois quartos para dormir. A renda familiar mensal é de até 1 salário mínimo, tendo um dos seus pais ou responsáveis legais adentrado no ensino fundamental, sabendo ler ou escrever.

Um projeto que permita a esses alunos o entendimento do mundo ao redor, aliado à criação de hábitos de leitura – que por si só já colaboram com o desenvolvimento de aptidões de pesquisa e convívio social e a obtenção de ferramentas para compreender e analisar a informação recebida tem uma importância coletiva, já que, como foi explanado, o aumento das mídias sociais e consequentemente o aumento da informação disponível não ampliou o conhecimento, pelo contrário, está sendo utilizado para fomentar a desinformação. A utilização de redes sociais, como o *Youtube*, foi vista como sendo uma possibilidade de ampliar o diálogo a respeito da filtragem informacional e, em contrapartida, seria um elo significativo para desenvolver o diálogo entre os jovens, uma vez que é uma linguagem facilmente compreendida por eles e foi também apontado como uma fonte de entretenimento.

E por fim, alicerçado nos dados exibidos, espera-se que a adoção de atividades de incentivo à leitura contribuirá positivamente para a melhoria na aprendizagem, assim como para o fortalecimento da autoestima desses jovens que poderão desenvolver habilidades de compreensão de mundo, como relata Freire (1992), já que, de alguma maneira, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo por meio de nossa prática consciente, assim como entender e valorizar a importância da biblioteca para a comunidade em que ele está inserido, pois como Hooks (2017) reitera, quando a educação é prática de liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar, toda a comunidade é convidada a participar por intermédio das ações que virão a ser realizadas e da percepção do valor do livro e da leitura para o empoderamento.

### **1.3 Objetivos da pesquisa**

### 1.3.1 Objetivo Geral

Desenvolver práticas de leitura crítica, com jovens de idades entre 12 e 14 anos, alunos do Colégio Estadual Olavo Bilac, em Aracaju, por intermédio da interpretação e produção de conteúdo.

### 1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Investigar o consumo informacional e práticas de leitura entre os jovens de 12 e 14 anos do Colégio Estadual Olavo Bilac;
- b) Compreender o uso e o acesso informacional por intermédio das redes sociais;
- c) Delimitar temas que possam envolver os jovens com problemáticas de caráter sociocultural;
- d) Elaborar um guia, de forma padronizada, para que possa ser utilizado como exemplo para implantação de projetos de incentivo à leitura por meio de redes sociais em escolas.

## 2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O CAMPO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Com a colonização, em meados de 1500, e a intenção de catequização dos povos originários pelos padres jesuítas, assim como a alfabetização dos colonos que aqui habitavam, a importância da leitura começou a tomar forma (MORAES, 2006). O primeiro bibliotecário de que se tem notícia foi Antônio Gonçalves, que era jesuíta de origem portuguesa e atuou no Colégio da Bahia, em 1604 (FONSECA, 1979). Entretanto, o primeiro curso de Biblioteconomia brasileiro foi realizado em 1911, na Biblioteca Nacional.

As primeiras bibliotecas escolares, na concepção atual destas, foram criadas a partir de escolas jesuítas, que eram localizadas inicialmente na Bahia, sendo criadas também em outras regências ao longo do tempo. Entretanto, os colégios jesuítas não eram as únicas instituições que desempenhavam funções de biblioteca escolar, já que, no século XVII, outras ordens religiosas estavam desembarcando no país com suas escolas, proporcionando assim uma estruturação de acervo (SILVA, 2011).

Com a decadência dos conventos, a partir da circular de 1835, criada pelo Marquês de Pombal, que censurava essas instituições, muitos acervos bibliográficos foram abandonados e, em consequência disso, destruídos pela umidade e infestação de insetos, principalmente em regiões tropicais como o Norte e Nordeste (SILVA, 2011). A falta de mão de obra qualificada para a guarda e conservação desses acervos (MARQUES, 2006) foi também um dos fatores que merece destaque.

A partir da derrocada das instituições religiosas, outras instituições de ensino que se destinavam a educação tradicional ascendem, com enfoque no público infantil e seus responsáveis legais, porém, ainda possuíam inspiração religiosa e seguem assim por um período e, com o passar do tempo, assumem um novo formato:

A biblioteca escolar ganha uma nova configuração no final do século XIX e início do século XX. Todavia, são as bibliotecas escolares em colégios privados que se destacam, visando instituir métodos educativos com ênfase religiosa, uma vez que lá estudava a elite brasileira (grandes agricultores, empresários, comerciantes e intelectuais, entre outros) (SILVA, 2011, p. 6).

Apesar de possuir um caráter social, uma vez que atua de acordo com os valores vigentes na sociedade, desde sua criação a biblioteca como se conhece servia aos interesses institucionais e da elite, inicialmente com a Igreja Católica, bem como

dos colonos e poderosos da época. Além disso, como aponta Silva (2011), durante os séculos XIV e XIX, as bibliotecas possuíam um caráter especializado, já que, sua utilização era restrita a estudos religiosos e científicos, com a meta de aprimorar seus estudos individuais focados na religião que dela faziam uso, por sua vez, usavam o conhecimento adquirido para a catequese de índios e colonos.

Por volta da década de 1870, mais precisamente no século XIX, as bibliotecas escolares que estavam situadas em escolas privadas, com ênfase religiosa, começam a adquirir a noção que tem hoje, de espaço para apropriação e disseminação do conhecimento (CASTRO, 2000).

Quando se fala em formatos de bibliotecas tradicionais, há de se levar em consideração sua base e criação. Ela não foi criada com o propósito de atender a população carente e, em termos gerais, o seu propósito de democratização do conhecimento não é cumprido se não alcança toda a população.

Os instrumentos legais e pedagógicos para a instalação de bibliotecas escolares tiveram seu ápice na década de 1950, mais especificamente em Santa Catarina, onde eles foram consolidados (SILVA, 2011). Porém, entre o período de 1930 a 1980, observou-se que não existia uma política nacional direcionada a bibliotecas, entendendo suas especificidade e necessidade, pois dessa maneira. “[...] é perceptível apenas ações locais isoladas que foram perdendo força durante o transcurso histórico em virtude da falta de incentivo ou de mentalidade política e governamental continuada”. (SILVA, 2011, p. 9).

A biblioteca é um espaço que passou por diversas mudanças ao longo da história e tem uma tradição milenar de guarda e proteção da informação e para que isso seja feito da melhor forma possível é importante à criação e execução adequada de políticas públicas para o livro e a leitura, bem como o fortalecimento da importância do profissional bibliotecário para a sociedade, desmistificando o estereótipo de guardião do tesouro informacional, para o sujeito crítico, mediador social, que é uma função importante na profissão.

## **2.1 Biblioteca escolar**

Cada vez que o assunto inclusão é abordado, surgem diversas opiniões acerca do tema em sites, livros e até mesmo em rodas de amigos. O conjunto de ações que garantem uma participação igualitária, independente de gênero, classe,



social, etnia e condição física de pessoas na sociedade em que ela está inserida é denominada inclusão social e o local em que ela pode ser trabalhada de maneira lúdica e informativa é na escola, onde toda a diversidade se reúne e é um dos primeiros locais de convivência coletiva de um indivíduo.

A biblioteca escolar, como é vista hoje, denota de 1930 e como afirma Silva (2011), essa nova abordagem foi crucial para o pensamento e formulação de novos entendimentos sobre esse espaço do saber. Porém, somente nas décadas seguintes que esse formato se consolidou, a partir de um aprimoramento da política educacional, apesar de que, como ressalta Eggert-Steindel e Fonseca (2010), no âmbito nacional as reformas do ensino pautadas na Escola Nova realizadas por Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931-1935), legitimaram a biblioteca escolar no sistema de ensino.

Nessa mesma década, foi criado o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), por meio da Lei nº 378/1937 e o Instituto Nacional do Livro (INL), por meio do decreto de Lei nº 93 de 21/12/1937. O INEP tem como propósito "promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro com o objetivo de subsidiar a formulação e a implementação de políticas públicas para a área educacional" (BRASIL, 2018, p. 17). A missão do INL é complementar, uma vez que tem como base:

[...] promover o lançamento de obras de reconhecida importância para os estudiosos e que não interessassem comercialmente aos editores, estabelecer um cadastro geral e incentivar a criação de novas bibliotecas no país e concorrer para o enriquecimento das mesmas, fazendo-lhes longa distribuição de livros, diretamente adquiridos dos editores, publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Brasileira (INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO, 1959, p. 2).

Cabe salientar que a reforma educacional, como citado, foi necessária para o estabelecimento dos moldes adotados pelas bibliotecas escolares, na medida em que elas foram se popularizando e, como cita Silva e Bortolin (2018), embora fosse um período histórico em que o autoritarismo prevalecia, no Estado Novo houve uma preocupação com o nível educacional e cultural da população brasileira, uma vez que já se tinha a percepção que esses espaços, juntamente com o acesso ao livro, eram elementares para uma aprendizagem mais consistente. Buscando-se alinhar os conceitos de biblioteca escolar contextualizada como a sua consolidação como espaço social e cultural do conhecimento, o quadro 1 apresenta um recorte temporal das suas principais compreensões.

**Quadro 1** – Múltiplas compreensões sobre biblioteca escolar

Ano	Autor	Definição
1990	Else Benetti Marques Valio.	Como mediadora, a biblioteca escolar é uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, coopera com a educação e com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola (p. 20).
2007	Bernadete Santos Campello et. al	espaço adequado para desenvolver nos alunos o melhor atendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea (p. 9)
2010	BRASIL	Considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura,
2011	Adelaide Ramos e Côrte e Suelena Pinto Bandeira	É um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito da leitura (p. 8)
2011	Cláudio Marcondes de Castro Filho e Lucília Maria Sousa Romão	Espaço de confluência, imbricação, encontro e diálogo de várias vozes, manifestas em livros, revistas, jornais, quadrinhos, filmes, etc.; é ainda local de aprendizagem, leitura e fomento cultural (p. 139).
2011	Sílvia Castrillón	A biblioteca escolar é uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educativo e participa de seus objetivos, metas e afins (p. 22)
2012	Glória Durban Roca	Contexto de aprendizagem onde, graças à interação com determinados recursos, processos de ensino aprendizagem e práticas de leitura são facilitados (p. 26).
2012	Lúcia Maroto	Centro dinamizador da leitura e difusor do conhecimento produzido pela coletividade (p. 75).

(conclusão do quadro 1)

Ano	Autor	Definição
2015	IFLA	A biblioteca escolar é um espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural (p.19)
2018	BRASIL	Equipamento cultural obrigatório e necessário ao desenvolvimento do processo educativo.

Fonte: organizado pela autora a partir do corpus da pesquisa (2020).

Em uma perspectiva temporal, a análise do quadro supra identifica que as compreensões sobre biblioteca escolar estão vinculadas inicialmente e de uma maneira geral como ambiente vinculado ao apoio das práticas educacionais e de aprendizagem sendo ampliadas a partir de 2000 como espaço de amplitude educacional, cultural e de mediação de práticas de leitura como contributo para a socialização do conhecimento.

Destaca-se o conceito de 2010 disposto no art. 2º da Lei nº 12.244 que trata da universalização das bibliotecas escolares que apresenta uma definição que restringe o papel social e cultural da biblioteca escolar, não correspondendo ao atual contexto social do conhecimento. Em contrapartida apresentamos o conceito de BE proposto pelo Projeto de Lei nº 9.484 de 2018, já aprovado pela Câmara dos Deputados e em fase de redação final pelo Senado Federal, que amplia e justifica o verdadeiro papel da BE como equipamento obrigatório, elevando esse espaço a uma unidade de aprendizagem e de múltiplas possibilidades de atuação para o processo de ensino-aprendizagem.

Almeida Júnior (2017), em seu artigo intitulado “Biblioteca pública: ambiguidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário”, enfatiza que existem duas conotações para o ambiente da biblioteca pública, que pode também ser remetido ao de biblioteca escolar em escola pública: a conformista e a revolucionária. Na maioria das vezes, a conformista é a abordagem utilizada, uma vez que, com o foco na guarda e conservação da informação, a mudança de estereótipos da profissão caminha a passos lentos. Ele afirma também que a imagem tradicional do profissional-mulher, de óculos e aparência de brava, é deveras ultrapassada. Infelizmente, a

abordagem padrão em produções audiovisuais é a anteriormente citada e essa referência imagética acaba fazendo parte do imaginário popular, reforçando os estereótipos atribuídos à profissão, trazendo também um questionamento sobre o papel da mulher na sociedade, que é limitado a locais definidos e de atendimento, ou de apenas uma pessoa que cuida e zela pelos espaços.

Como advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), as bibliotecas que usam recursos multimídia em seus espaços atrelados aos seus escopos tradicionais foram denominadas 2.0. As bibliotecas 2.0 necessitam de um bibliotecário que possua competência para atuar com esses meios, o que seria por definição um bibliotecário 2.0. Maness (2007, p. 44) reitera que o espaço que possui “a aplicação de interação, colaboração, e tecnologias multimídia baseadas em web para serviços e coleções de bibliotecas baseados em web” pode ser definido dessa forma e o fazer profissional precisa se adequar a essa atuação.

Os rótulos precisam ser redefinidos e a profissão ter um destaque maior, haja vista que sua atuação possui uma enorme responsabilidade social, como é destacado por Almeida Júnior (2017) quando afirma que “alimentando a população com informações que interfiram e tornem transparentes o jogo de poder e as relações de classe”, isto é, contribuir para a consciência de classe do sujeito no coletivo onde ele está inserido, bem como “servindo de contraponto em relação aos meios de comunicação de massa”, que é onde o bibliotecário demonstra o valor da informação de qualidade e que venha do povo (bibliotecário como cidadão), para o povo (quem o profissional deve beneficiar).

No II Congresso de Bibliotecas e Bibliografia (1935), Ortega y Gasset proferiu um discurso sobre a missão do bibliotecário, que anos mais tarde vem a se tornar um livro muito utilizado em cursos de biblioteconomia em todo o país. Em sua obra intitulada “Missão do Bibliotecário”, Ortega y Gasset (2006, p. 3) afirma: “missão significa, antes de tudo, aquilo que o homem deve fazer em sua vida. Pelo visto, a missão é algo exclusivo do homem”.

O autor supra citado, por ter uma formação em filosofia, valoriza o propósito de cada um e sua existência como um todo. O bibliotecário como mediador da leitura possui também um desta que em sua obra, como podemos observar neste trecho: “nesta dimensão de seu ofício imagino o futuro bibliotecário como um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 46), expondo dessa forma a função social do bibliotecário, que além de atuar como um

filtro entre o usuário e a informação, precisa ter um profundo senso de empatia e cidadania.

Segundo o Manifesto IFLA/UNESCO (1999), que estabelece as intenções da biblioteca escolar e sua missão, pode-se visualizar que uma das suas funções como coletivo é promover serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e usuários efetivos da informação, em todos os formatos e meios, ou seja, desenvolver a autonomia do usuário, sua inclusão na sociedade por meio do conhecimento adquirido nessa interação e colaboração no desenvolvimento do seu papel como cidadão.

Nesse sentido, a IFLA/UNESCO (1999) reitera também que é um dos objetivos organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade, isto é, além do entendimento de si mesmo, o aprendizado emocional é estimulado; proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia, trazendo a tona o conceito de pertencimento à comunidade, bem como o de que não existe democracia de fato sem o entendimento correto de mundo e de como tudo é político, inclusive a neutralidade.

Historicamente, no contexto brasileiro, as bibliotecas escolares e as públicas se confundiam, uma vez que não encontrando recursos para a pesquisa em instituições de ensino, o aluno recorria às bibliotecas públicas, que também enfrentavam dificuldades e, como afirma Eggert-Steindele Fonseca (2010), esses espaços públicos passam a abrigar todo o acervo das instituições escolares.

Silva (2011) reitera que, passado o período entre as décadas de 1930 e 1980, uma política nacional para bibliotecas, que possa compor um conjunto de ações integradas entre os diversos tipos de biblioteca, se torna necessária, pois durante o referido período apenas ações locais eram realizadas e, com o passar do tempo, elas foram perdendo força.

Dito isso, é relevante salientar que, como ressalta Almeida Júnior (1997), as bibliotecas públicas e escolares não se fundem numa só, pois possuem objetivos diferentes. Para estabelecer as diferenças é necessário enfatizar que a biblioteca como espaço de saberes não é um mero depósito de livros/revistas e o profissional que nela atua não é apenas catalogador. Ademais, é importante lembrar que o mais importante nesse ambiente, além do usuário, é a informação e a necessidade de

transformá-la em conhecimento. A biblioteca não precisa ser apenas o local onde a informação é disseminada, ela pode e deve ser o local onde as informações são produzidas, criando atributos que despertem o interesse em seu uso

A Agenda 2030 da ONU, que define parâmetros a serem alcançados para o desenvolvimento sustentável, por meio de 17 objetivos para transformar o mundo, possui dois itens que são norteadores para este trabalho: o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 e o 10. O ODS de nº 4 discorre sobre educação de qualidade e define que o seu objetivo é “assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos” (ONU, 2015, *on-line*) e o bibliotecário, como agente ativo da transformação social, tem um papel importante nessa educação inclusiva, por meio do desenvolvimento de ações que promovam a inclusão - seja ela social ou digital - e da promoção da aprendizagem como condição crucial para o desenvolvimento do coletivo.

O ODS de nº 10 trata da redução de desigualdade dentro dos países e entre eles e a finalidade dessa redução é “empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra” (ONU, 2015, *on-line*), o que coloca novamente o profissional da informação como peça importante para que essa mudança ocorra. Vale salientar que no manifesto da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) do ano de 1994 já constavam esses itens abordados anteriormente.

Campello *et al.* (2007) afirma que a reprodução do ambiente informacional da sociedade contemporânea, pode colaborar para a aproximação da biblioteca escolar com a realidade vivenciada por seus alunos, no campo profissional e/ou da cidadania e, por meio dessa observação e com propósitos delineados, é possível atingir os objetivos propostos pela ONU e melhorar a qualidade de vida dos usuários. A biblioteca escolar, de maneira geral, possui como público específico, crianças e adolescentes, que na utilização desse local, podem vir a ter o primeiro contato com o livro e, como discorrem Castro Filho e Copolla Júnior (2012, p. 34) “a biblioteca escolar está inserida em uma instituição de ensino, com a finalidade essencial de atender as necessidades da comunidade escolar”, demonstrando assim sua missão.

Para que o potencial da biblioteca escolar seja utilizado integralmente, pontes precisam ser construídas, essencialmente entre o bibliotecário que atua nesse

espaço e o corpo docente da instituição, para que as ações de incentivo à leitura, pesquisa e cultura sejam alinhadas e realizadas com a participação efetiva dos estudantes e, em relação a isso, Corrêa *et al.* (2002) reconhece que encantar os alunos e fazer com que eles se sintam acolhidos na biblioteca é uma tarefa árdua, porém que rende bons resultados, assim como:

O bibliotecário precisa participar ativamente de todos os acontecimentos que circundam o ambiente escolar, bem como ter conhecimento da política educacional da instituição na qual atua, estando atento a todos os aspectos que envolvem seu trabalho no contexto escolar, interagindo também através da parte técnica necessária ao bom funcionamento da biblioteca (CORRÊA *et al.*, 2002, p. 118).

O autor cita a parte técnica como importante, mas não como peça fundamental na abordagem educacional, mostrando assim que o espaço físico e as ferramentas para a correta utilização do espaço não devem estar em primeiro plano na atuação do profissional da informação em ambiente escolar, sendo necessário adaptar-se em cada espaço de trabalho, observando o público ao qual se deseja alcançar e definindo métodos para que esse alcance seja realista e cumpra seu papel principal, que é o de criar elos e possibilitar a inserção da comunidade escolar na leitura.

## **2.2 Biblioteconomia e sua função social**

O dicionário Aurélio (2017) apresenta o significado do verbete *social* como sendo o sujeito pertencente a uma comunidade, uma sociedade humana ou até mesmo como o relacionamento entre indivíduos, demonstrando que esse termo se entrelaça com o trabalho da biblioteca como espaço agregador e com a ação do bibliotecário como o sujeito que promove o fortalecimento desse vínculo. De maneira geral, o termo social carrega consigo o estigma de ser algo relacionado à caridade, o que não o deturpa, mas fere o sentido do todo, como algo que possa ser utilizado por um conjunto de pessoas e, da mesma forma, precisa ser cuidado e zelado por esse mesmo coletivo.

Entretanto, a realidade não é tão animadora, uma vez que historicamente a biblioteca possui uma função de guardião do conhecimento, em detrimento do que exige uma visão global, que é o da disseminação. É notório que a biblioteconomia possui caráter tecnicista, contudo, a divulgação da informação de maneira transparente e que promova uma melhoria na comunidade ainda enfrenta barreiras e

A disseminação é entendida hegemonicamente na área como o serviço fim, como o último momento das ações e atividades desenvolvidas pelos profissionais da Biblioteconomia. Mais: a disseminação é compreendida apenas como a oferta física dos documentos, como o acesso físico aos documentos por parte dos usuários, ou, como quer a maior parte dos que atuam ou estudam a área, a disseminação significa o acesso físico à informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2018, p. 17).

Por seu caráter interdisciplinar, uma vez que dialoga com a arquivologia, museologia, e pelas pontes estabelecidas com as Ciências Humanas, principalmente com a Sociologia, a História e a Filosofia, e com as Ciências Sociais Aplicadas, como Administração e Comunicação, a Biblioteconomia tem uma responsabilidade social que perpassa todo o seu trabalho técnico. Com a sua estrutura baseada em guarda, tratamento e disseminação da informação, a contribuição para a comunidade é inerente, uma vez que com a evolução do fazer bibliotecário, o papel de protetor da informação deu lugar ao papel de mediador, tendo essa perspectiva ficado mais evidente graças ao advento das redes sociais.

Silva (2018) aponta que o entendimento sobre o conceito de social envolve, primeiramente, a percepção de compartilhamento e partilha entre sujeitos, sendo um dos legados vitais da Biblioteconomia contemporânea, uma vez que essa troca contribui para o crescimento coletivo entre os sujeitos sociais.

A biblioteca como organismo vivo e em constante crescimento, de acordo com o quinto preceito de Ranganathan (2009), precisa se adequar à realidade da comunidade em que está inserida, com suas dificuldades e necessidades. Contudo, o panorama atual da sociedade não deixa dúvidas a respeito disso, bastando observar como a cultura é vista no país, bem como a profissão de bibliotecário, uma vez que:

Alguns bibliotecários continuam sonhando – por ingênuo desejo de status e prestígio institucional – com leitores eruditos e bem vestidos, quando deveriam rejubilar-se com a visita acanhada do lavrador maltrapilho que indaga sobre princípios de puericultura (MIRANDA, 1978, p. 2).

Como uma profissão que tem como juramento o “prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana” (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 1966) tem como sua marca registrada o caráter tecnicista, quando até mesmo o que a norteia é uma atividade humanitária? Esse afastamento da base profissional afeta o modo como o coletivo enxerga esse ofício, de maneira que é importante uma mudança de olhar para atender às demandas de



um público que não consome a informação da mesma maneira. Freire (1996) afirma que somos seres condicionados e não determinados, sendo assim, por mais que condições adversas sejam impostas, é sempre possível mudar uma realidade e o bibliotecário precisa trazer pra si essa responsabilidade social, de transformação do indivíduo, mudando assim a coletividade.

Bufrem (1985) diz que a biblioteca será uma instituição atuante e viva enquanto atender às necessidades da sociedade, procurando alcançar os valores que representam o ideal e fundamentam a ação social, então, além de objetivar uma melhoria coletiva, essa apropriação do valor comunitário é de importância vital para a continuidade da profissão, já que com o advento da *internet* e de outras mídias torna-se necessário ressignificar o fazer profissional. Ainda que a profissão exista e resista enquanto houver informação, independente do suporte, pensar em formas de incentivo à leitura trazendo o livro como personagem principal é de suma importância, uma vez que o trabalho de preservação da memória e do saber que é de sobremaneira tradicional para a profissão não precisa ser relegado, apenas adaptado.

Almeida Júnior (2008) observa que por mais que se saiba da importância do livro, de o colocarmos como artigo de primeira necessidade na formação humana, no auxílio à criação do senso crítico e da consciência dos sujeitos, ele não é reconhecido dessa forma pelas pessoas que dele necessitam, demonstrando a importância da profissão na construção desse saber e no auxílio à aquisição de direitos fundamentais a uma comunidade, colaborando assim na modificação de toda uma estrutura social, que é baseada em uma elite que decide os rumos do país em detrimento de uma classe trabalhadora que tem seus direitos subtraídos e sua força de trabalho explorada, sendo cada vez mais escasso o acesso à educação e ao conhecimento, bem como ao lazer e à cultura.

A sensação de pertencimento é necessária para que os usuários de uma biblioteca entendam que fazem parte da construção do conhecimento, internalizando assim a função social que esse espaço cumpre como sendo o da democratização do conhecimento. Nesse sentido, Almeida Júnior (2018) observa a necessidade de uma biblioteconomia que subverta a ordem das atuais prioridades, ou seja, que busque, compartilhe e entenda os interesses populares e que amplie a voz dos oprimidos.

## 2.2.1 Políticas públicas para a Biblioteca Escolar

Para compreender a importância das políticas públicas em uma sociedade justa e democrática, é necessário entender do que se tratam e a quem se destinam, sendo, na maioria das vezes, frutos de organizações e movimentos sociais. As políticas atendem a uma demanda de que a população necessita, sendo de suma importância para a equidade entre os povos. Secchi (2017) afirma que políticas públicas tratam dos conteúdos concreto e simbólico de decisões políticas, e do processo de construção e atuação dessas decisões, ou seja, são normas criadas para elucidar questões de natureza coletiva.

As políticas públicas atingem todos os cidadãos de um país, independente de credo, raça, nível social e orientação sexual, devendo ser pensadas com o intuito de promover o bem-estar social, e o seu cumprimento efetivo possibilita o equilíbrio entre diversas áreas, como saúde, educação, moradia, assistência social, entre outros. Souza (2006) enfatiza que a política pública é um campo do conhecimento que busca ao mesmo tempo “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente).

A Constituição Federal (CF) brasileira, em seu Artigo 206, dispõe que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III- pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV- gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- V- valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas;
- VI- gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII - garantia de padrão de qualidade;
- VII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal (BRASIL, 1988).

Além de assegurada pela Carta Magna, a proposta de uma educação gratuita e de qualidade foi reformulada a partir da década de 1990, com a aprovação da Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que definiu os rumos e serviu de farol para a gestão educacional. Além da gestão propriamente dita, a LDB também serviu para o estabelecimento de políticas de formação de profissionais da educação, programas de avaliação educacional e institucional e diversas medidas com o objetivo de desenvolver e melhorar a qualidade

do ensino, ampliando a obrigatoriedade da educação básica, que é composta pela Educação Infantil e pelos Ensinos Fundamental e Médio.

A UNESCO conceitua a Educação Básica como todo o conjunto de atividades educacionais que ocorrem em vários contextos, e que visam a atender às necessidades básicas de aprendizagem, conforme definidas na Declaração Mundial sobre Educação para Todos (IFLA; UNESCO, 2016).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 assegura que é direito de todo ser humano o acesso à educação e à informação, que é um dos requisitos básicos para uma sociedade ideal, justa e igualitária (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948). Baseadas nisso, as bibliotecas escolares fazem parte do contexto de ensino-aprendizagem e são de importância ímpar para o cumprimento correto das diretrizes propostas para a universalização do ensino, sendo necessário observar se o acesso à educação e informação são efetivamente alcançados.

Entre as políticas existentes, pode-se citar o PNLD, financiado pelo Fundo Nacional da Educação e que informa em seu site que um dos seus objetivos é o incentivo ao hábito da leitura e a formação de alunos e professores leitores. O incentivo à leitura, como é informado pelo projeto, é feito apenas com a distribuição dos livros, independente se a escola que receberá as doações possui biblioteca ou algum espaço destinado à leitura dos exemplares.

Outra política direcionada à leitura é o Programa Nacional do Livro e Leitura (PNLL), criado e mantido pelo Ministério da Cultura, que entende ser necessário um esforço contínuo para a formação de uma sociedade inclusiva e leitora, e que segundo o caderno “Estado e sociedade atuando pelo desenvolvimento da leitura no Brasil”, publicado em 2010,

as diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil (e, em particular, à biblioteca e à formação de mediadores), apresentadas neste Plano, levam em conta o papel de destaque que essas instâncias assumem no desenvolvimento social e da cidadania e nas transformações necessárias da sociedade para a construção de um projeto de nação com uma organização social mais justa (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2010, p. 21).

O Programa Nacional Biblioteca na Escola é uma política pública que segue a linha das políticas citadas anteriormente no tocante ao incentivo à leitura como base para a formação educacional de crianças e jovens. No site oficial consta que o objetivo desse programa é prover as escolas de ensino público das redes federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, no âmbito da educação infantil (creches e pré-escolas),

do ensino fundamental, do ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA), com o fornecimento de obras e demais materiais de apoio à prática da educação básica.

As bibliotecas públicas, apesar de intimamente ligadas à educação, não estão inseridas nessa área, institucionalmente, elas estão inseridas na área de cultura, ou seja, são as políticas culturais, por meio da administração pública e do conjunto de leis e regulamentações, que buscam soluções para o fortalecimento dessas bibliotecas, estabelecendo ações com caráter permanente.

O Estado brasileiro, por intermédio da aprovação da Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, já citada anteriormente, efetivou um grande passo na educação brasileira, tornando obrigatória a universalização da biblioteca escolar. O grande avanço consiste em reconhecer o papel do bibliotecário e a missão da biblioteca escolar. Anteriormente a essa lei, somente eram contempladas as bibliotecas universitárias face à exigência do Ministério da Educação, na aprovação e manutenção de cursos superiores. O projeto de Lei nº 12.244 de 2010 é o vislumbre mais promissor da área para que esses espaços sejam ocupados pelos profissionais, o que pode vir a promover grandes avanços sociais para as comunidades.

Contudo, é importante salientar que a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou o projeto de Lei de nº 9484/18, de autoria da deputada Laura Carneiro, que altera a Lei nº 12.244/10, prorrogando o prazo final que outrora era de 2020 para 2024 e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares, visando integrar todas as bibliotecas escolares do país à *internet* e estabelecer parâmetros mínimos de funcionamento para as instalações físicas das bibliotecas. Silva *et al.* (2019, p. 24) reitera sobre a necessidade de captar que a abordagem sobre “políticas públicas requer o entendimento de que estas não se configuram como dádivas do Estado; são vistas, contrariamente, como frutos de reivindicações populares que advém das demandas sociais”, o que reforça a necessidade de organização da classe para atingir seus objetivos.

### **2.3 A biblioteca como ambiente da mediação da informação**

O que define uma boa biblioteca? Há quem diga que o principal é um acervo atualizado, outros indicam, como primordial, a climatização do ambiente e, mais ainda, há quem afirme que um espaço amplo seja vital. Porém, uma boa biblioteca se faz com profissionais qualificados e aptos a utilizar todos os recursos que a biblioteca

possua - ou não, para que os usuários usufruam da melhor possível. Lanzi, Ferneda e Vidotti (2013, p. 122) reiteram que

É necessário também oferecer propostas inovadoras para o desenvolvimento do aluno, capazes de atuar como instrumentos transformadores do cotidiano da sala de aula – onde o professor, na maioria das vezes, é o único canal de informações – ampliando o campo de debates, de conflitos e de informações.

Ou seja, ser um agente transformador e encontrar respostas, ou até mesmo fazer novas perguntas, com os usuários.

Leal (2005, p. 74) afirma que “a biblioteca não tem uma função complementar: pelo contrário, sua função é ser o centro do currículo e da escola, o eixo que garante e sustenta os processos de ensino e aprendizagem”, salientando a necessidade de uma correta utilização desse espaço, não como depósito de livros ou ainda como local de castigo para alunos indisciplinados, e sim um ambiente acolhedor, que propicie uma aprendizagem humana e que estimule a autonomia do educando. Para que essa proposta funcione, a forma de ensino precisa ser modificada, colocando o aluno como participante ativo do processo, o estimulando na descoberta do saber, na pesquisa e despertando a curiosidade, para além das tarefas obrigatórias do currículo, e utilizando todos os recursos disponíveis, ensinando de maneira interdisciplinar.

Apesar de inúmeros estudos apontarem a relevância pedagógica e os benefícios da biblioteca escolar para a aprendizagem, esse ambiente, na maioria das vezes, não é utilizado de maneira abrangente e, de acordo com Silva (1995), quando existem bibliotecas na escola, esses espaços não passam de depósito de livros e de outros objetos, com horários de funcionamento irregulares, sem levar em conta a necessidade escolar e, ainda, mantêm como atendentes professores readaptados, que são profissionais, geralmente professores e ou servidores efetivos, que por solicitação própria ou por problemas administrativos, são realocados para setores com mão-de-obra escassa. Essa situação é deveras preocupante, uma vez que o primeiro contato da maioria dos estudantes com o livro é em uma biblioteca escolar.

Borba e Martins (2015) discorrem sobre um inovador processo de mediação, no qual o usuário produz seu conhecimento e, nesse contexto, o bibliotecário/mediador seria um provocador, colaborando para a autonomia na aprendizagem, por meio da interação com o público, construindo novos saberes, trocando informações e ressignificando conceitos.

### 2.3.1 Mediação informacional: panorama na ciência da informação

A literatura especializada na área de informação costuma conceituar a mediação da informação como uma conexão entre dois pontos - ou no caso específico, pessoas - que por diversos motivos não conseguem se conectar de maneira efetiva e, utilizando tal recurso, esse elo é realizado.

A Enciclopédia Intercom de Comunicação (2010, p. 795) define a mediação como a ação humana reflexiva, independente do meio, pois depende apenas do corpo físico do agente e de sua capacidade reflexiva. No âmbito do Direito, a mediação é uma forma de resolução de conflitos comumente utilizada e, conforme aponta Sales (2007, p. 23), é um procedimento consensual de solução de conflitos, por meio do qual uma terceira pessoa imparcial, escolhida ou aceita pelas partes, que age no sentido de encorajar e facilitar a resolução de uma divergência

Entende-se, portanto, que a mediação depende da ação humana para acontecer e, conforme Almeida Júnior e Santos Neto (2014, p. 100) apontam, “a mediação ocorre quando há interferência de alguém, este que interfere é denominado como mediador”.

O ato de mediação na ciência da informação envolve todos os processos biblioteconômicos, desde a seleção, classificação, guarda, entre outros e, segundo Almeida Júnior e Santos Neto (2014), a mediação faz parte do próprio objeto da área da informação, transformando o objeto de estudo de disseminação para a mediação em si.

Para o autor, baseada na perspectiva informacional, a mediação da informação pode ser definida como *implícita*, quando é utilizada em atividades meios da área informacional, como aquisição de materiais bibliográficos e no processamento técnico, quando existe uma seleção prévia e específica do que será destinado aos usuários; e como *explícita*, quando realizada em áreas fins do processo, como em serviços de atendimento e referência, quando há contato direto com o usuário final da informação.

Atuando como um intermediador informacional, sugere-se que o profissional da informação tenha um perfil ativo e entenda que o espaço que ele ocupa não é isento de interferências, tanto internas quanto externas, e que o fator humano é tão importante quanto a investigação a ser realizada, sendo necessário, em alguns casos, fortalecer esse elo para que a produção de conhecimento se efetive. Com a

observação desse fato, é importante ressaltar que:

A mediação da informação está relacionada então, num primeiro momento, à interferência do profissional da informação a satisfazer as necessidades informacionais do indivíduo, mas que ao mesmo tempo provoque novos estímulos e novas necessidades a partir da informação apropriada por ele, como se pequenas fagulhas se ligassem a partir da informação recebida, gerando uma necessidade de maior reflexão sobre essa nova informação (FERNANDES, 2019, p. 45).

A autora supramencionada defende que a criação de novos impulsos de leitura e obtenção de conhecimento, por meio dessa interferência realizada, beneficia o aprendizado e aquisição de saberes, fortalecendo os vínculos dos beneficiários desse movimento, e pode vir a gerar uma necessidade de aprofundamento do que se aprende, facilitando assim a reflexão. Nesse contexto, o foco do mediador precisa ser não só a oferta abundante de elementos informacionais, mas também como a mediação pode ser realizada, de modo a facilitar sua utilização, a apropriação e transformação em conhecimento, por parte do usuário final.

Almeida Júnior (2018) explicita que as ações do profissional da informação não são neutras ou imparciais e sempre vão resultar em uma interferência. Em um ambiente como a biblioteca escolar, essa intervenção precisa considerar o público a que se destina, o acervo e a necessidade imediata de seus usuários, podendo os interesses variarem entre entretenimento ou o conhecimento aplicado a políticas públicas, por exemplo. Ser imparcial é muito complexo nesse aspecto e, como afirma Freire (2011), todos somos orientados por uma base ideológica, o que é significativo para o profissional que vai atuar em espaços comunitários é saber se essa ideologia visa à inclusão do sujeito ou a exclusão e apagamento deste.

Segundo Silva e Farias (2017, p. 115)

Os bibliotecários devem pressupor que suas ações mediarão o conhecimento entre os documentos e seus usuários. Nesta relação, às estratégias de organização do conhecimento contribuem para efetivar o acesso do usuário às informações de que precisa para apreender, transferir e transcender o conhecimento.

Ou seja, de acordo com os autores, para a mediação acontecer de forma efetiva, as informações precisam estar ordenadas, a fim de facilitar a troca de conhecimento. Na mediação que ocorre com a finalidade de incentivo à leitura, é relevante frisar ser essencial um mediador qualificado e que esteja a par das necessidades dos leitores, para que, assim, ocorra um melhor desenvolvimento das atividades e uma troca proveitosa entre mediador e leitores.

Os benefícios da utilização efetiva da interferência feita de maneira estruturada são inúmeros. Nesse sentido, é significativa a compreensão de que:

Entendemos que a mediação da informação e a biblioteca escolar pensadas de forma coletiva podem promover um conjunto de contribuições para a comunidade escolar valorizando a construção social do conhecimento, assim como valorizando as questões sociais e interacionistas que norteiam o acesso e uso da informação. Por isso, acreditamos que a mediação da informação pode ser expressada de muitas formas no âmbito das bibliotecas, inclusive a escolar, dependendo dos contextos sociais e cotidiano das comunidades que estão inseridas (SILVA; SILVA, 2012, p. 2).

De acordo com os autores supracitados os resultados de uma mediação ativa perpassam os usuários de uma biblioteca escolar, colaborando com toda a comunidade que poderá vir a colher os frutos dessas ações.

Entretanto, para que os resultados de ações de intervenções em espaços escolares ocorram é necessário que o profissional da informação foque no papel disseminador e agregador da informação, já que tradicionalmente o enfoque é na guarda e preservação, que também são temáticas respeitáveis, como mencionado abaixo

Para que a biblioteca tenha o seu lugar de destaque na instituição escolar, faz-se necessário que os responsáveis por sua dinamização (bibliotecários, professores e outros profissionais) desenvolvam estratégias organizacionais menos rígidas e burocráticas, que possibilitem o exercício de liberdade e autonomia do leitor/pesquisador naquele espaço e facilitem o seu livre acesso à informação. Esses profissionais não podem esquecer que o seu fazer educativo constitui-se, mais especificamente, no desenvolvimento de ações de mediação e de incentivo à leitura e à pesquisa junto à comunidade escolar (MAROTO, 2012, p. 65).

O acesso livre e a autonomia de pesquisa são fatores importantes que Maroto (2012) cita em sua observação. O estímulo à leitura não pode se sobrepor à aquisição de habilidades sociais que acompanham o estudante em sua passagem pela escola, assim como o desenvolvimento de sua independência, o que é muito benéfico e precisa ser incentivado. Uma postura ativa do bibliotecário nesse sentido contribui para a aquisição de hábitos e para o fortalecimento na relação do estudante com o espaço da biblioteca, quebrando o estereótipo de que ela é destinada apenas a um nicho específico de público.

### 2.3.2 Ações culturais mediadas em biblioteca escolar

Em busca de um conceito homogêneo que define o que é de fato mediação, Almeida Júnior e Bortolin (2007, p. 8) afirmam que



podemos dizer que medianeiro, mediatário ou mediador é todo profissional que tem a responsabilidade de acompanhar um leitor durante a sua formação ou mesmo depois de formado (na medida em que a formação é contínua) quando em dúvida ou desencorajado, solicita uma sugestão.

Ou seja, o trabalho de mediar não se encerra com o atendimento ao usuário, ele tem ali o seu início apenas e cabe ao mediador desenvolver ferramentas para que essa atividade seja satisfatória.

A definição de cultura é importante para compreender o que pode vir a ser uma ação de mediação cultural, apesar de existirem diversos significados para essa palavra e as discussões sobre essa temática serem amplas. Segundo Santos (1986,p. 41) a cultura é “todo conhecimento que uma sociedade tem sobre si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre a própria existência”, ou seja, um conjunto de práticas e de condutas, que são passados entre gerações, observando as especificidades do indivíduo, que podem ou não reverberar no coletivo. Teixeira Coelho (1997) afirma que política cultural é o conjunto de intervenções dos poderes públicos sobre as atividades artístico-intelectuais ou simbólicas de uma sociedade, para além da política de educação ou de ensino formal. Nesse sentido, é importante salientar que, por mais que o conceito de cultura seja definido com base no conhecimento social acerca de si, os países com histórico de colonização, como o Brasil, por exemplo, têm toda uma base cultural eurocêntrica, como aponta Cesnik e Beltrame (2005, p.14)

[...] essa tendência cosmopolita se revela pela adaptação dos temas locais, de cultura popular, transformando-os em cosmopolitas, pela adaptação da linguagem e do suporte. Fala-se a língua universal, as lendas são contadas em formato universal e o suporte para sua transmissão é o de alcance planetário. Essa nova universalidade é criada com base em elementos artificiais próprios da cultura de massa da civilização moderna.

Isto é, a substância principal que forma o elemento humano não é considerada, sendo utilizado apenas o fator dominante social em questão, perdendo assim todas as nuances que formam o indivíduo. Como exemplo, pode-se citar o ensino de História na escola, disciplina que, ao tratar das colonizações das Américas, romantiza toda a perspectiva histórica com base em um suposto descobrimento, em detrimento da palavra invasão, por exemplo.

Para que houvesse o ensino adequado de História da cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas, do fundamental ao médio, foi necessário o projeto de Lei de nº 10.639/03, que dispõe sobre novas diretrizes curriculares para

o estudo dessa disciplina. Para isso, os professores precisam destacar em sala de aula a cultura afro-brasileira como base para a formação da sociedade do país como a vemos hoje, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, e a biblioteca precisa cumprir seu papel de formação para a cidadania com o incentivo do consumo das obras de autores negros, isso para citar aqui apenas uma amostra das atividades que podem ser realizadas nesse espaço.

Com essa perspectiva, busca-se a valorização do negro e sua contribuição para o coletivo, por meio da dança, culinária e música, inclusive as religiões de matriz africana, mostrando assim uma base cultural com entendimento factual e valorização da ancestralidade. Araújo (2013) salienta que para compreender a essência de uma cultura é preciso obrigatoriamente observar o cotidiano coletivo como produto da atividade humana, o qual se encontra dentro de um contexto social específico.

A ação cultural é um produto dos costumes, uma atividade que envolve conceitos culturais e pode vir a desenvolver a cultura do indivíduo, alterando o seu olhar para si mesmo e para o mundo. Santos (2015, p. 1) afirma que “ação cultural é a criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim sujeitos da cultura e não seus objetos”, ou seja, se afirmando como seres sociais e integrantes de um coletivo, reforçando esses laços e transmitindo esses saberes. Com base nisso, é pertinente afirmar que a biblioteca, como local de trocas e aprendizados, torna-se um importante espaço para o desenvolvimento de ações culturais, incluindo dessa forma a comunidade em que ela está inserida e os agentes culturais - bibliotecários, professores - seriam facilitadores desse processo.

Milanesi (2013, p. 98) afirma que as ações culturais “[...] giram em torno de práticas ligadas às artes: música, teatro, dança, literatura, ópera”, portanto, enfatizando que essas intervenções são produtos culturais.

É sabido que o país enfrenta um grave problema em relação a investimentos em cultura, tanto que em 01/01/2019, através da Medida Provisória nº 870, que foi publicada em edição especial do Diário Oficial da União, o Ministério da Cultura, que foi criado no ano de 1985 pelo então presidente José Sarney, foi extinto e suas atribuições foram incorporadas ao Ministério da Cidadania. Em 07/11/2019, A Secretaria Especial de Cultura foi transferida para a pasta de Turismo e ficou inicialmente sob o comando do dramaturgo Roberto Alvim, que foi demitido após a publicação de um vídeo com referências explícitas ao nazismo. Atualmente, o gestor

da pasta é o ator Mário Frias, que é o quinto secretário desde a extinção do Ministério.

Em 2019, o governo federal anunciou que não renovaria o apoio a 13 eventos culturais, segundo reportagem de André Cabette Fábio (2019), publicada no Nexo Jornal. Como incentivar a cultura e o lazer em um país que não valoriza essas duas atividades? É necessário estar além de atividades culturais que envolvam os jovens e ampliem a sua ótica em relação ao convívio social, ações que mostrem a necessidade da arte, música e dança para o desenvolvimento do indivíduo, tanto quanto a utilidade de se ter uma profissão, por exemplo. Como afirma Freire (1986, p.

13) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”, expressando que assim como a educação transforma, a cultura colabora diretamente nessa transformação.

Existem inúmeras atividades culturais que podem ser desenvolvidas em uma biblioteca escolar, que vão desde rodas de conversas a apresentações de arte, dança e até música. A mudança de visão da biblioteca como um espaço frio, etéreo e silencioso é necessária e muito discutida no cenário biblioteconômico, pois o ambiente da biblioteca pode e deve ser palco para o incentivo à cultura e ao consumo de artes. Milanesi (2013) salienta que esses espaços de convivência podem se tornar cenários propícios para o diálogo, à interatividade e compartilhamento de cultura, ou seja, colabora para que a biblioteca cumpra sua função social de troca de experiências e colaboração mútua entre indivíduos.

A mediação cultural é uma importante ferramenta de ligação entre os estudantes e as ações no espaço da biblioteca escolar, auxiliando na aquisição de técnicas e

[...] no processo de se minimizar o fosso que separa as pessoas de suas culturas, a produção cultural pode aproximá-las de suas realidades, atingindo seus repertórios, já que a elaboração da cultura requer conhecimentos, competências e habilidades em torno de cada objeto cultural (RASTELLI, 2019, p. 111).

Essa produção pode ser desde montagem de textos até a confecção de objetos que representem a cultura local, por exemplo. Ferreira (2018) diz que a ação cultural é um processo de mediação, entre o objeto cultural (que pode ser um livro ou uma obra de arte) e a população, e também possibilitando à biblioteca ser um instrumento de expressão cultural e artístico dessa mesma população.

## 2.4 O consumo da informação por intermédio das mídias sociais

A *internet* é integrada a vida das pessoas em uma proporção gigantesca, uma vez que os seres humanos de forma geral sentem a necessidade de se comunicar e de estarem inseridos em grupos. Estima-se que nas classes D e E, em 2016, 80% dependem exclusivamente do celular e, segundo dados do IBGE nesse mesmo ano, 116 milhões de brasileiros estão conectados à rede. As redes sociais encontram-se em todos os locais e podem ser formadas por pessoas e empresas com objetivos em comum, por exemplo. Existe uma confusão entre mídias e redes sociais e, a respeito disso, Ciribeli e Paiva (2011, p. 2) afirmam que “apesar de estarem no mesmo universo, são coisas distintas. Mídia social é o meio que determinada rede social utiliza para se comunicar”, que é o preceito básico de livro e informação: um é suporte do outro.

De acordo com o Relatório Anual da *Measuring the Information Society Report*, que em tradução livre significa Medindo o Relatório da Sociedade da Informação, de 2017, o Brasil ocupa a 66ª colocação entre os países falantes de Língua Portuguesa. O relatório aponta também que existem “diferenças consideráveis” entre países de acordo com o seu desenvolvimento econômico, além disso, em 104 países mais de 80% da população jovem (entre 15 e 24 anos) está *on-line*. Em países desenvolvidos, esse número é de 94%, enquanto nações em desenvolvimento somam 67% e nas menos desenvolvidas esse indicador representa menos de 30%. Dos 830 milhões de jovens *on-line*, 320 milhões (39%) vivem na China e Índia, enquanto 9 entre 10 jovens que não têm acesso à *internet* vivem na África, Ásia e Pacífico e, enquanto a utilização da banda larga móvel cresce em países emergentes, a *internet* fixa avança em países ricos, garantindo um acesso mais uniforme em países desenvolvidos.

Proporcionalmente falando, segundo a *International Telecommunication Union* (ITU, 2017), homens utilizam muito mais as redes que as mulheres e existem indícios de que o acesso igualitário à educação aumente o acesso à *internet*.

Em apenas 14,7% dos lares em países subdesenvolvidos existe acesso à *internet*, e entre os locais em que os usuários de redes costumam as utilizar, o trabalho, as universidades, escolas e os locais de acesso livre são os preferidos. Por ser um país heterogêneo, existem situações dúbias em relação aos números de acesso a redes no Brasil. Enquanto na zona urbana o país apresenta números de

nações em desenvolvimento, na zona rural os números apontam para um país subdesenvolvido e, com isso, um panorama aprofundado do país torna-se complexo de ser executado, exigindo uma análise pontual da situação em que se deseja atuar.

No Brasil, a cada 100 habitantes, 20.39 possuem telefone fixo e, em contrapartida, 118.92 possuem telefones celulares; já 51 habitantes, em cada 100, possuem desktop e, desse índice, 52.40 possuem acesso à *internet* de sua residência, contra 59,68 que acessam a *internet*, o que pode ser explicado pela utilização de *Wi-Fi* (rede sem fio) em ambientes compartilhados. Os lares que possuem *internet* fixa são apenas 12,97 para cada 100 habitantes, o que denota que a banda larga é a mais utilizada pela população para acesso às redes sociais. É importante apontar que o índice educacional dos usuários de *internet* no país é de 7 a 8 anos, sendo que o valor de referência é de 15 anos, o que levanta questões acerca da recepção dessa informação (ITU, 2017).

A inclusão digital é uma realidade mundial, haja vista que não existem sinais de perda de força no uso da *internet*, o que só aumenta a necessidade de promoção do uso das TIC (Tecnologias da informação e do Conhecimento), assim como o processo de aprendizagem de sua utilização, já que o fato de ser ter uma conta no *Facebook*, por exemplo, não significa saber utilizar a rede de maneira assertiva. Castells (2002, p. 203) analisa que:

A centralidade da *internet* em muitas áreas da atividade social, econômica e política equivale à marginalidade para aqueles que não têm acesso a ela, ou têm apenas um acesso limitado, bem como para os que são incapazes de usá-la eficazmente.

Ou seja, realizar a inserção dos usuários nas redes não se expressa apenas para o uso de redes sociais, e sim incluir essa população em atividades que envolvam o coletivo, uma vez que existem bancos digitais e outras mídias que exigem um conhecimento mínimo de informática, assim como conta de e-mail, por exemplo. Algumas empresas não recebem currículos impressos, limitando o envio ao meio digital, o que denota a necessidade da aquisição de competências para o uso dessa ferramenta. Silva *et al.* (2005) dizem que o acesso à informação contida nos meios digitais pode ser o ponto de chegada, a assimilação e a construção desse conhecimento podem ter como consequência uma melhoria na qualidade de vida das pessoas, entendendo que o ato de localizar e saber usar de forma efetiva uma informação recebida colabora com o aprendizado de forma autônoma.

Pesquisas apontam que entre os jovens as redes sociais são mais utilizadas que o e-mail, o que pode ser uma tendência também para outras faixas etárias. O acesso às redes sociais era prioritariamente realizado como forma de entretenimento e sociabilidade, assumindo atualmente um contorno também de aprendizagem. A ampla utilização das inovações tecnológicas e a abertura do mercado da *internet* colaboraram com a criação de conteúdo, os *influencers* digitais são uma amostra disso, e tornaram acelerada a produção de informação. Com esse crescimento, os perfis de usos de redes sociais foram delineados e cada vez mais os usuários são agrupados de acordo com seu perfil de utilização uma vez que “a própria natureza humana exige que os homens se agrupem. A vida em sociedade é uma condição necessária à sobrevivência da espécie humana” (OLIVEIRA, 1998, p. 30).

Os *sites* de relacionamento unem pessoas que compartilham de visões de mundo parecidas, assim como existem grupos de apoio, de vendas e dos mais diversos temas. A liberdade de falar o que se quer e o anonimato possível no uso das redes tornam esses locais atrativos para quem tem dificuldade de convívio social. Ciribeli e Paiva (2011, p.71) dizem que os atrativos desses espaços são motivados pela “liberdade de expressão e realidade dos conteúdos postados”, com isso reforça que a não mediação realizada nesses locais em rede facilitam tanto a aproximação quanto o bullying, por exemplo. Para muitos países, o Brasil é considerado o país mais sociável do mundo e, de acordo com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2010), a média de amigos virtuais no mundo é de 195 pessoas por usuário; aqui é 365, além de registrar 86% dos internautas com perfis em redes sociais na *internet*, e, considerando que essa pesquisa foi realizada há 9 anos, os números devem ser bem maiores hoje. Ciribeli e Paiva (2011) apontam que os primeiros meios de interação social entre os jovens brasileiros foram blogs, salas de bate-papo e fóruns, e foi a partir de 2004 que começaram a surgir as redes sociais com o formato conhecido hoje.

Para esse trabalho, a rede social utilizada será o *Youtube*, criado em 2005, cujo nome é a junção das palavras “*you*”, que em tradução livre significa você, e “*tube*”, que traduzindo também livremente tem como significado canal, ou seja, algo como “você no canal”, o que diz muito sobre sua proposta voltada à criação e ao consumo de canais em sua plataforma. Foi criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, antigos funcionários do Paypal, dos EUA, que, segundo informações do site TecMundo, notaram as dificuldades que os criadores sentiram em compartilhar

vídeos, uma vez que o formato era muito grande, o que dificultava a disseminação. O site permite que os usuários assistam e compartilhem seus próprios vídeos. Em 2006, o *Youtube* foi adquirido pela *Google*, o que aumentou seu alcance de visualizações. Essa plataforma revolucionou a forma de comunicação e o consumo de conteúdo e seu alcance é global, uma vez que está disponível em mais de 50 idiomas, para 40 países e possui, segundo informações do *Google*, um bilhão de usuários inscritos.

Laura Cohen, uma bibliotecária inovadora da Universidade de Albany, nos EUA, criou o Manifesto 2.0 em 2006, que discorre sobre a necessidade da mudança de paradigmas na profissão de bibliotecário e exalta a importância desse profissional. Em uma das frases do Manifesto, lê-se: “Eu não temerei o Google ou serviços semelhantes, mas contrariamente buscarei as vantagens desses serviços para beneficiar os usuários, enquanto também promover em excelentes serviços que atendam às necessidades dos usuários”, ou seja, ela cita a importância de utilizar os recursos informacionais disponíveis e encoraja que o profissional se apodere deles para ampliar o seu escopo de trabalho. (UM MANIFESTO, 2007).

A forma de comunicação muda constantemente e o profissional da informação precisa estar atento às mudanças, tanto para atender o usuário da melhor forma possível, como para ser a ponte entre ele e a informação. Farias e Vitorino (2009) discorrem sobre a visão da biblioteca como espaço de aprendizado e expressão, mostrando que se ela tiver todo o seu potencial explorado de maneira a servir a comunidade, pode vir a se tornar a mediadora no aprendizado e possibilitar a competência informacional. O bibliotecário, principalmente no âmbito escolar, precisa estar atento às transições e possuir profunda sensibilidade para perceber o que seu público almeja. A plataforma de vídeo utilizada em uma biblioteca escolar, por exemplo, pode colaborar na discussão de temas relevantes e contemporâneos, mostrando diversos pontos de vista por meio de vídeos utilizados na plataforma e, com isso, podendo vir a gerar debates sobre essas temáticas, colaborando para a formação de senso crítico desses alunos.

Lanzi, Ferneda e Vidotti, (2014, p. 121) explicam que

o aluno atual não se contenta com um aprendizado formal, ou seja, alheio ao ambiente *web*, ele quer vibrar com descobertas imediatas e contextualizadas no espaço virtual, totalmente dominado e compreendido por ele, cuja linguagem é rápida e atual.

Os autores demonstram que há necessidade de modificações na forma de

trabalho e nas atividades desenvolvidas no ambiente da biblioteca. A contação de histórias, que é um recurso tradicional de incentivo à leitura e à imaginação, pode ser feita de maneira digital e com uma maior participação de alunos, podendo até vir a utilizar uma trilha selecionada por eles, aumentando a participação de todos no processo e empregando recursos da *web*.

#### 2.4.1 A cultura letrada e as redes sociais

A comunicação e a interação são necessidades humanas e, com o emergir das redes sociais, essa forma de relacionamento passa por mudanças constantes. A cultura, bem como as formas de comunicação, também passam por transformações e é necessária uma adaptação a essas mudanças, conforme aponta Saviani (2016, p. 59) “diferentemente, portanto, dos animais que têm a sua existência garantida pela natureza bastando-lhes adaptar-se a ela, o homem necessita produzir sua própria existência”, isto é, criando recursos para que esse desenvolvimento aconteça, excluindo o que não funciona e produzindo meios para que o que é efetivo seja transmitido através de gerações.

Segundo diversos autores, os povos primitivos têm nessa adaptação a sua própria evolução, na qual alguns homens se apropriaram dos meios de produção, criando subterfúgios para a manutenção desse poder, enquanto os outros tinham na força de trabalho o seu meio de subsistência. Em virtude disso, é desenvolvido um tipo de educação, conforme ressalta Saviani (2016), para quem detinha o poder, preenchendo o tempo ocioso que eles possuíam de forma considerada digna.

Dessa atividade dá-se o surgimento da palavra escola, que deriva do grego, cujo significado é - *skolé*: tempo, lazer, livro e, com a atribuição do sentido que ela possui, ocupação dos homens que dispõem de lazer/tempo. Essa forma de aprendizagem, como a própria criação dela explicita, era direcionada à elite, enquanto quem não pertencia a essa classe social tinha como centro de vida o trabalho, sendo a educação relegada a segundo plano, o que é uma forma de vida vista com muita facilidade na contemporaneidade, como informam Amorim e Miranda (2011, p. 7), a respeito da situação brasileira

O Brasil é um país semi periférico, que atende às imposições dos países centrais, no panorama do mundo globalizado. Logo, a escola brasileira não tem formado altos técnicos, nem desenvolvido tecnologias de ponta, mas somente preparado trabalhadores, na maioria das vezes, para executar tarefas repetidas.



Isso demonstra que apesar de ter evoluído em alguns aspectos, a educação no país ainda não é libertadora e sim tecnicista, como é reforçado no Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases, segundo o qual

a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Quando se atesta que determinado indivíduo é alfabetizado, imediatamente têm-se a impressão de se tratar de alguém que compreende tudo ao seu redor. Entretanto, a alfabetização não reflete a compreensão em si, apenas o ato de saber ler e escrever corretamente. Soares (2010, p. 4) afirma que “o indivíduo letrado não é só aquele que sabe ler e escrever, mas que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita”, mostrando assim a importância do letramento e da percepção do que se aprende, principalmente, a partir das décadas de 1970 e 1980, quando foi percebida a importância da informação para a sociedade e, com isso, surgiu uma nova demanda de práticas para que essa informação fosse utilizada da melhor maneira.

O sujeito letrado é aquele que responde às demandas sociais de leitura e escrita, portanto a cultura letrada pode ser entendida como esse processo de aquisição de habilidades que possibilitem o letramento. Dudziak (2003) estabelece um novo sentido para o letramento informacional, que é o de emancipação política, valorando a informação para a aquisição de cidadania.

A biblioteca escolar, observando o contexto de letramento informacional, tem um importante papel na formação educacional do sujeito, recorrendo a ações que colaboram para o entendimento do poder social que a informação tem na sociedade. Nesse sentido, Singer (2001) assegura que a educação escolar precisa cumprir outros propósitos, que poderiam ser os de habilitar os indivíduos para uma inserção adequada na vida adulta, que corresponde a várias áreas, como a família, os esportes e as artes, demonstrando a conduta de formação do cidadão que a escola ocupa e que depende também da interdisciplinaridade dos profissionais que atuam nesse espaço, onde se faz necessária a contribuição mútua para promover uma educação de qualidade.

Anualmente, revistas e jornais brasileiros lançam listas de livros mais vendidos e, com isso, surgem opiniões de diversos especialistas no assunto, incluindo

os críticos, que discorrem sobre o porquê de tais obras serem lidas e possuírem uma tiragem tão expressiva. Contudo, quem define o que é uma boa obra? Abreu (2006) afirma que o desconhecimento de algumas pessoas em relação aos livros das listas de melhores do ano traz consigo o sentimento de vergonha e inadequação. Quanto aos clássicos da literatura brasileira, esse desconforto pode ser ainda maior, já que alguns desses livros exigem uma habilidade de leitura que uma grande maioria alfabetizada – e não letrada – do país possui, o que só pode vir a aumentar essa sensação de não pertencimento.

Ora, se a leitura precisa ser inclusiva e democrática, por que a existência dessas listas provoca tanto desconforto? Abreu (2006) observa que na divulgação dessas listas pelos maiores veículos de imprensa do país não existe consenso quando se trata de interesse literário, uma vez que a autora observou que a alteração do júri para a escolha dessas obras alterava também a composição das listagens. Portanto, o que frequentemente é definido como melhor é feito por quem julga ter o melhor poder de escolha, seja por acesso, seja por *status*.

Morin (2003, p. 59) atesta que “conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza”, o que reforça a crença de que essas definições de obras essenciais para se ler não possuem um caráter agregador de novos leitores, levando em conta a situação educacional em que o país se encontra, ela pode vir a causar um afastamento e estranhamento, reforçando a falta que o sujeito possui, ao invés de exaltar o viés da capacidade de aprendizagem que ele detém.

O advento da *web 2.0* trouxe consigo as redes sociais, que ocupam um papel de destaque na sociedade. Castells (2002, p. 40) diz que “as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldada por elas” e se a forma de relacionar-se mudou, uma vez que é possível ler algo em uma redessocial como o *Facebook* e, por meio de uma curtida, demonstrar o sentimento despertado por aquela postagem e interagir por intermédio de comentários com o proprietário da mensagem, a linguagem também foi ressignificada, com abreviações, uso de caracteres e vícios de linguagem bem específicos de usuários dessas redes.

Ao utilizar uma rede social ainda é possível criar e/ou participar de grupos com os quais você tenha afinidade, conhecer pessoas, estreitar laços, militar por uma causa e até conseguir oportunidades de emprego, tudo isso recorrendo a diversos

suportes, como *smartphones*, *tablets* e *desktops*. A funcionalidade das plataformas de interação permite ao indivíduo a aquisição de habilidades coletivas e o desenvolvimento de aprendizagem, como reforça Côrrea (2012), segundo o qual essas inovações redefinem a apropriação dos seus contextos de uso, facilitando assim a aprendizagem.

A utilização de redes sociais pode ter caráter inclusivo, com a facilidade de aquisição de suportes informacionais e pacotes de dados, por exemplo, e ao mesmo tempo, reforçar essa exclusão. Redes como o *Instagram*, que tem como carro-chefe as imagens e a ferramenta denominada *Stories*, que serve para mostrar em tempo real o que os usuários fazem, no qual anônimos e famosos exibem suas vidas de luxo – ou não –, deixam claro o abismo social enfrentado no país.

Miranda (2010, p. 181) afirma que “as práticas de linguagem são consideradas aquisições acumuladas pelos grupos sociais no curso da história. São o reflexo e o principal instrumento de interação social”, demonstrando assim que é possível a utilização dessas ferramentas para a aquisição de saberes, uma vez que com o desenvolvimento de capacidades esses usuários podem vir a ter o discernimento necessário para o uso dessas redes, entendendo o contexto de aprendizagem e excluindo o caráter exibicionista destas.

Em termos de redes, a utilização do *Youtube* adquire um caráter positivo, se for levado em consideração que produções audiovisuais, de maneira geral, costumam estimular a utilização de diversos sentidos do corpo humano e, por serem vídeos, proporcionam um caráter inclusivo para quem tem dificuldade em leitura e, se o indivíduo possuir dificuldade auditiva, existe a opção de uso de legendas, por exemplo.

Cortez (2010, p. 24) enfatiza que o destaque da ferramenta *Youtube* no âmbito escolar advém do fato de “ser sensibilizadora, no sentido de propor a ação de vários sentidos ao aluno: a audição, a visão e a percepção sensorial, contribuindo para ao aprendiz”. Contudo, a utilização dessa rede para a aprendizagem precisa ser previamente calculada, uma vez que a facilidade para a propagação de inverdades nesse ambiente pode ser alarmante, com danos irreversíveis, dado que existe uma dificuldade na verificação das informações passadas, tornando-se necessária a atuação do bibliotecário para auxiliar a formação de autonomia nesses jovens, através de uma leitura crítica.

Essa “triagem” pode vir a se tornar uma constante e atua como um

letramento adequado e, como enfatizam Fialho *et al.* (2013, p. 8) como “reforço das habilidades de leitura e fomentar nos estudantes um gosto ou prazer permanente pela leitura”. O consumo de informações de qualidade, que tenham como princípio a aquisição de conhecimento e o estímulo ao debate é positivo para o desenvolvimento adequado de um letramento digital, que Coscarelli e Ribeiro (2011, p.2) conceituam como “uma ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital”, que dizem respeito à aquisição de habilidades de leitura e de escrita nesses espaços, possibilitando que a inclusão digital seja feita de maneira efetiva.

Pereira (2011) aponta que quando pessoas em situação de exclusão podem ter acesso às tecnologias de informação e comunicação, como um computador, por exemplo, é seguro afirmar que houve uma popularização dessa tecnologia, não havendo de fato uma inclusão digital, pois, para que ela ocorra de maneira concreta, o sujeito precisa também de um letramento adequado e a biblioteca é o ambiente ideal para que isso, podendo ser o bibliotecário o agente condutor dessa transformação.

### 3 METODOLOGIA

Quando um percurso metodológico alicerça o caminho da pesquisa, geralmente o pesquisador percorre seus rumos para a consecução de seus objetivos. Por intermédio da metodologia é possível encontrar o caminho correto para responder ao problema da pesquisa, bem como seus objetivos, além de validar o método e o instrumento de coleta de dados.

Praça (2015) entende a metodologia como um processo de análise do mundo que transita pelo conhecimento e dele traz a própria construção do conhecimento. Mas a ciência é muito mais profunda e dela advém o saber alcançado, conforme explicado abaixo

A ciência é um modo de compreender e analisar o mundo empírico, envolvendo o conjunto de procedimentos e a busca do conhecimento científico através do uso da consciência crítica que levará o pesquisador a distinguir o essencial do superficial e o principal do secundário (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 16).

Na concepção desses autores é preciso entender a metodologia como um fenômeno no qual se baseia verificar, comprovar e responder questões e/ou hipóteses que irão contribuir com a resolução de problemas ou instigar novas investigações que possam contribuir com a evolução da ciência e para a humanidade, que é o principal foco das pesquisas.

No campo da Ciência da Informação os autores entendem que nas pesquisas voltadas para as ciências sociais aplicadas o objeto é essencialmente qualitativo, sendo este o principal desafio da pesquisa social (MINAYO, 2004). O autor reconhece que o contexto social representa uma realidade dinâmica e representativa da vida individual e da coletividade inerente a humanidade. Reconhecendo uma riqueza de significados, Minayo (2004, p. 16) entende a metodologia como “caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade [...] ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”.

Empreender em pesquisa envolvendo a área em questão é adentrar em campo interdisciplinar de múltiplos diálogos, a informação como objeto e contexto social e tecnológico em que os paradigmas que norteiam a área estão impulsionando as pesquisas e o campo de atuação influenciam e inclinam as temáticas para um contexto social. E, por isso, para o desenvolvimento da mediação, foi extremamente relevante estabelecer diálogo com outros atores da escola, como

por exemplo os professores das disciplinas de história e português, com o intuito de mapear processos executados e elaborar ações que possibilitem alcançar os objetivos propostos. Os autores Fujita e Cervantes (2005) concordam que esses fatores influenciam diretamente a metodologia na CI porque as mais diversas abordagens concorrem para problemas e questionamentos que trazem a informação e o conhecimento no cerne das pesquisas.

No mesmo sentido, Bufrem (2013) explica que as configurações das pesquisas em CI são produzidas e reproduzidas em um contexto dinâmico, que seu objeto, que é a informação, está inserido em um contexto da vida social produzindo produtos que estão em renovação constante. Nessa mesma concepção, Galliano (1986) também corrobora que essa renovação se dá pela produção de novos conhecimentos que a pesquisa produz, quando além de explicar o fenômeno, busca relacioná-lo com outros fatos que possam trazer novas questões e novas análises.

O desenvolvimento da metodologia desta pesquisa foi delimitado a partir do seu objetivo, que está envolto no desenvolvimento de práticas de leitura por meio da mediação cultural e democratização da leitura na Escola Estadual Olavo Bilac. Entende-se que toda a temática está inserida na CI e a problemática envolve um contexto social e cultural que requer uma pesquisa de intervenção do pesquisador em campo e por meio de pesquisa-ação.

Além da sua relevância social a pesquisa requer um empenho metodológico e ético por parte da pesquisadora em sua imersão em campo devendo ser muito bem delimitada a caracterização da pesquisa, conforme será elencado na próxima subseção.

### **3.1 Caracterização da pesquisa**

Esta pesquisa está caracterizada como aplicada porque foi elaborado um plano de ação e dele poderá surgir um produto, resultado da ação de intervenção. A abordagem qualitativa de objetivos exploratórios e descritivos desenvolvidos por meio de uma pesquisa de campo e pesquisa-ação representando uma intervenção.

A elaboração desta análise possui enfoque exploratório e qualitativo porque buscou principalmente “dispersão ou expansão dos dados ou da informação” (SAMPLERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 8), que conduziu ao estudo em campo desenvolvido no universo social que abrangeu a Escola Estadual Olavo Bilac. A

natureza qualitativa, na concepção de Sampiere, Collado e Lucio (2013,p. 376), corresponde à seguinte perspectiva:

O enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões, significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade.

Minayo (2004) entende que no campo das ciências sociais a pesquisa qualitativa possui particularidades, pois, devido a sua subjetividade, a preocupação se torna maior com um nível de realidade que não pode ser quantificado, mas precisa ser analisado. A natureza qualitativa envolve um universo de significados que, segundo a autora, envolve muitos sentimentos entre o pesquisador e os sujeitos, como “motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2004, p. 21-22).

Para Sampieri, Collado e Lúcio (2013, p. 376) o principal foco da pesquisa qualitativa está em compreender o fenômeno e dele se aprofundar, de modo que “o enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto”.

Observa-se que a natureza qualitativa da pesquisa vai direcionar a caracterização da tipologia de análise a um tipo de pesquisa inicialmente bibliográfica porque o embasamento teórico será fundamental para direcionar o andamento da pesquisa dando aporte teórico para o pesquisador em sua imersão no campo de onde poderá coletar os dados e descrever as análises em forma de relatório de pesquisa.

A pesquisa de campo emerge mais focada na observação do que na interrogação, o que já é apontado por Gil (2008), até porque o pesquisador munido do referencial teórico tende a ter uma observação mais crítica do fenômeno e, no que tange à entrevista aberta, geralmente passa por limitações e resistências, principalmente quando se trata de órgão privado.

Nesse mesmo entendimento, Richardson (2012, p. 82) argumenta que as pesquisas qualitativas de campo: “[...]. exploram particularmente as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que esses instrumentos penetram na complexidade do problema”.

Enquanto Prodanov e Freitas (2013, p. 70) complementam que,

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. Os Pesquisadores mantêm contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se

apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador.

Dessa maneira, a necessidade criteriosa da imersão da pesquisadora em campo foi a forma de obter a coleta de dados na tentativa de compreender o fenômeno social pesquisado.

Nessa perspectiva, para se ter acesso à realidade dos fatos, por meio da pesquisa-ação exercendo uma prática planejada para construção do conhecimento, Sampieri, Collado e Lúcio (2013, p. 514) identificam três pilares fundamentais para a elaboração de uma pesquisa-ação, a saber:

- a) os participantes que estão passando por um problema são os que estão mais capacitados para abordá-los em um ambiente natural;
- b) a conduta destas pessoas está muito influenciada pelo entorno natural onde se encontram;
- c) a metodologia qualitativa é a melhor para o estudo dos ambientes naturais, porque é um de seus pilares epistemológicos.

Para melhor entendimento, no Quadro 2 será elencada uma adaptação do desenho básico da pesquisa-ação, de acordo com os dois autores supracitados.

**Quadro 2 – Desenho básico de pesquisa-ação**

Pesquisa-Ação	
Principais práticas para aplicação da pesquisa-ação	Participativa
Estuda práticas locais do grupo ou comunidade;	Estuda temas sociais que oprimem a vida das pessoas de um grupo ou comunidade;
Envolve indagação individual ou em equipe;	Ressalta a colaboração equitativa de todo o grupo ou comunidade;
Centra-se no desenvolvimento e na aprendizagem dos participantes;	Concentra-se nas mudanças para melhorar o nível de vida e o desenvolvimento humano dos indivíduos;
Adota um plano de ação para resolver o problema ou gerar a mudança;	Emancipa os participantes e o pesquisador;
A liderança é exercida em conjunto pelo pesquisador e um ou vários membros do grupo ou comunidades	

Fonte: adaptado de Sampieri, Collado e Lúcio (2013, p. 516).

Para Thiollent (2011, p. 20) a pesquisa-ação leva sempre a uma intervenção, visto que é baseada em um plano de ação a partir da imersão do pesquisador no campo ativamente como protagonista das ações que desencadeiam



a solução dos problemas, ou seja, é um tipo de pesquisa “concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”. Dificilmente o pesquisador poderia atuar em uma pesquisa-ação sem intervir, evidentemente que todo o conjunto de ações envolvem os sujeitos de modo cooperativo.

### **3.2 Universo da pesquisa**

Por possuir uma larga abrangência, as pesquisas em Ciências Sociais frequentemente são delimitadas por amostras, que correspondem a uma pequena parte que compõe o todo. Martins e Theophilo (2009) afirmam que a universalidade de pessoas, itens ou objetos podem vir a compor o universo de uma investigação.

O universo que representa esta pesquisa é composto por alunos do ensino fundamental da Escola Estadual Olavo Bilac, localizada no Bairro Santos Dumont, Zona Norte de Aracaju. A instituição de ensino possui 1379 alunos, segundo dados do site da Secretaria de Estado da Educação, entretanto foi informado pela direção da escola que esse número é de 1385 estudantes, no que diz respeito ao quantitativo de matrículas realizadas em 2019, porém a amostra que será trabalhada neste projeto é de 36 alunos, que corresponderam à turma do 7º ano A da referida instituição de ensino, no ano de 2019. A escolha da amostra no presente estudo tem em consideração o entendimento de Gil (2008, p. 90), segundo o qual a amostra é um “subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo”.

A amostra utilizada nesta pesquisa contempla estudantes entre 12 e 14 anos, majoritariamente composta por indivíduos do gênero feminino, que, em sua maioria, possuem acesso às redes sociais e consomem informação por meio da *internet*, tendo pouca ou nenhuma familiaridade com a biblioteca da instituição.

### **3.3 Técnicas e procedimentos de coletas de dados**

Inicialmente, para o levantamento bibliográfico e revisão de literatura, foram empregados autores que são referência na temática abordada, recorrendo a teses, dissertações, artigos científicos e obras de referência publicadas em língua vernácula. É de suma importância que seja realizada uma pesquisa prévia, com fontes documentais fidedignas e com autores consolidados, conforme Gil (2008, p. 147)

aponta que “são considerados documentos não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno”, isto é, documentos elaborados por órgãos do governo e que sejam utilizados para o coletivo, assim como políticas públicas, manuais de acesso à informação, dentre outros, na área em que se propõe a pesquisa, a fim de que a fundamentação seja calcada de forma completa. Citações de autores consagrados, bem como grupos de pesquisa e agências de fomento são relevantes para o suporte do que se pesquisa. As bases de dados utilizadas neste trabalho foram Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, o Google Acadêmico, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, os repositórios de universidades nacionais e diversos livros com foco nas temáticas pesquisadas.

Para um melhor desenvolvimento da pesquisa, foi realizado um recorte temporal de dois anos, no qual se identificou o objeto de pesquisa e, com base nessa identificação, foi realizado um levantamento dos problemas mais preponderantes e, com isso, pode ser feito um delineamento da proposta a ser apresentada. Foram executadas pesquisas utilizando os termos: biblioteca escolar, biblioteca pública, democratização do conhecimento, políticas públicas para a educação, para o livro e para a leitura, história da biblioteca, cultura letrada, redes sociais e o consumo da informação, *fake news*, ações culturais, mediação informacional, biblioteconomia social, desigualdade e inclusão social. Para que as buscas tivessem os resultados esperados, foram utilizados operadores booleanos, que são os elementos que permitem agrupar ou excluir itens em uma busca e são as palavras AND, OR e NOT.

### **3.4 Considerações metodológicas acerca da Covid-19**

Diante da metodologia e do encaminhamento exposto nesta pesquisa, cabe mencionar alguns pormenores que fizeram com que este trabalho fosse remodelado em alguns aspectos que serão expostos nos tópicos de resultados e produtos. Como já supracitado nesta pesquisa, a pandemia causada pela Covid-19, que casou várias mortes e fechamentos de locais no Brasil e no mundo, também inviabilizou a realização da intervenção na Escola Olavo Bilac. Sendo assim, toda estrutura planejada e arquitetada nos tópicos anteriores teve que ser remodelada para uma ação que irá funcionar como um manual e guia, produto dessa dissertação, que

poderá ser realizada no futuro e/ou que possa servir de modelo para outras escolas e bibliotecas. Mesmo não se tratando de um tipo testado, acredita-se que os caminhos percorridos no diagnóstico e na construção dessa ação de intervenção, deram subsídios suficientes para que possam ser implementados em escolas com perfis semelhantes e que possam contribuir para a mediação da informação e do incentivo à leitura.

### **3.5 Considerações éticas**

Esta pesquisa foi desenvolvida tendo como base a lei de direitos autorais e em concordância com as normas vigentes da ABNT. A direção e o corpo docente da instituição de ensino em que será realizada a intervenção aprovaram a sua realização, oferecendo total apoio para o desenvolvimento de atividades bem como colaboraram com alguns dados que estão sendo utilizados neste trabalho. Prevalece nesse sentido a ética da pesquisa, a ética do pesquisador e a ética profissional.

#### **4 DIAGNÓSTICO DA ESCOLA ESTADUAL OLAVO BILAC**

A Escola Estadual Olavo Bilac, fundada em 31 de agosto de 1973, está situada no bairro Santos Dumont, mais precisamente na rua Sargento Brasileiro, s/n°. Ela oferece educação básica nos níveis de ensino fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Não há registro de que a biblioteca da escola Olavo Bilac existe desde a sua fundação. No Plano Político-Pedagógico, que é de 2016, ela já é citada. Porém, no regimento interno, que data de 2009, ela não se encontra listada, e, de acordo com fontes da própria instituição, ela existe de fato desde 2015. Os serviços oferecidos são de espaço físico para atividades pedagógicas e empréstimos ocasionais, uma vez que não possui um funcionário fixo nesse setor e nem profissional de biblioteconomia atuando.

A biblioteca conta com um espaço físico considerado bom para os padrões de escolas estaduais na capital sergipana, com iluminação natural e lâmpadas com luz fria, que é confortável para a leitura, janelas e é climatizada com ar-condicionado. Possui também estantes duplas, 3 mesas com 4 cadeiras cada, uma mesa grande com uma cadeira e um quadro negro (Figura 1). O acervo possui cerca de 400 livros, em sua maioria didáticos, e o material bibliográfico disponível não está catalogado. Atende apenas a comunidade escolar nos três turnos, sendo o primeiro de 07h às 11h30m, o segundo de 13h às 17h30m e o terceiro de 18h30m às 22h.

A aquisição do material bibliográfico é realizada por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e do Ministério da Educação (MEC), não possuindo uma política de aquisições e nem apoio pedagógico para a solicitação de livros. Mesmo usufruindo do fornecimento dos livros por meio de projetos governamentais, o material de apoio para o ano de 2019, que inclui principalmente os livros didáticos, só foi entregue no mês de agosto daquele ano, o que enfatiza a carência que essa escola passa, apesar de existirem políticas públicas para esse fim. A biblioteca não possui sistema e o empréstimo é realizado de acordo com o dia em que o estagiário está na instituição e é feito de forma não automatizada.

**Figura 1** – Espaço físico da biblioteca 1



Fonte: Arquivo da pesquisa, diário de bordo da autora (2019).

**Figura 2** – Espaço físico da biblioteca 2



Fonte: Arquivo da pesquisa, diário de bordo da autora (2020).

Apesar de possuir um espaço adequado para desenvolvimento de atividades, a biblioteca da instituição não é utilizada da maneira adequada, o que prejudica o desenvolvimento cultural dos alunos. A existência de um quadro negro no espaço denota que seu uso não é restrito à pesquisa, reforçando a imagem clássica desse espaço como uma extensão da sala de aula, mas não necessariamente contribuindo de maneira direta com o processo educacional.

A ausência de um profissional bibliotecário na instituição é facilmente percebida, pois a utilização da biblioteca, de acordo com os relatos e com a observação na visita técnica é muito pequena, uma vez que não existem atrativos e, sem a orientação de um bibliotecário, os docentes não conseguem realizar atividades culturais no espaço, por falta de direcionamento e também por ser complexo incentivar

a leitura possuindo um acervo tão modesto e sem uma política de empréstimos. De acordo com Ingrid Kelly de Oliveira Correia, professora de Língua Portuguesa, o interesse em ter um profissional especializado não diz respeito apenas à catalogação do acervo, mas também para desenvolver projetos de estímulo à leitura, que possibilitem aos alunos uma abordagem crítica do livro, o que poderia colaborar em muitos aspectos no processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere à interpretação textual, que é provocada por meio dessas ações.

A soma do diálogo praticado com as observações realizadas durante a visitação revelou uma necessidade urgente em trabalhar com as séries iniciais, uma vez que existe uma distorção idade-série bem expressiva, ou seja, muitos alunos não estão com a idade adequada para as séries nas quais estão inseridos, de acordo com os indicadores para a educação, assim como a não adesão dos estudantes do EJA a atividades de estímulo à leitura, acrescido ao fato de que os alunos da educação básica ainda passarão uma média de 5 anos na instituição de ensino, tendo sido evidenciada a carência de ações neste sentido para esse público.

A escola conta também com um laboratório de informática com 4 computadores com acesso à *internet* e uma sala de vídeo com televisão e aparelho de DVD, o que colabora em muito para atividades extracurriculares. A estrutura administrativa da escola é composta por 1 diretor, 4 coordenadores pedagógicos, 45 professores de educação básica, sendo que apenas 37 estão na ativa, com grau mínimo de escolaridade de nível superior, 1 pedagogo e 16 funcionários de apoio/administrativo, formando assim o quantitativo de 60 pessoas.

Na biblioteca do Colégio Estadual Olavo Bilac a mediação cultural ainda não é utilizada, porém a modelagem de intervenção tem como objetivo ampliar o olhar dos estudantes sobre a utilização das redes sociais para a promoção da leitura e escrita e a importância dessas redes para o desenvolvimento do senso crítico. Conforme Rasteli (2019, p. 112) reitera, existe “a necessidade de exprimir os sentidos da vida, buscar explicações para nossas inquietações, transmitir valores, aprendizagens e manter o laço social”.

Com base na observação feita durante as visitas empreendidas, é perceptível que apesar de possuir uma biblioteca climatizada, o acervo é desabastecido de títulos adequados às diferentes idades, de acordo com os critérios existentes para esses espaços, uma vez que possui em sua grande maioria livros didáticos e/ou títulos repetidos, que foram disponibilizados por meio do Plano Nacional

do Livro Didático (PNLD). Como exemplo pode-se citar a quantidade exacerbada de títulos do livro Eu sou Malala e de Shakespeare.

#### **4.1 Análise do desempenho organizacional**

Assim como um quebra cabeça, ao juntar separadamente as peças que representam a análise das Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças unimos forças e possibilidades assim como identificamos fraquezas e ameaças, assim pode-se, de uma maneira genética definir o SWOT.

A análise do modelo *SWOT* foi empreendida, como exibido no quadro abaixo, identificando nos fatores interno e externos os pontos positivos e negativos no ambiente em análise.

Com base em uma observação atenta, focada no objeto de pesquisa, a biblioteca escolar da Escola Olavo Bilac, alguns fatores referentes à força, fraquezas, oportunidades e ameaças foram constituídos para contribuir efetivamente na melhoria do ambiente pesquisado. Chiavenato e Sapiro (2003) no campo teórico da administração entendem a SWOT como uma ferramenta umas das mais importantes ferramentas estratégicas competitiva. Entende-se que ao proceder a análise do ambiente, a SWOT se torna uma metodologia de análise de organizações a qual verifica a situação estratégica em que se encontra frente as mudanças e a identificação das ameaças.

Tavares (2010, p. 20) conceitua a metodologia SWOT da seguinte forma:

[...] o conceito de SWOT – forças (Strengths), fraquezas (Weakness), oportunidades (Opportunities), ameaças (Threats), ou em sua tradução FOFA, relacionando em ordem diferente os mesmos significados,[...]. Nesse enfoque, o planejamento contempla a relação entre as condições externas e internas (TAVARES, 2005, p. 39).

A análise do modelo *SWOT* foi empreendida, como exibido no quadro abaixo, identificando nos fatores interno e externos os pontos positivos e negativos no ambiente em análise (Quadro 3).

**Quadro 3 – Análise SWOT na Escola Olavo Bilac**

<p style="text-align: center;"><b>Forças</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Existência de uma biblioteca climatizada;</li> <li>• Público-Alvo receptivo para ações no espaço;</li> <li>• Corpo docente acolhedor para trabalhar em conjunto;</li> <li>• Apoio da coordenação da escola.</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Fraquezas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Inexistência de um funcionário específico para a biblioteca;</li> <li>• Não utilização da biblioteca por todos os professores;</li> <li>• Falta de livros disponíveis para todas as faixas etárias;</li> <li>• Livros existentes não organizados de maneira a facilitar a recuperação da informação.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Oportunidades</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Possibilidade da utilização de canais do Youtube que possuem linguagem acessível, como recurso de mediação ;</li> <li>• Parcerias com a Universidade e a comunidade com foco em transformação social;</li> <li>• Perspectiva de produção e compartilhamento de conteúdo (podcast)</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Ameaças</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência do cumprimento da lei 12.244. *Gestão de recursos governamentais que não priorizam o livro e a leitura;</li> <li>• Fluxo informacional de conteúdos inescrupulosos, ocasionando desinformação</li> </ul>

Fonte: elaborado pela autora (2019).

## 4.2 Proposta de intervenção

A intenção inicial para a proposta de intervenção surgiu da percepção sobre a falta de estímulo para a realização de projetos sociais que envolvessem a participação dos estudantes de pós-graduação, tanto pela formação universitária em si, quanto por fatores que independem da instituição de ensino, como a condição socioeconômica dos estudantes.

O Brasil vem enfrentando há anos uma crise de valores, em que parte da sociedade não vê a academia como algo que dê retorno imediato - apesar das pesquisas exibirem dados que provam o contrário - ao mesmo tempo em que se criou um ressentimento em relação aos estudantes universitários, principalmente os oriundos de universidades federais, que foi reforçado nas últimas eleições, ocorridas em 2018.

Chauí (2005, p. 5) afirma que a universidade é uma instituição social



“inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber: seja para realizar essa ideia, seja para opor-se a ela”, o que reforça a necessidade de ações que ampliem a ideia de um ensino democrático, bem como a democratização do conhecimento além dos muros da universidade. A autora também reforça que “a universidade como instituição social diferenciada e autônoma só é possível em um Estado republicano e democrático” (CHAUÍ, 2003, p. 5), o que justifica esse sentimento em relação à instituição e a falta de apoio irrestrito da sociedade em relação ao repúdio no corte de verbas, que foi anunciado no início do ano de 2019, com uma cobertura ampla da mídia nacional, e que em reportagem do Jornal El País intitulada Cortes na Educação: os primeiros efeitos da asfixia de Bolsonaro sobre as ciências do Brasil é esmiuçada e chegou a comprometer o funcionamento de algumas instituições (OLIVEIRA, 2019).

Com a devida reflexão a respeito dos fatos citados e a crescente necessidade de fazer algo que beneficie o coletivo, foram pensadas algumas possibilidades e a que seria empreendida, a princípio, era um projeto com alunos do EJA da Escola Estadual Olavo Bilac, situada na zona norte da capital. Em conversa com a direção da instituição, e tendo em vista a dificuldade de efetuar um projeto com jovens do EJA por razões relacionadas à idade x série e aos horários de aula, decidiu-se trabalhar com as séries iniciais, utilizando uma abordagem que ainda seria definida, pois é importante entender o público e as necessidades dele, já que não se pode utilizar fórmulas prontas para problemas antigos e estruturais.

Com a inexistência de bibliotecário na escola, e não havendo sequer um funcionário para atendimento exclusivo na biblioteca, que só realiza empréstimos quando um estagiário de pedagogia se encontra lá, e com os apontamentos feitos na conversação realizada com os discentes e a direção, entendeu-se a importância de um projeto de incentivo à leitura que pudesse ser utilizado por professores, uma vez que foi sinalizada a dificuldade de um profissional da informação que possa ser efetivado na instituição de imediato.

É de suma importância frisar a necessidade de mostrar para a sociedade sergipana a diferença que um bibliotecário pode fazer para uma escola, no sentido de aprendizagem e aquisição de habilidades, bem como o poder transformador da leitura, mas é ainda mais urgente o desenvolvimento de ações inclusivas para os jovens da periferia da capital, que passam por escassez de recursos e de informações cruciais, bem como de um letramento adequado para o uso das redes sociais, que é uma

realidade também nas classes mais baixas.

Conforme Silva (2018, p. 36) aponta, “o usuário da informação é usuário em qualquer espaço ou tempo”, isto é, a democratização da informação e do conhecimento é vital para a redução das desigualdades sociais, quando empodera o sujeito por intermédio do conhecimento adquirido com ações que visam essa transformação social.

A abordagem escolhida para esse projeto de intervenção levou em consideração as informações adquiridas com a turma do 7º ano A, grupo escolhido para a aplicação da proposta. Em uma conversa não estruturada, realizada com a turma em questão, foram observados alguns pontos que merecem destaque. Entre eles podemos citar o fato de que a maioria dos estudantes é do sexo feminino e o perfil etário é de entre 12 e 14 anos. Dos 30 alunos presentes na hora da conversa, 27 possuem celular e apenas 6 possuem computadores. A rede social favorita é o *Instagram* e a maioria utiliza os *stories* como forma de entretenimento. Nenhum deles gosta do *Facebook*. Desses 30 alunos, apenas 10 usam *Netflix* em detrimento da TV aberta, e 20 assistem novelas nas principais emissoras do país, Globo e SBT.

Quando perguntados acerca das leituras realizadas e quais os estilos favoritos, muitos citaram romances, gibis, a Bíblia Sagrada e *fanfics* - que é uma abreviação do termo inglês *fanfiction*, que em tradução livre significa histórias criadas por fãs. O dado mais revelador foi que apenas 5 alunos foram à biblioteca e utilizaram seus serviços, que no caso da escola é, na verdade, apenas o de empréstimo.

Como já foi citado anteriormente, a biblioteca não conta com um funcionário, somente um estagiário da escola vai ao espaço eventualmente e, assim, apenas nos dias em que ele está lá os serviços podem ser utilizados. A direção não informou os dias e horários em que essa prestação de serviço acontece. A grande maioria ouviu falar, mas não sabia que era possível utilizar desse serviço e como é de fato realizado.

Com o estabelecimento de um olhar amplo a respeito da problemática da educação brasileira, exibindo os aspectos que discorrem sobre os índices de analfabetismo e sobre o trabalho infantil, torna-se imperioso discutir a respeito da tecnologia e sua contribuição para a formação de jovens e adultos, uma vez que a população está cada vez mais conectada e com a sensação de estar plenamente informada graças a essa ascensão digital. Apesar dos avanços tecnológicos e do aumento no número dos jovens conectados à *internet* ser expressivo, esse

crescimento não significa, necessariamente, que o acesso é democrático, ele só sinaliza a existência dessa conexão. Levando em consideração que até a forma como se utiliza a internet – pacote de dados ou *Wi-Fi* – para o consumo informacional colabora ou não para a disseminação correta das notícias, não é seguro afirmar que vivemos em uma geração cada vez mais capacitada midiaticamente.

Em relação à plataforma *Youtube*, a maioria utiliza com uma frequência quase diária, contudo, com gostos variados, que vão desde canais religiosos até tutoriais de maquiagem. Procurando um ponto em comum, foi constatado que a maior parte dos alunos gostam do canal do Felipe Neto, que é um dos maiores fenômenos do canal no Brasil.

Felipe Neto Rodrigues Vieira, popularmente conhecido como Felipe Neto, tem 31 anos e como profissão é empresário, *vlogger*, ator, comediante e escritor. Seu canal no *Youtube* possui atualmente 34 milhões de inscritos e cerca de 8 bilhões de visualizações acumuladas. No começo do seu canal, costumava falar de celebridades, filmes e atividades cotidianas, sempre com um tom ácido, que é a sua marca. Entretanto, a partir de 2016, mudou o foco do seu canal, atraindo o público adolescente com vídeos mais longos, com temáticas variadas e contemporâneas. Além do canal no *Youtube*, as redes sociais do *youtuber* são utilizadas de maneira a demonstrar pensamentos e opinar sobre fatos cotidianos, principalmente no *Twitter*, no qual sua conta possui por volta de 9 milhões de seguidores que, por sua vez, replicam seus tweets em outras redes, a exemplo o *Facebook*. Em mensagem fixada no *Twitter*, que será reproduzida na íntegra, ele diz

Se vc (sic) utiliza meu perfil como fonte de informações, POR FAVOR, PARE!  
É justamente isso q (sic) precisamos combater. Informação vem do jornalismo, do trabalho sério e imparcial. Opinião é pra vc (sic) debater, concordando E discordando. Eu não estou sempre certo. Question (FELIPE NETO, 2019).

Em uma era em que a desinformação atingiu níveis alarmantes, uma pessoa com essa projeção, e deixando esse tipo de mensagem, torna-se uma ferramenta muito importante para mudança social. Além disso, em 06 de setembro de 2019, durante a Bienal do Livro no Rio de Janeiro, o prefeito da cidade, Marcelo Crivella, ordenou que fossem recolhidos das prateleiras do evento os exemplares de um livro que continha imagens de duas pessoas do mesmo sexo em momento de amor, com a justificativa de que a obra em questão oferecia “conteúdo sexual para menores”, sem informar, porém, em qual norma legal ele havia se baseado para o

proferimento dessa ordem.

O livro intitulado “Vingadores - A cruzada das crianças”, lançado em 2010, tem como casal principal Wiccano e Hulkling, e não é destinado ao público infantil. Durante todo o dia 06 de setembro de 2019, várias entidades manifestaram repúdio à atitude arbitrária do chefe do Executivo municipal do Rio de Janeiro, e os exemplares dos livros do evento se esgotaram em 40 minutos. Entretanto, a atitude de Felipe Neto foi a que teve mais repercussão - e efetividade. Ele comprou 14 mil exemplares de livros com a temática LGBTQI+, que é uma sigla utilizada no movimento e tem como significado lésbicas, gays e bissexuais - que se referem à orientação sexual - e transexuais, queers e intersexuais - que se referem ao gênero, na qual o sinal + engloba uma gama de outras categorias, e combinou a entrega desses exemplares no dia da independência do Brasil, 7 de setembro, na Bienal, como um grande ato contra a censura imposta.

A equipe do *youtuber* acima referenciado adesivou os livros com um plástico, com os seguintes dizeres: “Este livro é impróprio para pessoas atrasadas, retrógradas e preconceituosas. Felipe Neto agradece a sua luta pelo amor, a inclusão e a diversidade.” (Figura 2) e realizou a entrega de maneira organizada e, conforme noticiado por reportagem de Gobbi e Macedo (2019), a entrega durou duas horas e todos os exemplares foram distribuídos. Após pressão das entidades e repúdio da sociedade civil, o prefeito recuou, mas não sem antes tentar justificar seu ato utilizando a “defesa da família” e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), apesar deste não ser aplicado nesse caso específico (Figura 3).

**Figura 3** – Ação de Felipe Neto na Bienal do Rio: livros em plástico preto, acompanhados de adesivo



Fonte: Gobbi e Macedo (2019).

Com a observação desse fato é possível chegar a duas conclusões distintas. A primeira diz respeito à união popular em torno de uma causa e como esta impacta na sociedade de maneira específica, bem como o apoio de alguém com uma visibilidade expressiva, que apoie essa mesma causa e a transforme em sua e, conseqüentemente, da sua audiência, aumenta o alcance e o entendimento da questão abordada. O segundo ponto é a evidência de que, em pleno 2019, a censura se fez presente, com justificativas que remontam à ditadura militar brasileira, já que baseadas em uma pretensa “defesa da família e dos valores”.

A junção da utilização do *Youtube* pelos jovens da escola e as recentes ações de combate à censura e desinformação empreendidas por Felipe Neto mostraram que é possível incentivar a utilização da biblioteca e estimular a leitura em sequência, por intermédio de mídias alternativas, evidenciando o papel mediador do bibliotecário nesse processo e trazendo assuntos que estão em voga para apreciação e discussão, sugerindo leituras para melhor entendimento das questões levantadas, bem como o contexto histórico dessa abordagem.

O que este trabalho se propõe a fazer é utilizar uma abordagem interdisciplinar, para que assuntos considerados difíceis de serem abordados com os jovens sejam tratados no ambiente da biblioteca e em sala de aula, onde as diferentes formas de abordagem contribuam para o aprendizado total. Essa proposta não é novidade no trabalho do bibliotecário escolar, porém o que difere essa interposição é a utilização das mídias sociais em um contexto de aprendizagem e não de entretenimento puro. Como o vídeo *Censura na Bienal* tem uma duração curta, uma vez que segundo informações dos docentes da instituição, atividades que demorem muito ou vídeos longos demais podem cansar os alunos e não colaboram para o desenvolvimento de atividades desse tipo, já que não contam com a atenção plena dos jovens, é possível utilizar o tempo de uma aula para discutir sobre ele e expor pontos.

É importante para o trabalho criar uma atmosfera acolhedora, em que os estudantes não se sintam acuados para dividir suas indagações. Ouvir e amparar os diversos pontos de vista, porém demonstrando o que é opinião e o que é fato. Questionar os estudantes com perguntas que colaborem para a assimilação do conteúdo, como por exemplo: Por que você acha isso? Onde você leu isso? O que você pode acrescentar? Você entendeu o assunto do vídeo?

Com o apoio dos professores de Língua Portuguesa e História da escola,

que vão utilizar os assuntos dessas atividades em sala de aula, de maneira que os alunos compreendam de forma ampla o que foi conversado e possam tirar dúvidas diretamente com os docentes a respeito da temática discutida, tornando assim a escolha do tema mais crível e a fixação do conteúdo mais concreta. A escolha das disciplinas de Língua Portuguesa e História deu-se após a demonstração de interesse desses profissionais para a modelagem escolhida, o que não exclui a participação de outras matérias que podem agregar ainda mais ao conhecimento.

Mesmo com a utilização de vídeos para a abordagem de temáticas diversas, leituras serão sugeridas e estimuladas, levando em consideração o acervo bibliográfico disponível no momento e a possibilidade do acesso do estudante a essa obra. O objetivo principal desse trabalho é a adoção de práticas que incentivem e contribuam para a leitura crítica desses jovens, usando as mídias sociais que foram escolhidas de acordo com a usabilidade desses alunos e serão a ponte para que essa ação aconteça.

No quadro abaixo é exibido como a intervenção pode vir a ser realizada e os resultados esperados através dela (Quadro 4).

**Quadro 4** – Intervenção por meio da mediação cultural

<b>Vídeo de Felipe Neto</b>	<b>Atividade de mediação na biblioteca</b>
<p>Título do vídeo: CENSURA NA BIENAL!  Quantidade de visualizações: 1 milhão e 700 mil  Duração do vídeo: 5:40  Assunto abordado: o que motivou a ação de compra de livros e sobre a importância de combate à censura.</p>	<p>Utilização do vídeo de Felipe sobre censura com os alunos.  Discussão sobre o vídeo, com foco na temática de censura.  Duração: por volta de 40 minutos  Assunto: o que eles entendem por censura, o que acharam da atitude de Felipe Neto e o que eles fariam nessa situação.</p>
<b>Aula de Português</b>	<b>Aula de História</b>
<p>Abordagem do assunto tratado na atividade na biblioteca.  Aula abordando como eram as notícias na ditadura militar, como a censura afetava o recebimento de informações e como usavam receitas de bolo em jornais de grande circulação para mostrar que determinada notícia foi censurada.</p>	<p>Abordagem do assunto tratado na atividade na biblioteca.  Aula abordando como foi de fato a censura na ditadura militar e os impactos sociais que o país enfrenta. É possível que seja discutida também a importância do combate a esse tipo de regime e como uma sociedade democrática se constrói com o apoio de todos os setores e, principalmente, com a redução de desigualdades.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

### 4.3 Plano de ação

Tendo em vista a aplicabilidade da proposta, foi elaborado um plano de ação que engloba as atividades a serem realizadas para que o objetivo final seja atingido, conforme segue abaixo

**Quadro 5 – Plano de ação**

O quê?	Quem?	Como?	Quando/	Quanto ?	Verificação
Que tarefa será realizada	Quem irá executar a tarefa	Como será executada a tarefa	Qual prazo para execução	Qual valor financeiro para despesa	Resultados alcançados / problemas
Visitas ao Colégio Estadual Olavo Bilac	Pesquisadora e orientadora	Veículo próprio	09/2019	Gastos com gasolina	Análise e conversa com o corpo docente da escola
Análise e observação do acervo	Pesquisadora	Visita a biblioteca da escola com veículo próprio	01/2020	Gastos com gasolina	Utilização dos livros nas atividades propostas do espaço e da aceitação dos alunos
Identificação e análise dos alunos	Pesquisadora e orientadora	Veículo próprio/ diálogo com alunos	02/2020	Gastos com gasolina	Elaborar calendário para aplicação do projeto
Delineamento das atividades e elaboração do calendário de aplicação	Pesquisadora e orientadora	Veículo próprio/ diálogo com corpo docente	03/2020	Gastos com gasolina	Elaborar calendário para aplicação do projeto
Triagem do vídeo e texto para aplicação	Pesquisadora e orientadora	Veículo próprio/reuniões para decisão	Interrompi do devido a pandemia Covid 19	Gastos com gasolina	Observação sobre a receptividade de temas polêmicos
Exibição de vídeo/debate	Pesquisadora, orientadora e docente	Veículo próprio/sala de vídeo/aula	Interrompi do devido a pandemia Covid 19	Gastos com gasolina e lanches	
Leitura de textos/debate	Pesquisadora e orientadora	Veículo próprio/sala de aula	Interrompi do pela pandemia Covid 19	Gastos com gasolina e lanches	

(conclusão do quadro 5)

Seleção dos trabalhos/votação	Pesquisadora, orientadora e docente	Veículo próprio/sala de aula	Veículo próprio/sala de aula	Gastos com gasolina e lanches	
Gravação do podcast/encerramento	Pesquisadora, orientadora, docente e participantes	Veículo próprio/biblioteca da escola	Interrompido pela pandemia Covid 19	Gastos com gasolina e lanches	
Análise dos resultados	Pesquisadora	Análise dos resultados obtidos e divulgação	Interrompido pela pandemia Covid 19		

Fonte: elaborado pela autora (2020).



## 5 RESULTADOS DA INTERVENÇÃO E DISCUSSÃO

A pedra fundamental da profissão de bibliotecário é a informação, independente do seu suporte. Em uma pesquisa rápida no Google sobre qual o principal trabalho desse profissional, a resposta imediata é a de “executar análise temática, representação descritiva e classificação dos materiais do acervo”, outra resposta aponta para “organizar e manter atualizados os catálogos e cadastro da biblioteca” e, complementando, “promover o controle bibliográfico através da coleta de informações e atualização de base/banco de dados”.

Evidenciar os resultados da busca em um site de pesquisa serve para mostrar que esse buscador pode até possuir respostas para tudo, porém a que esse tudo se refere é basicamente o que vem a ser definido pelo senso comum e que culmina na idealização da profissão. Essas atividades são inerentes ao cargo e muito importantes para o correto funcionamento de uma biblioteca, entretanto nada disso será tão significativo se não houver quem aproveite, use e se aproprie dessas ações para a produção do conhecimento.

O usuário de uma unidade informacional, também conhecido como leitor, é de suma importância para o trabalho do profissional de biblioteconomia. É para ele e por ele que é empreendido comprometimento no desenvolvimento de estratégias de leitura e escrita.

Em se tratando de biblioteca escolar, principalmente no contexto da escola pública, essa investigação precisa ser mais criteriosa, uma vez que o sistema educacional vigente não os assiste de maneira efetiva, especialmente no âmbito cultural e, além disso, todos os indivíduos possuem suas especificidades, principalmente no que concerne a habilidades de leitura e escrita e, por essa razão, o executor do serviço tem de entender que nem tudo depende exclusivamente de se ter vontade, apesar de ser muito importante para a execução de qualquer tarefa e que também a meritocracia, nesse contexto específico, é uma falácia.

A Escola Estadual Olavo Bilac levou por volta de 42 anos após sua fundação para ter sua primeira biblioteca. Todavia, essa unidade informacional, que não tem um profissional de biblioteconomia e nenhum outro atuando localmente, é fundamental e adequada a oferecer um suporte para leitura e aprendizagem fora do ambiente de sala de aula, se for utilizada da forma propícia. Entretanto, por meio do mestrado profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento da Universidade

Federal de Sergipe, que foi criado de acordo com a Resolução nº 18/2016/CONEPE, é possível suprir essa demanda por intermédio das possibilidades criadas através de um projeto de pesquisa.

Apesar da carência existente pela ausência de um profissional habilitado atuando localmente no espaço em questão, um planejamento de atividades de mestrado tencionou mecanismos para que os atores envolvidos no processo da aprendizagem, que nesse contexto são os professores, pudessem, com os personagens principais dessa peça, que são os alunos/leitores, e o apoio do bibliotecário, criar estratégias para o estímulo à leitura.

Torna-se importante salientar que, conforme Darcy Ribeiro aponta, a crise educacional no Brasil não é uma crise, é um projeto, e que infelizmente tem sido bem sucedido até então, ainda que as instituições públicas, federais e da sociedade civil organizada somem esforços para que esse colapso não se efetive, colaborando primordialmente com projetos de extensão e outras atividades desse escopo para a redução de desigualdades e um retorno social do investimento em impostos feito pela população, mas que nem sempre tem o alcance pretendido.

Desde 2016, com a aprovação pelo Congresso Nacional da Emenda Constitucional nº 95/2016, de iniciativa do governo do então presidente Michel Temer, o valor do teto dos gastos públicos, nos quais estão incluídos os gastos com educação, foi congelado por 20 anos. Alguns autores da área de educação defendem que essa estratégia visa culpabilizar “coisas aleatórias” pelas quedas nos índices educacionais brasileiros, sendo a principal delas a escola pública, que é sempre descrita usando adjetivos que denotam o quão problemática e de difícil gerenciamento ela é. Utilizando-se dessa premissa, não causa espanto a falta de infraestrutura desses espaços, que tornam-se cada vez mais locais de resistência, uma vez que os profissionais possuem baixa remuneração, são constantemente perseguidos e lidam constantemente com a escassez de insumos básicos.

Existe a premissa de que o homem é produzido por intermédio das relações sociais por ele criadas, e essa relação é retroalimentada na vida em sociedade e, assim, dessa forma é definida a vida em sociedade, ou seja, as histórias, os sonhos e as interações constituem o que somos. Algumas das relações que cultivamos estão no seio familiar, mas muitas delas derivam do convívio gerado em ambientes comuns e, na infância e na adolescência, o principal deles é o ambiente escolar. Para que a educação assumisse a conotação que tem hoje, reformas educacionais foram

elaboradas baseadas no pensamento humano em diversas fases distintas.

Os períodos enfrentados pela humanidade desempenham uma função muito específica: a de adaptação e reformulação de técnicas já consolidadas, uma vez que em tempos passados a educação tinha uma função específica de moldar o ser para a obediência, enquanto atualmente possui uma conotação de produção do conhecimento.

Entretanto, apesar das mudanças empreendidas e do caráter produtivo que o sujeito adquire nessa esfera educacional, é importante sempre frisar a obrigatoriedade do Estado, já que a educação é considerada um direito fundamental, prevista na carta constitucional como um direito social, sendo que os direitos sociais foram abarcados no rol de direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988, o que significou um grande avanço, uma vez que o Brasil tem como uma de suas grandes marcas o fato de ser um Estado Constitucional, que tem como força motriz a garantia de efetividade dos direitos reconhecidos por sua Carta Magna. Essa explanação tem por objetivo elencar os papéis e, conseqüentemente, as atribuições dos agentes necessários para que a oferta educacional seja satisfatória e, assim, forneça uma motivação ao aplicar a ação de intervenção.

O planejamento inicial para a intervenção envolvia encontros semanais, seguindo a metodologia escolhida e com observação acerca da interação dos estudantes, podendo sofrer pequenas alterações para assegurar sua viabilidade. Os encontros estavam com início planejado para o dia 20/03/2020 e aconteceriam em sala de aula, aproveitando os horários vagos de matérias para as quais ainda não havia professor contratado.

Entretanto, em 17/03/2020, devido ao aumento de casos confirmados de Covid-19 em Sergipe, o governador Belivaldo Chagas divulgou um decreto em consonância com a Lei Federal nº 13.979 de 06/02/2020, que dispõe sobre a pandemia de Covid-19 em território nacional, suspendendo todos os eventos públicos dos quais participem mais de 50 pessoas em ambientes fechados e 100 em ambientes abertos; a visitação a presídios e a centros de detenção para menores pelos próximos

15 dias; atividades educacionais em todas as escolas públicas, universidades e faculdades, das redes de ensino pública e privada, pelos próximos 15 dias, o que foi renovado periodicamente e, até a finalização desta pesquisa, a maioria dos tópicos haviam sido revogados.

## 5.1 Covid-19 e a paralisação das atividades escolares

O cronograma inicialmente pensado contemplava diversas ações, as quais possuem em comum a necessidade de serem aplicadas de maneira presencial. Serão descritos todos os processos que seriam realizados caso o cenário fosse possível. O conteúdo pensado para o projeto de intervenção tem como temática inicial a censura, pois através dos diálogos travados com os alunos foi exposta uma predileção pelo *youtuber* Felipe Neto que, na ocasião do delineamento da proposta, estava envolvido em uma ação polêmica de combate à censura imposta durante a Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2019, já explicitada anteriormente. Entretanto torna-se viável a apresentação de outras temáticas, de acordo com a disponibilidade e aceitação dos participantes quanto à atividade programada.

O período planejado para a realização da tarefa era de 20/03/2020 a 17/04/2020, que foi ponderado tendo em conta a disponibilidade da docente que iria acompanhar todo o processo, da pesquisadora com sua orientadora e, ainda, o tempo para produção do que foi solicitado na primeira etapa. Dado que esse projeto iniciou-se em 2019, os alunos que eram do 7º ano passaram para o 8º ano, com isso torna-se importante citar que o tempo definido para cada etapa seria de até 40 minutos, que é o período de uma aula, e que seriam utilizadas duas aulas para cada etapa, uma vez que seriam duas turmas do mesmo ano escolar: 8º A e 8º B.

Para um mapeamento amplo das atividades e tencionando obter uma visão ampla das turmas, foi decidido que as dinâmicas seriam no mesmo dia, seguidamente. Nos quadros a seguir é possível ver a data prevista de aplicação e as respectivas atividades:

**Quadro 6 – Cronograma de atividades – etapa 1**

Março - Censura	Contextualização - Etapa 1
20/03/2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Apresentação da atividade a ser realizada</li> <li>* Exibição do vídeo intitulado: Censura na Bienal</li> <li>* Distribuição do texto jornalístico com o título: Em resposta a Crivella, Felipe Neto distribui 14 mil livros com temática LGBT de graça na Bienal</li> <li>* Após a leitura, solicitar que, para a próxima etapa, sejam produzidos textos</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

**Quadro 7 – Cronograma de atividades – etapa 2**

<b>Março - Censura</b>	<b>Proposição - Etapa 2</b>
27/03/2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Leitura dos textos produzidos</li> <li>* Debate sobre os textos</li> <li>* Sugestões de outras temáticas</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

**Quadro 8 – Cronograma de atividades – etapa 3**

<b>Março - Censura</b>	<b>Compartilhamento - Etapa 3</b>
17/04	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Separação e seleção dos trabalhos</li> <li>* Votação entre os alunos para escolha de melhor trabalho</li> <li>* Festa de encerramento e agendamento para a gravação do podcast, que será feito na própria escola, na biblioteca.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Ao longo deste trabalho será possível compreender o porquê de as etapas possuírem as respectivas nomenclaturas e quais os propósitos que elas contemplam. Como exibido no último quadro, a gravação do podcast, que foi pensado e estruturado durante a qualificação, resultante dessa intervenção, seria gravado na biblioteca da instituição, com a intenção de mostrar aos estudantes que esse espaço é vivo, que pode proporcionar informação, conhecimento e também onde é possível comemorar coisas importantes.

As atividades que seriam desenvolvidas na escola foram revistas e não puderam ser aplicadas da forma prevista, que era impreterivelmente de maneira presencial. Apesar de ser um período de mudanças bruscas, em que uma parcela das instituições de ensino está desenvolvendo suas atividades de maneira remota, a realidade da instituição não permitiu que se projetasse alguma alternativa similar, em razão da condição socioeconômica dos alunos, valendo lembrar que, dos 30 alunos participantes, apenas 6 possuem computadores em casa. Entretanto, por ser um mestrado profissional, a aplicabilidade do projeto para posterior desenvolvimento do produto é tarefa salutar, de acordo com a Resolução do colegiado.

Embora tenham sido previamente relatadas as ações desenvolvidas pelo governo do Estado, em conversa com os professores colaboradores deste projeto a informação recebida é a de que, apesar de todos os recursos, não é possível fazer um acompanhamento individualizado de quem assiste às aulas. Atividades para

serem realizadas em casa estão sendo desenvolvidas pelo corpo docente do Colégio Estadual Olavo Bilac e os alunos (ou responsáveis) fazem a retirada na própria escola do material a ser utilizado e devolvem - ou não - esse conteúdo preenchido.

Ainda que fossem pensadas estratégias para estímulo à leitura em uma situação em que ela se tornou ainda mais necessária, o projeto a ser desenvolvido se deparou com a realidade: como oferecer a leitura com a finalidade de produzir conhecimento em um contexto tão incerto? Onde os alunos leriam as matérias utilizadas? Como assistiriam aos vídeos? Quem iria realizar a mediação e o esclarecimento de dúvidas para esse grupo? E a não menos importante, mas que norteia o pensamento desta pesquisadora a respeito do projeto que foi elaborado com muita vontade de dar certo: quais os frutos disso? Seria um fator de colaboração nesse cenário caótico ou mais uma demanda para uma mãe sobrecarregada? Qual a intenção desta pesquisa em estimular uma leitura crítica e não analisar criticamente o cenário para que ela se desenvolva? Diversas são as perguntas e existem poucas respostas para satisfazer essa escassez, seja de saídas, seja de dispositivos que viabilizem uma parceria palpável para todos os envolvidos.

Todavia, embora a efetividade do projeto não possa ser testada de forma pragmática, ele apresenta, a partir do levantamento feito e das conversas empreendidas para a sua elaboração, uma relevância no que concerne ao problema social das bibliotecas escolares em Aracaju, neste caso ilustrado pela referida unidade, além de expor as fragilidades e dificuldades vividas por esses alunos durante a pandemia.

Buscando demonstrar os percalços enfrentados pela escola durante a situação de calamidade apresentada, foi desenvolvido um questionário para os dois professores envolvidos no processo, Ingrid Kelly de Oliveira Correia e Jairton Peterson Rodrigues dos Santos, a fim de mapear as ações desenvolvidas por esses docentes em relação a esse novo cenário e quais saídas eles encontraram para exercer o ofício da melhor maneira possível. Foi perguntado também quais sugestões de projetos podem ser desenvolvidos com os alunos à distância, para que com cooperação essa proposta de modelagem possa ser viabilizada.

Com o intuito de apresentar um contexto que justifique a escolha desses profissionais em específico, faz-se necessário descrever a função social de cada um. O professor que leciona a disciplina de História colabora com a conceituação dos fatos, estabelecendo que os conhecimentos históricos perpassam a vida humana,

transmitindo assim a contemporaneidade que essa matéria engloba. Por sua vez, a educadora que ministra a disciplina de Português lida com a linguagem escrita e falada, seus conceitos e aplicações, e com isso estabelece uma ligação mais profunda com os estudantes. Nesse cenário, a educadora Ingryd mostrou profunda conexão com os discentes, porque colaborou de maneira ativa no contorno das atividades elaboradas, exibindo os pontos fortes que eles possuem, bem como as possíveis dificuldades a serem enfrentadas, mostrando empenho em romper os entraves que pudessem surgir e entendendo que a parceria entre biblioteca e sala de aula é fundamental para o desenvolvimento dos jovens.

O título do questionário enviado via e-mail é Impactos da pandemia da Covid-19 na Escola Estadual Olavo Bilac, e conta com 9 perguntas abertas, possibilitando a ampliação do debate. Para melhor entendimento acerca das questões discutidas, utilizarei as letras A e B: a letra A corresponderá à entrevistada Ingryd e letra B ao entrevistado Jairton.

A primeira pergunta foi: “Qual tem sido a sua maior dificuldade como educador durante a pandemia da Covid-19?”. As respostas a essa pergunta foram similares. A considerou ser “o contato e a comunicação com os alunos” e B complementou frisando as questões da “acessibilidade dos alunos, distribuição do material e manter o foco”. Aqui aponto que, por mais que a inserção das atividades escolares no meio digital seja uma prioridade do Estado durante a situação atual, a comunicação continua prejudicada, principalmente considerando que o público dessa escola, como já pontuado, são de alunos de baixa renda.

A segunda pergunta foi: “A Escola Estadual Olavo Bilac possui estrutura para aulas remotas?”. Ambas as respostas a essa pergunta foram negativas. Na ocasião, a terceira pergunta era: “Caso a escola possua a estrutura para o ensino remoto, a partir de qual data passaram a ser ministradas aulas para o ensino fundamental? Como vem sendo feito o processo de avaliação?”. A participante A respondeu que “a escola não possui estrutura” e o participante B respondeu “entrega de material a partir de julho”, com referência à forma que a escola vem trabalhando com os alunos.

A quarta pergunta foi: “Quais instrumentos estão sendo utilizados para medir o nível de aprendizagem desses estudantes?”. A essa pergunta a participante A respondeu que “por não haver estrutura, não há possibilidade de aferição” e que é necessário “garantir estrutura e acesso”. Já o participante B respondeu ser a “feitura

de atividades e utilização do material”, embora não tenha especificado como ocorre o recolhimento dessas atividades, o que pode ser complementado pela resposta da participante A, uma vez que ela só ressalta não existir a possibilidade de aferir.

A quinta pergunta realizada foi: “Observando as condições socioeconômicas dos alunos e a oferta existente de aulas remotas, na sua opinião o aproveitamento de estudos será satisfatório? Qual a solução possível diante desse cenário?”. A essa pergunta a participante A replicou a mesma resposta da pergunta anterior, denotando, assim, uma insatisfação em relação à situação enfrentada pela escola, que foi percebida na maioria das respostas e também nas conversas informais mantidas ao longo do processo, uma vez que ela colaborou com informações para a estruturação desse projeto. O participante B, por sua vez, replicou que “não”, e complementou afirmando ser fundamental

ofertar acessibilidade digital aos alunos, garantir a alimentação deles neste período e a sua moradia. Isto porque muitos responsáveis ficaram desempregados e foram despejados de suas casas, além de faltar alimentação. Gostaria que o problema fosse apenas de acessibilidade, mas é muito maior (PARTICIPANTE B, 2020).

Essa resposta corrobora com o exposto anteriormente, a respeito do impacto da pandemia nas famílias brasileiras, sobretudo as mais carentes.

A sexta pergunta versa sobre organização social: “Na sua opinião, como a sociedade civil pode se organizar para contribuir com a redução das desigualdades no ambiente escolar em relação à pandemia da Covid-19?”. Em resposta, a participante A alegou que não sabia, enquanto o participante B citou algumas ações de grupos organizados para esse fim, onde afirmou que

Sim. Fizemos isso juntos com o Coletivo Negro Yibambé. Doamos cestas básicas e fizemos arrecadação de livros para distribuir para os alunos. Além disso, enquanto sociedade civil, podemos reivindicar políticas públicas as autoridades (PARTICIPANTE B, 2020).

Reforçando a narrativa da movimentação comunitária em torno de um bem comum, a escola ocupa um espaço significativo para a comunidade onde está inserida e os docentes fazem parte ativa desse processo, entendendo as necessidades dos alunos além do ambiente da sala de aula.

A sétima pergunta enfatizou a questão da leitura no país e foi pensada para mapear a concepção que os docentes fazem dela: “Em um cenário de pouco incentivo à leitura no país, sendo ainda mais acentuado em virtude da pandemia, como vocês



enxergam o caminho do incentivo à leitura num cenário pós pandemia? Pode o acesso e interesse diminuir devido ao aumento da desigualdade?”. Em resposta, a participante A respondeu que é necessário “aumentar e garantir as condições de igualdade de acesso” e complementou afirmando que é sim possível o acesso e interesse diminuir em virtude do aumento da desigualdade. O participante B (2020) foi além e sustentou que “... deveríamos possibilitar uma política pública que expandisse bibliotecas públicas, além de abertura das bibliotecas das escolas para acesso da comunidade”, reforçando a importância desses espaços para o estímulo à leitura, e complementou dizendo que “Infelizmente, acreditamos que o interesse da comunidade que assistimos vá diminuir”(PARTICIPANTE B, 2020). Isto porque a prioridade será a moradia e a alimentação. Como pensar em ler sem estas prioridades?” ampliando o debate a respeito das necessidades básicas humanas, que se não são atendidas de maneira efetiva, geram déficit nas demais áreas.

Complementando essa informação, no Brasil a taxa de desemprego registrada no 2º trimestre deste ano é de 13,3%, atingindo 12,8 milhões de pessoas, segundo dados da PNAD (IBGE, 2020), e é a maior taxa desde o mesmo período de 2017. Soma-se a isso o fato de que a pobreza extrema, que de acordo com indicadores do Banco Mundial é caracterizada por uma renda diária de até US\$ 1,9 (que é por volta de R\$ 10,00), aumentou no país, atingindo a marca de 13,88 milhões de pessoas (NERY, 2019).

A penúltima pergunta foi relacionada ao projeto pedagógico da escola: “Você acredita que seja importante aplicar no projeto pedagógico pós pandemia mais ações que incluam a biblioteca e a leitura?”. Ambas as respostas a essa pergunta foram afirmativas, revelando a necessidade dessa pauta do ponto de vista do corpo docente da escola e confirmando a imprescindibilidade da contratação do profissional bibliotecário para compor o quadro funcional da instituição.

Para finalizar o questionário, foi indagado: “Com a inviabilização do projeto de incentivo à leitura em virtude da pandemia, qual sugestão vocês dariam para possibilitar a retomada desse tipo de atividade com os alunos da instituição?”. Em resposta, a participante A reforçou que “só haveria possibilidade de retomada de projetos garantindo-se aos alunos o acesso a computadores e *internet*”, o que evidencia a carência enfrentada pela escola em relação ao acesso à tecnologia que viabilize a aprendizagem externamente à atmosfera colegial. Já o participante B evidenciou a utilidade da biblioteca, afirmando que sugere a “abertura da biblioteca

escolar, desde que respeitando os protocolos” e arrematou sugerindo a criação de “uma biblioteca itinerante” através da qual “o aluno ia a escola pegava um livro, ficava certo período e devolvia”. Contudo, é preciso ponderar que essa saída parece dúbia, pois o conceito de itinerante pressupõe aquele que “transita, desloca ou viaja” e ainda “que se desloca de lugar em lugar no exercício de uma função (aplica-se a pessoa, a instituição pública ou privada, a uma atividade de grupo)” (OXFORD, 2020), sendo que, na proposta apresentada por B, o estudante teria a necessidade de ir ao espaço físico, o que significa que seriam necessárias adaptações para que essa retirada fosse feita e, mesmo que a possibilidade seja cogitada, com a situação descrita previamente em relação ao quadro funcional, essa proposta seria muito provavelmente inviabilizada por falta de recursos.

Os questionamentos foram realizados com o propósito de investigar de maneira ampla a situação concreta da escola, uma vez que os dados fornecidos eram generalistas e, como este trabalho é focado em uma instituição específica, fez-se necessário um aprofundamento. Todavia, é importante ressaltar que, por ser uma situação completamente nova, ainda não houve tempo hábil para testar todas as alternativas.

É oportuno ressaltar que durante a finalização desse projeto, foi publicado pelo governo do estado no Diário Oficial, segundo o G1, um protocolo de retorno às atividades educacionais, no qual os alunos da rede privada estão autorizados a voltar às aulas dia 03/11/2020 e os estudantes da rede pública dia 17/11/2020 (AULAS..., 2020). O documento orienta que a volta deve ser “gradual, progressiva e híbrida”, com o limite máximo de 50% dos alunos em sala, e vai priorizar os alunos do 3º ano do ensino médio regular, em virtude da aproximação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e outros alunos do ensino superior, técnico e da modalidade EJA, que não engloba os referidos alunos, destacando assim a inviabilidade de aplicação da intervenção proposta.

No dia 20/04/2020 os estudantes da rede estadual de ensino de Sergipe que tivessem a possibilidade de acompanhar as aulas pela televisão contaram com o lançamento do programa Estude em Casa, que foi uma parceria do governo do estado, a partir de uma demanda da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura (SEDUC), da TV Aperipê, que é estatal, e do governo do estado do Amazonas. Segundo informações da INFONET (ALUNOS..., 2020), os conteúdos estão sendo disponibilizados seguindo um cronograma próprio e privilegiando os alunos do

Ensino Fundamental 2 (ou anos finais, do 6º ao 9º ano) e terão duração de aproximadamente 2h30m. Os componentes curriculares abordados serão Ciências, Artes, Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Educação Física e Inglês. Além de utilizar o canal 6.1, os alunos podem utilizar um link da SEDUC que é: <http://www.seduc.se.gov.br/estudeemcasa>. A diretora do Departamento de Educação de Sergipe, Ana Lúcia Lima (2020) informa que “[...] no distanciamento social, os alunos continuarão aprendendo e se desenvolvendo” e complementou dizendo que “são atividades complementares diárias e não contarão como hora/aula”. Na matéria e no site do SEED, não foi possível encontrar dados que informem o percentual de alunos que acompanhem essa iniciativa e esse fato pode ser interpretado de dois modos: tempo de aplicação da operação e falta de acompanhamento.

É sabido que a situação descrita como “novo normal” impacta de maneiras diferentes a vida da população. Iniciativas que colaborem para viabilizar o ensino e a pesquisa são importantes, mas acompanhar o alcance das atividades é tão importante quanto a aplicação delas. Em pesquisa realizada pelo IBGE (2019), mulheres dedicam 18,5 horas semanais aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas, enquanto homens dedicam apenas 10,3 horas para essas atividades. Esse quantitativo pode ser muito maior, se forem levados em consideração a sociedade como um todo e o papel de cuidadora que a mulher exerce. Dados desse mesmo estudo apontam que 11 milhões de famílias brasileiras são comandadas por mulheres, o que representa um número expressivo de lares com responsabilidade unilateral.

A pandemia agravou o cenário, que já não era tão favorável, com a restrição de atividades como escolas, creches e berçários. Famílias inteiras, que contavam com esses espaços de aprendizagem para conseguirem exercer suas atividades laborais, viram-se em casa com crianças em idade escolar e cercadas de obrigações e limitações. É importante destacar também o nível educacional das famílias mais afetadas pela pandemia para poder traçar atividades que contem com a participação da família. Como citado anteriormente, o índice de escolaridade no Brasil ainda é baixo se comparado a outros países desse mesmo porte. Como cobrar dessas famílias que os estudantes acompanhem as atividades escolares, se talvez eles nem tenham competência educacional para isso?

Por volta de 3 meses após a deflagração da pandemia na capital sergipana, mais precisamente em 15/06/2020, o governo estadual autorizou a retomada das aulas em modelo não-presencial. A proposta inicial era de que os materiais ofertados

no formato *online* e de videoaulas fossem complementares, não incidindo ou tornando-se obrigatório para a conclusão do semestre letivo. Na ocasião, o Secretário de Estado da Educação de Sergipe informou que

[...] essas atividades passam a fazer parte da carga horária, após o planejamento das escolas e dos professores. 93% das nossas escolas fizeram adesão a esse modelo, que não foi imposto pela secretaria, que apoiou as escolas. A escola sabe o melhor meio para viabilizar o ensino remoto. 93% das escolas já aderiram e 1.000 professores, até a última sexta-feira, já tinham lançado o seu planejamento no diário eletrônico (SOBRINHO, 2020, *on line*).

Todavia, quando questionado a respeito da questão socioeconômica dos alunos, que pode dificultar o acesso às modalidades ofertadas, informou que foi criada uma estratégia muito cuidadosa para atendermos os dois objetivos, não aglomerar e continuar a perseguição das metas educacionais, afirmando que as escolas vão ordenar as turmas, horários, séries e vão convidar os responsáveis para retirar o material seguindo as orientações de saúde, apesar de não ter divulgado mais detalhes acerca dessa estratégia de retomada.

Recentemente, mais precisamente por volta de 19 de outubro de 2020, SEDUC passou a ofertar aulas em formatos de *podcasts* educativos via Rádio Aperipê (AM 630), tendo como foco estudantes que irão prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e estudantes do Ensino Fundamental 1 (ou anos iniciais, do 1º ao 5º ano), através do programa Estude em Casa pelas ondas da aula digital, que é um projeto da Fundação Telefônica Vivo em parceria com o Instituto Paramitas. Esse planejamento soma-se às outras dinâmicas realizadas para viabilizar o acesso ao conteúdo escolar durante a situação de calamidade enfrentada.

A problemática da ausência de aulas presenciais vai além da questão de conteúdo. Pesquisa recente aponta que a situação de calamidade que o país vem enfrentando vai ampliar as desigualdades sociais. A FGV Social compilou os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) que foi realizada em agosto em virtude da Covid-19, segundo a qual, em 2020, as classes A/B estudaram muito mais, enquanto os mais pobres, estudantes de escola pública, receberam menos atividades, o que pode impactar a renda futura dessa geração, uma vez que, no Brasil, cada ano a mais estudado representa um ganho de até 15% no salário e de 8% na chance de conseguir um emprego. Essa análise também indicou que entre alunos de 06 a 15 anos das classes A/B, apenas 2,9% não receberam tarefas escolares, enquanto na classe E a média nacional verificada foi de 21,1%.

Ademais, a falta de acesso à alimentação fornecida pela escola também se tornou um empecilho na realidade dos jovens de baixa renda. De acordo com o portal Infonet, a prefeitura de Aracaju está distribuindo cestas básicas nas escolas municipais da capital, com o intuito de atenuar a complexa situação gerada pela pandemia (PREFEITO..., 2020). A sociedade civil, bem como as instituições públicas, federais e estaduais fizeram campanhas de arrecadação de alimentos e itens de higiene para colaborar com a população mais vulnerável no estado.

A Universidade Federal de Sergipe irá avaliar no período de um ano cerca de 15 municípios do estado, com a intenção de observar o grau de contaminação, bem como os impactos socioeconômicos. A pesquisa tem parceria com o governo do estado e será dividida em três vertentes: monitoramento de infectados, que pretende estimar o percentual da população infectada e analisar a evolução dos sintomas e contágios; a outra tenciona a construção de cenários possíveis frente aos impactos econômicos sofridos; e a última objetiva avaliar o impacto sobre as populações vulneráveis do estado. Esse tipo de ação mostra a importância da parceria das universidades com a comunidade e é de suma importância para que a população conheça o trabalho riquíssimo que é desenvolvido intramuros.

Com os elementos oferecidos através de informações no site da SEED (endereço eletrônico <https://www.seed.se.gov.br/>), é possível visualizar as ações tomadas pelo estado para atender à população escolar. Entretanto, os dados individuais para cada escola não foram divulgados, o que torna difícil saber o que cada instituição vem fazendo, como os professores se adequaram ao novo formato de distribuição de atividades e qual o retorno desses alunos quanto às dinâmicas estabelecidas, seja via televisão, rádio ou até mesmo internet.

Com base nas informações exibidas até aqui, com o objetivo de explanar para o leitor a atual conjuntura do Brasil, com enfoque na capital aracajuana, faz-se crucial apresentar as dinâmicas previstas para esse projeto, uma vez que existe uma elaboração concebida com a participação de diversos agentes, que têm em comum interesse em modificar a realidade imposta, através do exercício da leitura, sobretudo a crítica, da escrita e do saber.

## **5.2 Covid-19: situação nacional e regional**

O planejamento de uma pesquisa é efetuado levando em consideração

diversas variáveis, que vão desde o tempo de execução do projeto em si, perpassando pela disponibilidade dos atores envolvidos no processo, bem como pelas exceções que precisam ser feitas para que ele seja concluído de maneira satisfatória. Entretanto, existem imprevistos que vão além do esperado e podem afetar não só as atividades planejadas, mas todos os participantes de maneiras diferentes, como é o caso da pandemia que o mundo vem enfrentando e é explicada de maneira mais detalhada a seguir.

A Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 80% dos pacientes com Covid-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas) e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório (ESPECIAL..., 2020).

No dia 11 de março de 2020, a OMS declarou que o mundo vive uma pandemia do coronavírus, reconhecendo que os países precisam adotar estratégias de controle da disseminação do vírus, bem como assumir posturas de amparo à população, principalmente a mais vulnerável. Naquele momento, o país contava o tímido número de 52 casos confirmados e pouco mais de 900 casos suspeitos.

O período de isolamento social teve início em meados de março no país inteiro e, ao longo dos meses, cada estado da federação flexibilizou suas medidas de acordo com critérios próprios, haja vista que houve trocas de ministros da Saúde em plena crise sanitária, bem como minimização da situação de calamidade pública pelo governo federal e um agravamento dos problemas com notícias falsas, que geraram uma situação de insegurança na população.

Em Aracaju, o isolamento foi instituído em 17 de março de 2020 e, apesar do estado ter um dos piores índices de isolamento social do Brasil, segundo pesquisa intitulada Mapa Brasileiro do Covid, realizada pelo Inloco, Sergipe ocupava a 22ª colocação entre os 26 estados da federação, com uma porcentagem de 35,81% de isolamento social, cujo índice recomendado é de 70%, da data de 31 de julho de 2020 já tinha reaberto boa parte do comércio varejista não essencial e, em 30 de agosto de 2020, a maior partes das atividades estava autorizadas, com exceção de escolas e atividades culturais específicas, que podem funcionar com capacidade reduzida. O

governo do estado não informou como funcionará a fiscalização para o correto cumprimento dessas orientações (MAPA..., 2020).

Em 19 de outubro de 2020, o Brasil contabiliza mais de 5 milhões de casos da doença e por volta de 153 mil óbitos e, em Sergipe, esses números são de pouco mais de 81 mil casos e 2 mil mortes (SERGIPE..., 2020). Um agravante para a questão da saúde pública é a subnotificação. Apesar de não haver dados precisos a respeito, estima-se que o número de infectados é 16 vezes maior do que os números divulgados oficialmente, uma vez que o país não realizou uma testagem ampla dos casos suspeitos. Os cientistas apontam também que os pacientes assintomáticos são a maior via de contágio da doença, agravando o alastramento do vírus, segundo levantamento de cientistas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em parceria com a Universidade de São Paulo (SETUBAL, 2020).

Dado que a Covid-19 é um vírus relativamente novo, existem muitos fatores que tornam a pandemia uma das mais complexas que a humanidade pode ter vivenciado. Uma das principais dificuldades impostas é que, para evitar a ampliação do contágio, são necessárias diversas medidas, sejam de higiene, como lavar as mãos sempre que tocar em algo, utilização de máscaras, de álcool 70º, quando não for possível higienizar as mãos com água e sabão, sejam medidas de distanciamento e de isolamento social.

Embora o mundo esteja altamente conectado via redes sociais e as informações acerca do contágio e dos cuidados necessários cheguem com uma velocidade impressionante, a desinformação alcançou patamares inimagináveis. A questão do baixo índice de isolamento em algumas capitais, bem como o aumento do contágio, pode ter relação direta com as notícias falsas disseminadas através de aplicativos de mensagens. Informações como a de que água tônica curaria a Covid-19, bem como a utilização de medicações sem comprovação científica como efeito profilático, entre outras problemáticas, agravam uma situação que já é muito delicada.

Os desafios enfrentados durante o período da gripe espanhola, por exemplo, eram amplamente diferentes, não só pelo período decorrido - um século de diferença - mas por dificuldades no acesso à higiene, bem como métodos de pesquisa que precisavam ser revistos em tempo recorde. Em comum com esse período, alguns detalhes que fazem toda a diferença: a importância da ciência é colocada sob holofotes; os negacionistas existem e são combatidos através do conhecimento; os prejuízos reais só podem ser mensurados muito tempo depois.

## **6 PRODUTO**

Como produto da intervenção, foi elaborada uma modelagem de ação de mediação cultural em bibliotecas escolares em escolas públicas sergipanas, utilizando como modelo a observação empreendida no Colégio Estadual Olavo Bilac, que foi primordial para a criação e formatação desse projeto. No Apêndice B deste trabalho encontra-se o Guia que é a junção da teoria e prática com as análises efetuadas.

A elaboração do produto realizou-se após as etapas apresentadas anteriormente e que serão destrinchadas a seguir e tem como objetivo primordial o estímulo à leitura crítica por intermédio de dinâmicas culturais, utilizando-se de temas contemporâneos e cativos aos discentes, visando a aquisição de habilidades de leitura e escrita. O Guia gerado também aborda a importância da cooperação entre bibliotecários e docentes na ampliação do escopo informacional dos estudantes, evidenciando assim a imprescindível necessidade de um trabalho conjunto.

Como o roteiro inicial da proposta é abordar a censura, foram pensadas três etapas, que por si só já transmitem sua finalidade: proposição, contextualização e compartilhamento. Nesse tópico serão descritos os itens que compõem a modelagem do projeto e o material completo contendo o produto resultante dessa ação poderá ser visualizado no Apêndice B.

### **6.1 Contextualização**

O ponto de partida para a utilização da temática censura foram os três principais campos em que ela opera: política, religião e arte. Esses temas são relevantes para o entendimento em que a censura pode ser instalada de maneira coletiva e suas implicações sociais. Entretanto, o vídeo e texto utilizados para essa ação não citam esses três campos, mas eles serão abordados posteriormente, porque a intenção é de que essas temáticas sejam trabalhadas em sala de aula, no tempo em que os professores, em consonância com a proposta apresentada, considerem pertinente para tal discussão.

O desenvolvimento dessa modelagem foi realizado de maneira a possibilitar a adequada apropriação da informação, pois entende-se que é crucial contextualizar os estudantes acerca da temática trabalhada, tornando-os familiarizados com o assunto em questão previamente à etapa de proposição de atividades. Levando-se em consideração que o assunto abordado é contemporâneo



e carrega uma estigmatização muito complexa, torna-se imperioso apresentar o contexto do que será realizado para que, com o entendimento amplo da temática, os estudantes possam analisar sua realidade e compreender onde ela se encaixa nesse assunto, colaborando para as outras etapas do projeto.

A princípio será realizada uma breve apresentação sobre o trabalho a ser realizado, explicando rapidamente sobre o que é censura, englobando os três campos principais em que ela atua e suas implicações na atualidade. Após essas atividades, é realizada a exibição de um vídeo curto e um resumo após a exibição.

Para essa etapa, o vídeo exibido será o *Censura na Bienal*, de Felipe Neto, que foi postado no *Youtube* dia 06 de setembro de 2019, com duração de 05min39s, e que conta 1.843.479 visualizações. Como explanado anteriormente, a escolha do vídeo deu-se após a demonstração do interesse em comum dos discentes em relação ao *youtuber* e, coincidentemente, o tema censura ocupava todos os holofotes. Com isso, foi efetuada a junção da predileção por quem transmitia a mensagem com a abordagem de uma temática sensível e que exige uma compreensão aprofundada para o desenvolvimento da primeira dinâmica.

Posteriormente, serão distribuídos textos que também tratem da temática abordada e ampliem a visão que já foi estimulada com a exibição audiovisual e, para essa temática, foi selecionado o texto “Em resposta a Crivella, Felipe Neto distribui 14 mil livros com temática LGBT de graça na Bienal”, do Huffpost Brasil.

A escolha do texto efetuou-se após apurada observação acerca da linguagem empregada, pois é vital que seja acessível e dinâmica e que possua uma relação direta com o vídeo exibido. Torna-se importante apontar que a matéria utilizada nessa atividade é de um site que não exige assinatura paga para acesso ao material citado, estabelecendo assim a necessidade de tornar a informação viável independente do suporte, o que pode vir a possibilitar uma adesão maior ao projeto, pelo baixo custo exigido.

Seguidamente à leitura realizada, será solicitada a produção de um texto de até 10 linhas, pois em etapas iniciais de aprendizagem linguística, normalmente se é ensinado que existem três gêneros para uma boa redação, que são: narração, descrição e dissertação.

Baseada nessa premissa, os estágios do trabalho foram elaborados para acompanhar a proposta de ensino-aprendizagem existente e colaborar com o incentivo à leitura. A produção de um relato pessoal sobre alguma situação em que

eles vivenciaram a censura, foi uma sugestão da professora de português, que relatou a dificuldade em conseguir que os estudantes criem produções escritas, e que na ocasião enfatizou a importância de trabalhar todas as linguagens, citando a inestimável colaboração para a turma que essa tarefa pode vir a proporcionar.

O tempo para a execução dessa etapa é de até 40 minutos, que é a duração de uma aula. Será realizada com as turmas A e B, seguidamente. Como esse projeto de mestrado foi iniciado em 2019, a turma que participaria seria a do 7º ano, que em 2020 se tornou 8º ano. Não poderia ser realizada com a turma anterior porque se gerou uma expectativa muito grande entre os discentes, então optou-se por manter a mesma turma. No quadro abaixo, foi delimitado um resumo das atividades que são relacionadas à proposição.

**Quadro 9** – Resumo das atividades propostas 1

O quê?	Como?	Para quê?	Tempo
Contextualização	Vídeo e texto	Teoria + prática	40 minutos/ Horário livre de alguma matéria

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Na parte em que se realiza um apontamento a respeito do tempo, é importante ressaltar que, para o desenvolvimento dessas atividades, será utilizado um horário vago na grade escolar, ou seja, não há professor contratado para determinadas matérias e, por isso, nesses horários, os alunos ficariam ociosos. A proposta também visa colaborar para o preenchimento desses horários com atividades que fomentem o contentamento com o ambiente escolar.

A escolha de uma turma dessa idade não é obra do acaso e a utilização de vídeos e textos curtos objetiva aproveitar ao máximo o espaço gentilmente oferecido pelos docentes e, ao mesmo tempo, despertar o interesse desses jovens pelo assunto abordado. Esclarecer o que é censura e estimular a produção intelectual por meio dessas ações são o foco do trabalho, o que pode ser mudado são as formas como isso pode ser realizado.

A frequência sugerida para essa etapa é semanalmente, tanto para que se tenha um tempo para a composição da atividade sugerida quanto para que seja gerada uma expectativa nesses jovens.

## 6.2 Proposição

A proposição trata de assegurar que a entrega praticada pelos estudantes a respeito do conteúdo abordado por meio do consumo do vídeo, da leitura, dos debates empreendidos em sala de aula e com os professores e da produção textual, possa vir a produzir conhecimento, que resultará na produção de recurso audiovisual que, na ocasião, será um podcast, mas que também pode ser um vídeo ou qualquer outro meio de transmitir os resultados em grupos. Acredita-se ser salutar, ao iniciar essa etapa, solicitar que os alunos se apresentem e digam alguma curiosidade sobre si, com o propósito de gerar uma interação positiva e estimulante.

A intenção de realizar uma apresentação com curiosidades sobre os estudantes é que eles se sintam à vontade para falar, criando um clima descontraído que favoreça a troca. Após, será solicitada a leitura dos textos escritos, seguida de um debate sobre estes, oportunidade em que será sempre pedido que eles falem sobre o que entenderam ou acrescentem algo à narrativa.

Feita a exibição sobre o assunto a ser trabalhado e como será realizada a dinâmica, é hora de pedir para que os alunos leiam os textos produzidos. Caso possuam alguma dificuldade de falar em público, pode ser solicitado que a pesquisadora ou a orientadora procedam com a leitura, para dar prosseguimento à atividade proposta.

Petit (2009) afirma que alguns textos lidos abrem um caminho em direção à interioridade e aos territórios inexplorados da afetividade, o que corrobora com a intenção deste percurso acadêmico, que é a de discutir temáticas, entender contextos e compor novas narrativas. Essa etapa é essencial para que os discentes se apropriem da temática trabalhada e tragam essa reflexão para a vida cotidiana, alinhando a aprendizagem escolar à vivência diária.

Posteriormente à leitura, é imprescindível a realização de um debate, no qual os jovens possam opinar sobre os textos lidos, esclarecer as dúvidas acerca dos relatos e sobre a temática em si, bem como trazê-los para o centro da discussão, tornando-os agentes passivos do aprendizado. Pode-se esclarecer no debate a diferença entre censura e códigos sociais, uma vez que é importante lembrar que se tratam de adolescentes, que possuem suas questões e demandas. O intento das conversas sobre o tema precisa ser de aquisição de criticidade ao tratar do assunto, entendendo as problemáticas do mundo que os cerca.

Seguidamente ao debate, deverá ser solicitado que cada aluno diga a temática pela qual tenha mais curiosidade, objetivando o entusiasmo no trabalho

desenvolvido e empreender uma investigação das questões que permeiam o imaginário desses jovens. Essa fase de debates serve para mapear como os alunos conseguem se expressar, seja através da escrita dos textos, como também em relação à fala e expressão em sala, que vão ser levadas em consideração ao final do trabalho.

No escopo da atividade proposta, os professores participantes da ação, que como citado anteriormente são das matérias de Português e História, utilizarão parte de sua aula para tratar da temática do ponto de vista pedagógico, uma vez que eles não só exaltaram a proposta, como fizeram parte da escolha do tema. Em Português, por exemplo, poderá ser estudado como eram os textos nesse período histórico, como as pessoas se comunicavam, como a imprensa utilizava alguns recursos para poder deixar subentendido para a população atenta à situação vigente na época, que determinado trecho tinha sido censurado e a importância de ler, não só de forma constante, mas do desenvolvimento de uma leitura realizada também nas entrelinhas.

Carvalho (2014) salienta que a censura política direcionada à imprensa tinha como foco apenas as atividades de cunho jornalístico e complementa explanando acerca do veto às notícias que tratassem de assuntos politicamente sensíveis, tais como as práticas de tortura e os desaparecimentos de pessoas, evidenciando assim a relevância da abordagem desse tema em sala de aula, oportunizada por essa abertura ao diálogo realizado através desse projeto.

O professor de História, por sua vez, abordará todo o período histórico, as implicações causadas, os efeitos sociais e, para aproveitar todo o enfoque dado a esse tópico tão relevante, sobretudo no momento atual, ele poderá abordar também o que significariam as declarações dadas por parlamentares e militares que exaltam esse período tão nebuloso, o que demonstra a necessidade de estudo do passado e da História, para melhor compreensão do presente e delineamento do futuro.

Na tabela abaixo, serão exibidos os pontos que poderão ser abordados e os seus respectivos encadeamentos (Quadro 10).

**Quadro 10 – Resumo das atividades propostas 2**

O Quê?	Como?	Para quê?	Tempo	Continuidade
Proposição	Leitura + debate	Escrita + fala	Horário livre + aula da matéria determinada	Tratar os assuntos em sala de aula com a temática

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Esse material será lido em sala de aula, oportunidade em que cada estudante poderá ler o seu próprio trabalho, porém, caso o aluno se sinta constrangido para a leitura em público, poderá solicitar que a pesquisadora ou a professora que acompanha o projeto proceda à leitura. Petit (2009) afirma que alguns textos lidos abrem um caminho em direção à interioridade e aos territórios inexplorados da afetividade, o que corrobora com a intenção desse percurso acadêmico, que é de discutir temáticas, entender contextos e compor novas narrativas.

Essa etapa é essencial para que os estudantes se apropriem da temática trabalhada e tragam essa reflexão para a vida cotidiana, alinhando o aprendizado escolar com a vivência diária. A produção de material textual é altamente importante para a devida colaboração com o/a docente em sala de aula, através do estímulo à leitura e produção de conhecimento.

Cabe salientar que a função do debate é também a de criação de novas concepções, garantindo assim que a produção textual realizada anteriormente seja revisada e, desse modo, tem a intenção de elucidar aos participantes que o ato de gerar informação não necessariamente representa a produção de conhecimento, uma vez que o conhecimento se alcança com a troca e com a abertura a novas opiniões e ideias.

### **6.3 Compartilhamento**

A etapa de compartilhamento foi estruturada para que os participantes pudessem repartir os benefícios gerados a partir do trabalho executado. Os textos produzidos na etapa anterior serão votados quanto à possibilidade de utilização no *podcast*, pelos próprios discentes, para que eles sejam elementos chave no processo decisório. O propósito da votação não é gerar competição entre os alunos e sim mostrar que a participação ativa deles é relevante em todas as etapas do processo, bem como que o esforço realizado na execução pode vir a ocasionar atividades frutíferas.

Os melhores trabalhos produzidos seriam utilizados em uma atividade com os alunos, que pudesse servir de base para a reprodução da dinâmica realizada em espaços similares. Petit (2009) afirma que, sob certas condições, a experiência da leitura poderia ser aplicada em contextos mais insalubres e que a sua vivência mostrou que as atividades de apreciação de escritos colaboram para a construção ou

reconstrução de si, ainda que a leitura não seja um hábito frequente.

A atividade pensada preliminarmente era um vídeo que contasse com a participação dos jovens, dos professores envolvidos no processo e da pesquisadora, que contaria com a exibição dos resultados produzidos através do projeto de incentivo à leitura crítica e um debate sobre o assunto tratado. Entretanto, durante o seminário de qualificação dessa dissertação de mestrado, foi sugerida a produção de um *podcast* que, após análise prévia, mostrou-se uma alternativa viável.

O *podcast* é um programa de áudio que pode ser baixado via internet ou reproduzido através de serviços de streaming. Segundo Letícia Louback (2019), em matéria publicada no site TechTudo, o termo surgiu através da junção das palavras de "iPod", dispositivo reprodutor de áudio da Apple, e "broadcast", palavra em inglês que significa "transmissão". Os créditos para a criação desse conceito são atribuídos ao ex-VJ da MTV Adam Curry e ao desenvolvedor de softwares Dave Winner. Diferente do rádio, que é uma mídia tradicional e ainda bastante utilizada, o *podcast* costuma ser gravado previamente e não permite interação como os programas de rádio tradicionais.

Essa opção mostrou-se mais atrativa graças a alguns pontos que tornam a experiência mais positiva, conforme evidenciado a seguir:

A vantagem do podcast, em relação aos programas tradicionais no rádio, é que a pessoa que disponibiliza os programas tem em mãos uma ferramenta de fácil acesso e de custo muito baixo, e as pessoas que assinam os canais dos programas de podcasts podem ouvir os episódios em qualquer lugar e a qualquer momento, flexibilizando o tempo dos usuários (MOURA; CARVALHO, 2018, p. 158 *apud* SQUIZANI, 2018).

Como esse recurso multimídia é produzido sob demanda, o usuário pode escolher o melhor momento para acompanhar e, dependendo da temática abordada, é possível criar episódios diferentes, mantendo uma regularidade que é relevante no processo de ensino-aprendizagem. Dado que um dos objetivos deste trabalho é a disseminação do conhecimento produzido, essa alternativa tem a possibilidade de maior alcance.

Dado que na atualidade as formas de compartilhamento são diversas, o material produzido pode também ser utilizado nos stories da página da escola no Instagram (caso possua esse recurso), bem como ser efetuada a filmagem da gravação do *podcast*, transformando-a em vídeo do próprio *Youtube*, na intenção de se exibir os bastidores e as curiosidades que envolvem uma produção, o que pode ter

um fator positivo na motivação da concepção desse tipo de dinâmica no ambiente escolar.

Uma vez que é relevante entender a biblioteca como um espaço de troca e compartilhamento, realizar a gravação de um *podcast* nesse local é salutar, porque tem o condão de transmitir essa mensagem aos jovens e possibilitar ações futuras, nas quais esses mesmos estudantes podem utilizar o acervo para aprofundar o assunto discutido. Na tabela abaixo é possível visualizar como será realizado o processo citado:

**Quadro 11** – Processo de gravação do *podcast*

O quê?	Como?	Para quê?	Tempo	Continuidade
Compartilhamento	Seleção+ Votação	Linguagem + Expressão	Horário livre	Utilização da biblioteca como espaço de compartilhamento

Fonte: elaborado pela autora (2020).

A utilização de uma fórmula digital de baixo custo e amplo alcance foi pensada levando em consideração a necessidade da aquisição de cidadania digital, que é um conceito que engloba a expansão dos direitos já existentes em diversos campos, com ênfase nos usuários das tecnologias da informação. A grande maioria dos jovens são nativos digitais, ou seja, fazem parte de uma geração na qual o uso de *smartphones* e de redes sociais é usual, tornando-se imprescindível a aquisição de uma perspectiva crítica de si e do mundo, para que esse adolescente consiga fazer uma avaliação criteriosa do que é consumido, o que possibilita evitar a disseminação de notícias falsas.

A aquisição consciente do papel de cidadão dar-se-á com a conquista de competências informacionais da interpretação de conteúdos diversos e, nesse sentido, o bibliotecário que atua no ambiente escolar possui uma responsabilidade social imensa, uma vez que a utilização da informação, assim como seu uso, reuso e compartilhamento são extremamente necessárias para o perfeito exercício da cidadania.

Muitas são as opiniões acerca do que deveria ser ensinado na escola, que vão desde atividades domésticas até empreendedorismo, transformando esse local em um grande depósito de finalidades particulares, onde ao invés da formação cidadã, produz-se mão-de-obra pouco qualificada e com a inclinação de precisar tolerar

exploração no mercado de trabalho, uma vez que esse indivíduo não possui a consciência do seu lugar na sociedade e da potência que existe em compreender o mundo e a si mesmo.

Como afirma brilhantemente Freire (2003) “ninguém educa ninguém; ninguém educa a si mesmo; os homens educam-se uns aos outros mediatizados pelo mundo”, assim, o ambiente escolar é uma fração muito importante do mundo exterior e a aquisição de habilidades críticas ao defrontar-se com a sociedade em que se está inserido é fundamental, tanto para si, quanto para o outro.

É importante ressaltar que para as aplicações dessas dinâmicas é indispensável mapear as atividades escolares executar uma avaliação socioeconômica dos alunos, observar se a escola fornece a merenda e, caso não ofereça, que seja oferecido um lanche durante as dinâmicas, não como prêmio de participação, mas visando o melhor aproveitamento dos participantes. Nesse sentido,

Hooks (2017, p. 211) complementa o raciocínio acerca da observação ante a aplicação de dinâmicas quando afirma que

Se as pessoas ou estudantes não estiverem dispostos, sairão vazios daquela informação, por mais que o agente sinta que realmente cumpriu o dever [...] é preciso saber o estado de humor, da classe, a estação do ano, o clima da sala e perguntar sempre se está bem, ou está acontecendo algo.

E apesar dessa estratégia ser recorrente em salas de aula em muitos países e, principalmente, no Brasil, o profissional da informação precisa modificar a forma de ação, verificando as abordagens realizadas e os resultados delas, ampliando o escopo da sua atuação, objetivando sempre uma melhoria contínua, primordialmente em prol da melhoria social.

#### **6.4 Páginas do produto digital: “Biblioteconomia e produção de conteúdo crítico no ambiente escolar: Guia de mediação cultural”**

Essa Subseção destina-se a apresentar as imagens contidas no guia de mediação cultural intitulado “**Biblioteconomia e produção de conteúdo crítico no ambiente escolar: Guia de mediação cultural**” o qual é produto final e resultado dessa pesquisa.

De forma acessível, essa narração sucinta foi elaborada nas bases dos conceitos da mediação cultural e nos seus processos constituintes na área da Ciência da Informação, visando principalmente direcionar ações que possam facilitar a sua



execução além da conscientização da sua importância na educação, em seus variados contextos, e para o público escolar. A seguir, o guia será elencado na íntegra para maior visibilidade e posteriormente inserido no Repositório Institucional da Universidade Federal como produto do Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Na sequência estão dispostas as figuras de 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11 respectivamente.

**Figura 4** – Capa, ficha técnica e epígrafe do produto “Guia de Mediação Cultural



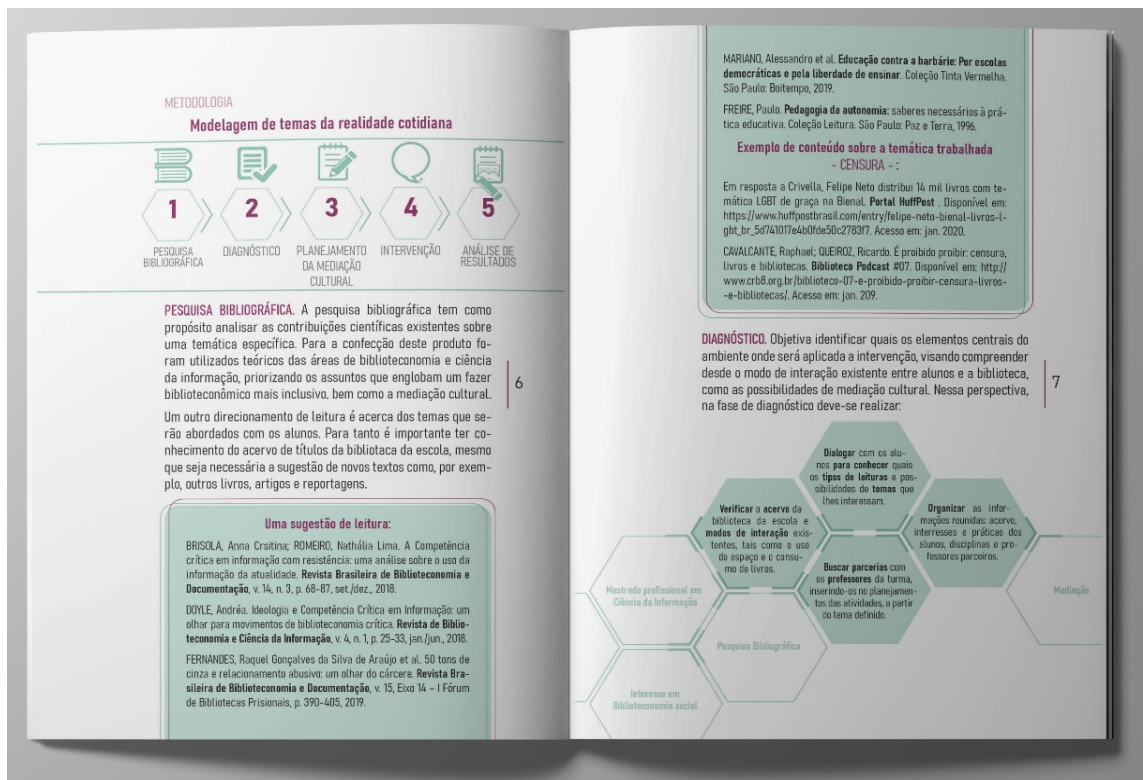
Fonte: Elaborado pela autora (2020).

**Figura 5 – Páginas do sumário e apresentação do Guia**



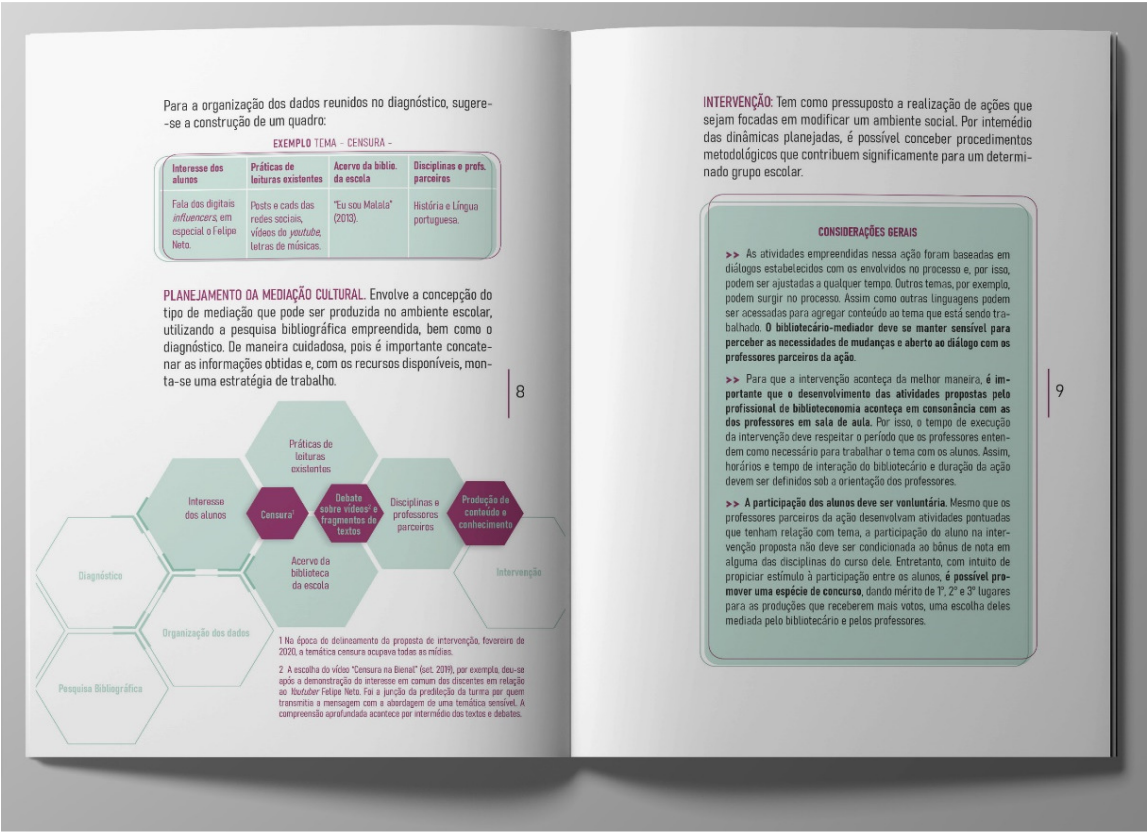
Fonte: Autora (2020).

**Figura 6 – Metodologia da modelagem**



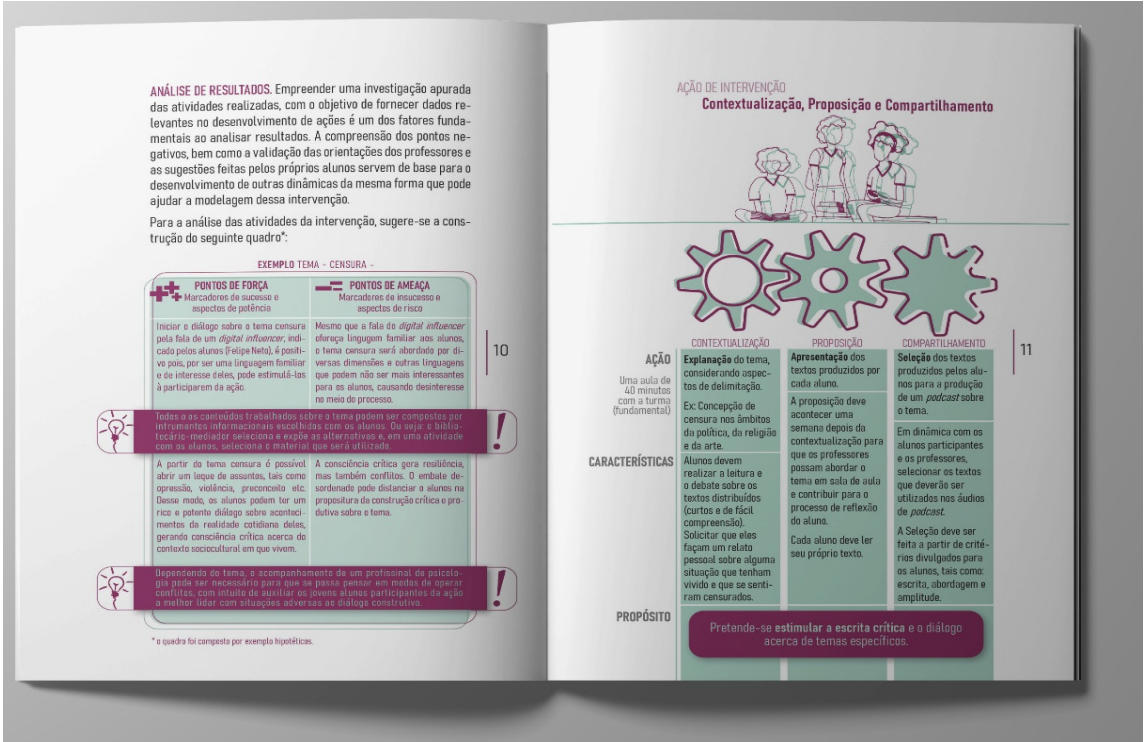
Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 7 – Metodologia da modelagem 2



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

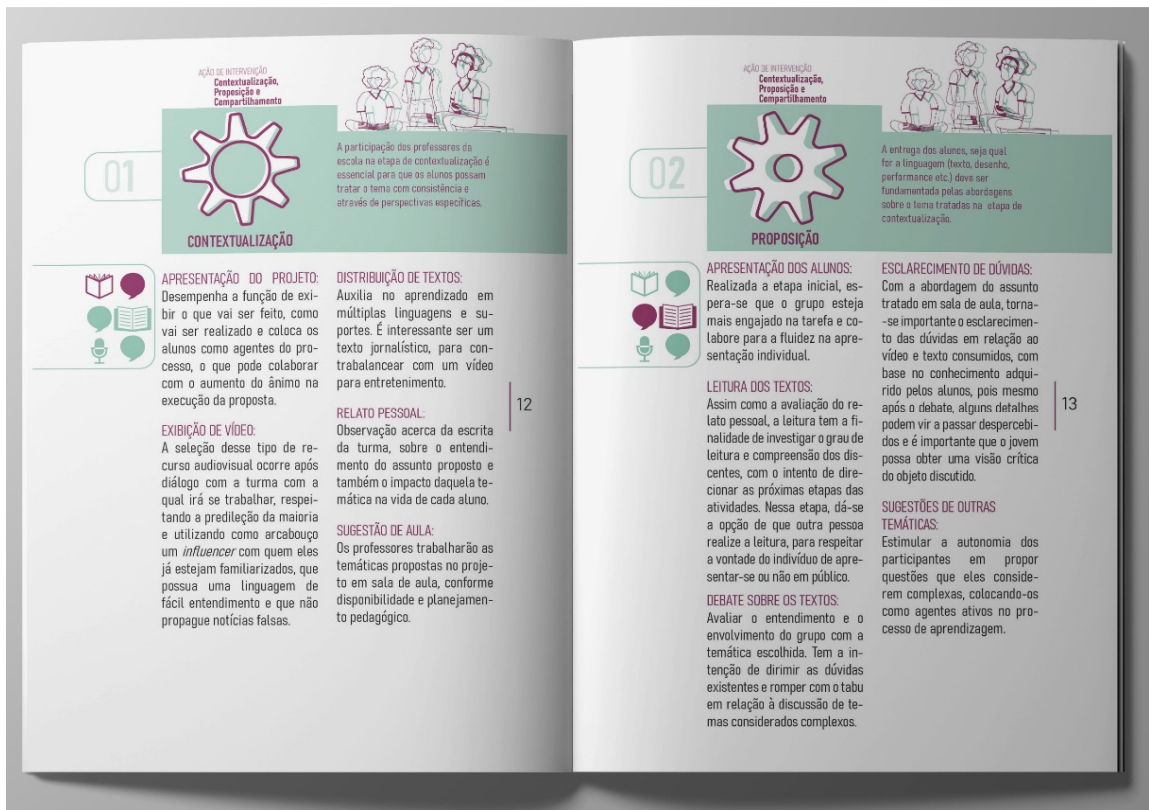
Figura 8 - Metodologia da modelagem e ação



Fonte: elaborado pela autora (2020).

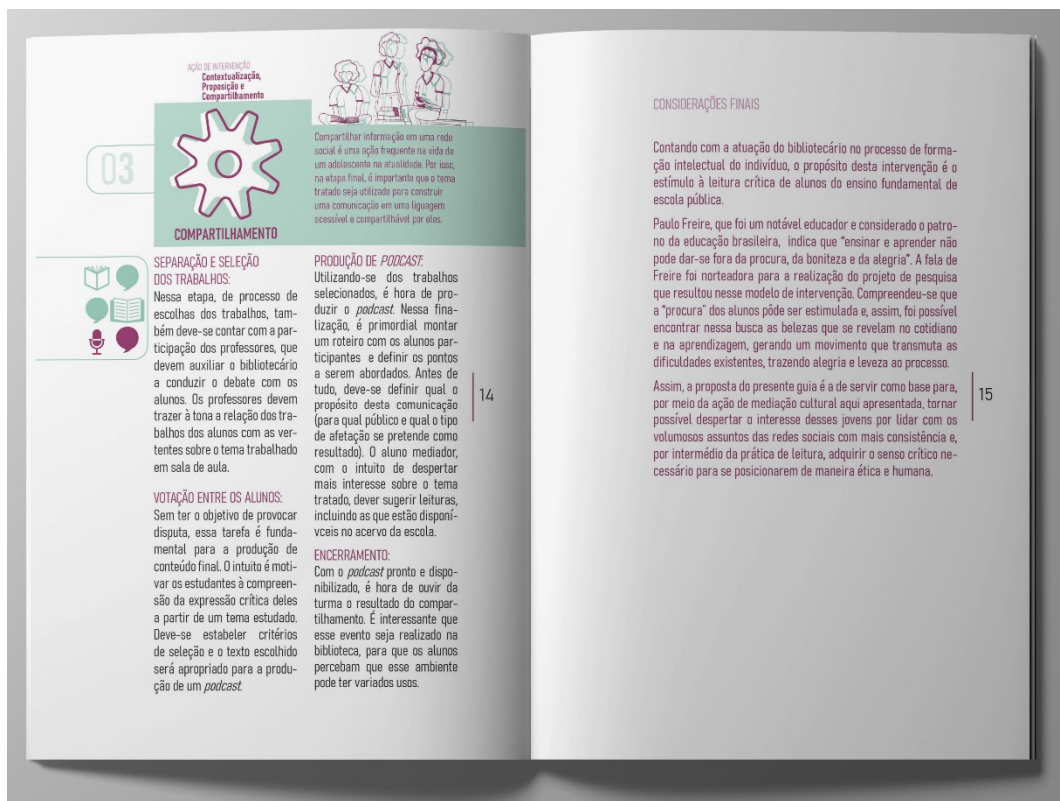


Figura 9 – Ação de Intervenção

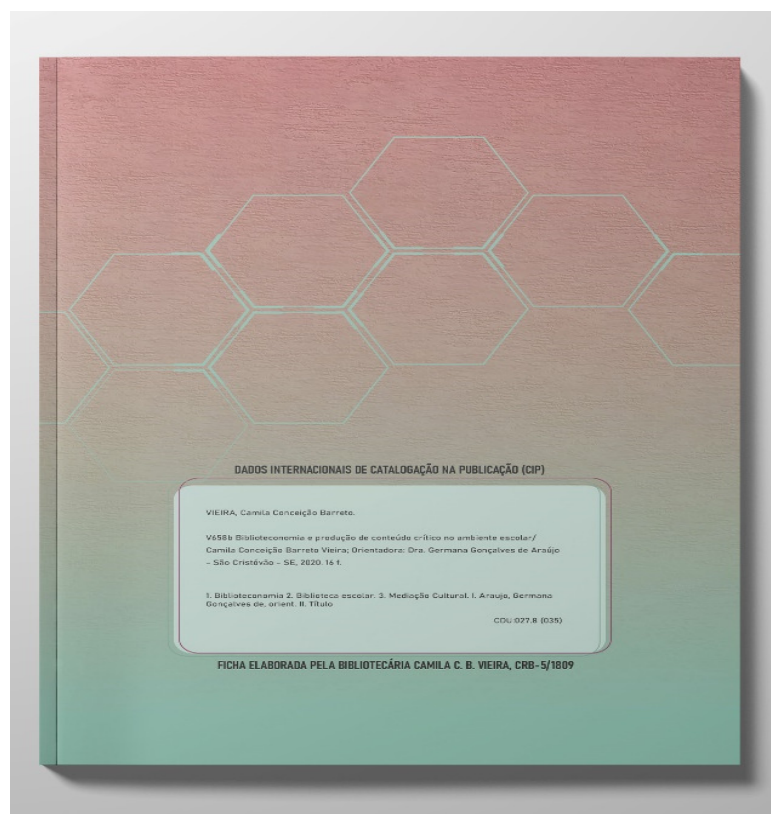


Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 10 – Ação de Intervenção e Considerações finais



Fonte: elaborado pela autora (2020).

**Figura 11** – Ficha catalográfica do Guia

Fonte: elaborado pela autora (2020).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta principal deste trabalho é estimular a leitura crítica para os alunos de escola pública, através da mediação cultural, com a utilização de recursos audiovisuais que possibilitem aos estudantes maneiras diversas de entender temáticas que integram-se ao contexto em que eles estão inseridos, com a intenção de que a compreensão desses assuntos colaborem para a formação intelectual desses jovens.

Embora a ideia incipiente fosse a de utilizar outra rede social, o diálogo travado com os participantes dessa pesquisa mostrou que o consumo midiático realizado por eles era outro, o que teve um impacto significativo nos caminhos tomados para a elaboração do projeto. A pesquisa bibliográfica realizada tencionou exibir os dados sobre escolas públicas e a leitura de maneira geral, a fim de traçar uma linha que direcionou esse trabalho até a Escola Estadual Olavo Bilac, que foi o local onde ele teve início.

Durante a elaboração da derradeira etapa de resultados, fez-se necessário um levantamento do que foi realizado, em detrimento das carências ocasionadas pela pandemia do Covid-19 em relação às escolas públicas do estado de Sergipe, do mesmo modo que é importante abordar sobre a calamidade ocorrida com os pesquisadores brasileiros.

Um levantamento realizado pelo projeto brasileiro *Parent in Science*, que em tradução livre significa Pais na Ciência, buscou mensurar os danos da pandemia e da desigualdade de condições para docentes, pesquisadores e alunos de pós-doutorado, doutorado e mestrado e, até o mês de maio, mais de 2 mil pessoas já haviam respondido à pesquisa. Desse total, 70% eram de mulheres e os dados apontam que, no que concerne à publicação de artigos, que é uma condição primordial para os estudantes de pós-graduação, 40% das mulheres sem filhos não concluíram seus artigos contra 20% dos homens e, as mulheres com filhos (categoria em que esta pesquisadora se encontra) apresentam um número ainda maior: 52% não conseguiram concluir, contra 38% dos homens com filhos (GARCIA, 2020). Torna-se relevante citar, de forma a complementar o raciocínio, que, de acordo com o IBGE, as mulheres gastam o dobro de tempo dos homens ao realizar tarefas domésticas. O que esse número representa na prática? Além de afetar toda a estrutura acadêmica, a

pandemia compeliu famílias inteiras a ficarem confinadas em suas casas, onde ocorre toda essa condição adversa apontada pela pesquisa, e rearranjou de maneira indefinida as questões que permeiam essas pessoas, trazendo todo um contexto novo e talvez até duradouro.

A contextualização acerca das repercussões causadas por adversidades tem como propósito apresentar ao leitor deste trabalho uma perspectiva dos acontecimentos que perpassam a vida do pesquisador e mostrar que, com isso e não apesar disso, é possível realizar um trabalho com algumas adaptações e testando possibilidades. Além disso, a exibição de detalhes intrínsecos sobre quem pesquisa humaniza o trabalho, pois mostra que, por trás dos levantamentos realizados e descritos, existem pessoas que possuem suas dificuldades e as ultrapassam por seguir suas convicções, principalmente por acreditar na Universidade Pública, na pesquisa e na Ciência.

Dito isso, as discussões realizadas para a elaboração desta pesquisa apontaram de diversas formas que a importância do trabalho do bibliotecário para a aquisição de habilidades de leitura e escrita crítica possui um potencial transformador. Em se tratando da capital sergipana, a ampliação do olhar para as unidades informacionais em escolas públicas faz-se extremamente necessária, não apenas no sentido de ocupar esses espaços, mas sim de colaborar ativamente na formação cidadã dos estudantes.

Em se tratando de bibliotecas, livros e leitura dentro do espaço social em que a pesquisa está inserida, é válido mencionar como a análise dos fatos trouxe um panorama sobre as dificuldades encontradas nas escolas públicas, principalmente no que concerne a estruturação desses ambientes de aprendizado. Como a educação vêm enfrentando um sucateamento em todas as suas esferas, elaborar estratégias de resistência visando primordialmente o amplo investimento para as bibliotecas, com equipamentos multimídia e acervo atualizado e compatível com as demandas educacionais, é tarefa de toda a sociedade.

Em relação ao delineamento das dinâmicas, o diálogo se mostrou um recurso indispensável para a compreensão do que pode ser trabalhado. É crucial que o pesquisador saiba claramente com o que quer trabalhar, mas é interessante também que esse saber tenha uma flexibilidade, pois ambientes com uma diversidade de pessoas exigem soluções diferentes e inclusivas, levando em conta as predileções dos participantes do projeto, bem como os recursos que podem ser oferecidos

O Guia para produção de conteúdo crítico no ambiente escolar foi criado com a intenção de permitir inúmeras variações temáticas e modelagens de aplicação. Faz-se necessário acompanhar os assuntos que estão em voga, para a partir deles usar as propostas contidas no roteiro, uma vez que ele foi desenvolvido visando utilizar questões contemporâneas para elucidar dúvidas dos jovens e colaborar para uma visão crítica desses fatos, através do uso de recursos audiovisuais e das redes sociais. Um recurso objetivo para o uso dessa modelagem é efetuar o trabalho de maneira contínua, pois facilita o processo de aprendizagem, dado que permite contextualizar diversas temáticas.

A finalidade de abordar como primordial a aquisição de leitura crítica não é fundamentada na ideia de que o ato de ler pode ser determinado por um profissional. O tema foi pensando objetivando a aquisição de autonomia para escolhas, que só podem ser realizadas de maneira clara através do conhecimento, pois não se opta de maneira racional pelo que não se entende, por isso vivemos tempos tão tenebrosos, em que persegue-se o patrono da educação e acusa-se as escolas de doutrinadoras. A percepção do presente faz-se com a observação do passado e a perspectiva do futuro, por meio de participação social e luta pelos direitos adquiridos e compreensão de quanto se pode caminhar. Ler é revolucionário e ser parte de um movimento para fortalecimento da cidadania é uma tarefa base para se viver em uma sociedade justa e igualitária.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006. 125 p.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambiguidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. **Infohome**, [s. l.], 2017. Disponível em: [https://ofaj.com.br/espacoofajs\\_conteudo.php?cod=13#](https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=13#). Acesso em: 22. out. 2019.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997. 172 p.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Prefácio. In: MORAES, Marielle de; SPUDEIT, Daniela (org.). **Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. 278 p.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Editora Polis, 1997. *E-book*. Disponível em: [http://abecin.org.br/e-books/colecao-palavra-chave/ALMEIDA\\_JR\\_Sociedade\\_e\\_Biblioteconomia.pdf](http://abecin.org.br/e-books/colecao-palavra-chave/ALMEIDA_JR_Sociedade_e_Biblioteconomia.pdf). Acesso em: 3 out. 2019.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., 2007, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2007. p. 1-13. Disponível em: [http://eprints.rclis.org/13269/1/MEDIA%C3%87%C3%83O\\_DA\\_INFORMA%C3%87%C3%83O\\_E\\_DA\\_LEITURA.pdf](http://eprints.rclis.org/13269/1/MEDIA%C3%87%C3%83O_DA_INFORMA%C3%87%C3%83O_E_DA_LEITURA.pdf). Acesso em 11 out. 2019.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; SANTOS NETO, João Arlindo. Mediação da informação e a organização do conhecimento: interrelações. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98-116, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16716>. Acesso em; 11 out. 2019.
- ALUNOS já tem acesso às aulas na TV e Rádio Aperipê e no YouTube. **Portal Infonet**, 6 nov, 2020. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/educacao/alunos-ja-tem-acesso-as-aulas-na-tv-e-radio-aperipe-e-no-youtube/>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- AMORIM, Waldirene; MIRANDA, Maria Geralda de. A relevância social da leitura e da escrita na sociedade pós industrial. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3., 2011. **Anais [...]**. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1993.pdf>. Acesso em: 3 out. 2019.
- ARAÚJO, Germana de. **Aparência cangeceira**: um estudo sobre a aparição como aspecto do poder. 2013. 208 f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11944/1/APARENCIA%20CANGACEIRA\\_TE](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11944/1/APARENCIA%20CANGACEIRA_TE)

SE%20FINAL\_GERMANA%20ARAUJO%202013.pdf. Acesso em: 20 abr. 2019.

BORBA, Adeneri Nogueira de; MARTINS, Elaine Cristina da Silva. Biblioteca pública espaço de mediação cultural. *In*: SIMPÓSIO INTEGRADO DE PESQUISA, 13., 2015, Blumenau. SC. **Anais** [...]. Blumenau, SC: UNIVILLE/UNIVALI, , 2015. Disponível em: <https://bu.furb.br/soac/index.php/sip/xiiisip/paper/viewFile/2040/499>. Acesso em: 12 ago. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 1 jan. 2019.

BRASIL. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 3 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, DF: Presidência da República, [2010]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm). Acesso em: out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em 3 set. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998**. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1998]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9674.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9674.htm). Acesso em: 3 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo Escolar 2018**. Brasília, DF: INEP, janeiro de 2019. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2018/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf). Acesso em: 3 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **INEP: programa de integridade**. Plano de Integridade. Brasília, DF: CGU, 2018. Disponível em: <https://www.cgu.gov.br/assuntos/etica-e-integridade/programa-de-integridade/planos-de-integridade/arquivos/inep-instituto-nacional-de-estudos-e-pesquisas-educacionais-anisio-teixeira.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024 Linha de Base**, Brasília, DF: INEP, 2015. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Plano+Nacional+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+PNE+2014-2024++Linha+de+Base/c2dd0faa-7227-40ee-a520-12c6fc77700f?version=1.1>. Acesso em: 11 out. 2019.

BUFREM, Leilah Santiago. Configurações da pesquisa em ciência da informação. **Datagramazero**, v. 14, n. 6, dez. 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/50777>. Acesso em: 12 nov. 2019.

BUFREM, Leilah Santiago. Fundamentos sociais e políticos da biblioteconomia. **Educar**, Curitiba, v. 1, p. 108-22, jan./jun., 1985. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n4/n4a08.pdf>. Acesso em: 3 out. 2019.

CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. atual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. v. 1. 64 p.

CARNEIRO, Laura; ZANOTTO, Carmen. **Projeto de Lei nº 9484 de 06 de fevereiro de 2018**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País, para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Brasília, DF: Senado, 6 fev. 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=216771>. Acesso em: 12 abr. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CASTRILLÓN, Sílvia. **O direito de ler e de escrever**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes; COPPOLA JÚNIOR, Claudinei. Biblioteca escolar e a lei 12.244/2010: caminhos para implantação. **Biblioteca Escolar em Revista**, v. 1, n. 1, p. 30-41, 9 maio 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106556>. Acesso em: 10 jan. 2020.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Livros-Ninhos e leitores-passarinhos: outros sentidos de documentos. In: CRIPPA, Giulia; MOSTAFA, Solange Puntel. **Ciência da informação e documentação**. Campinas: Alínea, 2011.

CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000. 287 p.

CERVO Amado Luiz; BERVIAN Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CESNIK, Fábio de Sá; BELTRAME, Priscila Akemi. **Globalização da cultura**. Barueri, São Paulo. Manole, 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ed. 24, p. 5-15, set-dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n24/n24a02.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

CHIAVENATO, Idalberto; SAPIRO, Arão. **Planejamento estratégico**: fundamentos e aplicações. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CIRIBELI, João Paulo; PAIVA, Victor Hugo Pereira. Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. **Revista Mediação**, Universidade FUMEC, v. 13, ed. 12, p. 1-18, jan-jun 2011. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/509/504>. Acesso em: out. 2019.

COELHO NETO, José Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Fapesp/ Iluminuras, 1997.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Resolução n° 006/1966, de 13 de julho de 1966**. Aprova o texto do Juramento Profissional: “Prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana. São Paulo: Conselho Federal de Biblioteconomia, 1966. Disponível em: [http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Resolucao\\_006-66.pdf](http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Resolucao_006-66.pdf) Acesso: 3 out. 2019.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini *et al.* Bibliotecário escolar: um educador? School librarian: an educator? **Revista ACB**, v. 7, n. 1, p. 107-123, ago. 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/458>. Acesso em: 25 nov. 2019.

CÔRTE, Adelaide. Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Biquet de Lemos, 2011. 146 p.

CORTEZ, Luiz Cláudio dos Santos. **Os vídeos do YouTube como recurso didático**. 2010. 53 f. Monografia (Especialização em Mídias Integradas na Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/33222>. Acesso em: 19 nov. 2019.

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2011.

CRUZ, Priscila; MONTEIRO, Luciano (org.). **Anuário Brasileiro da Educação Básica**. São Paulo: TPE: Moderna, 2019. Disponível em: [https://www.todospelaeducacao.org.br/\\_uploads/\\_posts/302.pdf](https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf). Acesso em: 12 maio 2020.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da informação**, v. 32, n. 1, maio 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016>. Acesso em: 19 nov. 2019.

EGGERT-STEINDEL, Gisela; FONSECA, Caio Faria. A biblioteca escolar: participante da promoção da justiça e êxito escolar. In: VALLE, Ione Ribeiro; SILVA, Vera Lucia Gaspar da; DAROS, Maria das Dores Daros (org.). **Educação escolar e justiça social**. Florianópolis: Núcleo de Publicações - NUP, 2010, v. 01, p. 249-270.

ENCICLOPÉDIA Intercom de Comunicação. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. v. 1. Disponível em: <http://www.cienciasnuvens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Enciclopedia->

Intercom-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 30 out. 2019  
 ESPECIAL Covid-19. Faculdade de Medicina da USP, 2020. Disponível em:  
<https://www.fm.usp.br/fmusp/home/especial-covid-19>. Acesso em: 12 nov. 2020.

FÁBIO, André Cabette. Como cortes do governo desafiam eventos culturais no Brasil. **Nexo Jornal**, jun. 2019. Disponível em  
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/06/28/Como-cortes-do-governo-desafiam-eventos-culturais-no-Brasil> Acesso: 11 out. 2019.

FARIAS, Christianne Martins; VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar. **Perspectiva. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 2-16, 2009. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362009000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362009000200002&lng=en&nrm=iso). Acesso em 25 nov. 2019.

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1979. 247 p.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. IFLA. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. Tradução da Rede de Bibliotecas. 2 ed. Portugal: UNESCO, 2015. Disponível em:  
<https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

FERNANDES, Raquel Gonçalves da Silva de Araújo. **O estímulo a leitura não consumida em bibliotecas prisionais através do desenvolvimento de dinâmicas culturais**. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e do Conhecimento) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2019. Acesso em out. 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/12669>. Acesso em: 12 dez. 2019.

FERREIRA, Andressa Pereira. **Ação e mediação cultural no contexto da biblioteca escolar: uma pesquisa bibliográfica na literatura biblioteconômica**. 2018. 49 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/527>. Acesso em: 11 out. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. 5. ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

FIALHO, Janaina Ferreira; GOMES, Suely; CARVALHO, Livia Ferreira; SANTOS, Andréa Pereira; GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Proposta para criação da rede estadual de bibliotecas escolares do estado de Goiás. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013. Florianópolis, SC, Brasil, **Anais [...]**. Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em:  
<https://portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/1256/1257>. Acesso em: 3 out. 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23

ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. 49 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários prática educativa. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996.

FUJITA, Mariângela Spotti; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. Abordagem cognitiva do protocolo verbal na confirmação de termos para a construção de linguagem documentária em inteligência competitiva. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 29-58.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL; Ministério da Cultura; Ministério da Educação. **PNLL – Plano Nacional do Livro e da Leitura**: Estado e Sociedade Atuando pelo Desenvolvimento da Leitura no Brasil. Publicação do Caderno do PNLL, Edição Atualizada, 2010. Disponível em: [http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/sistema-estadual-de-bibliotecas-publicas/leituras-recomendadas/99\\_PNLL\\_Estado\\_e\\_sociedade\\_atuando\\_pelo\\_desenvolvimento\\_da\\_leitura\\_no\\_Brasil\\_v1.pdf](http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/sistema-estadual-de-bibliotecas-publicas/leituras-recomendadas/99_PNLL_Estado_e_sociedade_atuando_pelo_desenvolvimento_da_leitura_no_Brasil_v1.pdf). Acesso em: 30 out. 2019.

GALLIANO, Alfredo Guilherme. **O método científico**: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.

GARCIA, Janaína. Produção científica de mulheres despenca na pandemia – de homens, bem menos. **Portal Tilt**, 26 maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/26/pandemia-pode-acentrar-disparidade-entre-homens-e-mulheres-na-ciencia.htm>. Acesso em: 12 set. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

GOBBI, Nelson; MACEDO, Aline. Saiba quais são os livros que Felipe Neto distribuiu na Bienal do Rio. **O Globo**, 7 set. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/saiba-quais-sao-os-livros-que-felipe-neto-distribuiu-na-bienal-do-rio-23934064>. Acesso em: 12 set. 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, 2º ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** - PNAD Contínua. 2º trimestre de 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 16 de agosto de 2018. Disponível em:

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Síntese de indicadores 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (IFLA; UNESCO). **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Traduzido por: Rede de Bibliotecas Escolares. Portugal, 2016. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf> Acesso: 3 out. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO. **Catálogo (1959)**. Rio de Janeiro: INL, 1959.

INTERNATIONAL TELECOMMUNICATION UNION (ITU). **Measuring the Information Society Report 2017**. Geneva, Switzerland, 2017. v. 1. Disponível em: [https://www.itu.int/en/ITU/Statistics/Documents/publications/misr2017/MISR2017\\_Volume1.pdf](https://www.itu.int/en/ITU/Statistics/Documents/publications/misr2017/MISR2017_Volume1.pdf) Acesso em 11 out. 2019.

LANZI, Lucirene Andréa Catini; FERNEDA, Edberto; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. **A biblioteca escolar e a geração nativos digitais: construindo novas relações**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. (coleção PROPG Digital - UNESP).

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Biblioteca escolar como eixo estruturador do currículo escolar. In: RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (org). **Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca**. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 168-182.

LOUBACK, Letícia. O que é podcast? saiba tudo sobre os programas de áudio online. **Portal Techtudo**, 30 dez. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/12/o-que-e-podcast-saiba-tudo-sobre-os-programas-de-audio-online.gh.html>. Acesso em: 3 fev. 2020.

MANESS, Jack M. Teoria da biblioteca 2.0: web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. **Informação & Sociedade: Estudos.**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 43- 51, jan./ abr., 2007.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!** Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MARQUES, Eliana de Azevedo. Serviço da Biblioteca e informação da FAUUSP. **Pós**, São Paulo, n. 20, p. 226-238, dez. 2006.

MARTINS, Elizandra; BORTOLIN, Sueli. O bibliotecário escola "afinando" o foco na leitura. In: SILVA, Rovilson José da, BORTOLIN, Sueli (org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escola**. 2. ed. São Paulo: ABECIN, 2018. cap. 4, p. 57-65. Disponível em: [http://abecin.org.br/e-books/fazeres\\_cotidianos/mobile/index.html#p=4](http://abecin.org.br/e-books/fazeres_cotidianos/mobile/index.html#p=4). Acesso em: 27 set. 2019.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEOPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MILANESI, Luís. Biblioteca pública: do século XIX para o XXI. **Revista USP**, São Paulo, n. 97 p. 59-70, mar./abr./maio, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/61685/64574> Acesso: 11 out. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2004. p. 9-30.

MIRANDA, Antônio. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 6, n. 1, jan./jun. 1978, p. 69-75. Disponível em [file:///tmp/mozilla\\_aurora0/29061-Texto%20do%20artigo-63123-1-10-20200110.pdf](file:///tmp/mozilla_aurora0/29061-Texto%20do%20artigo-63123-1-10-20200110.pdf). Acesso em: 12 jan. 2019.

MIRANDA, Maria Geralda. Analfabetismo funcional e direitos humanos. **Revista Interdisciplinar de Direito**, Valença, ano 7, n. 7, nov. 2010. Disponível em: <http://revistas.faa.edu.br/index.php/FDV/article/view/548>. Acesso em: 12 jan. 2019.

MORAES, Rubem Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil Colonial**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, repensar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. 128 p.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 1998.

OLIVEIRA, Regiane. Cortes nas universidades: Os primeiros efeitos da asfixia financeira de Bolsonaro sobre as ciências do Brasil. **El País**, 6 maio 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/02/politica/1556819618\\_348570.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/02/politica/1556819618_348570.html). Acesso em: 30 out. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: [http://www.onu-brasil.org.br/documentos\\_direitoshumanos.php](http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php). Acesso: 3 set. 2019.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Modelo Flexível para um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares**: Colômbia, Costa Rica, Peru, Venezuela. Brasília, DF: FEBAB, 1985.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Education at a Glance 2018**: um olhar sobre a educação. Portal ODS, 2018. Disponível em: <http://portalods.com.br/publicacoes/education-at-a-glance-2018-um-olhar-sobre-a-educacao>. Acesso em 11 out. 2019.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. 2 ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. Porto Alegre: Penso, 2012.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade da informação. *In*: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3 ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2011.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir a adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Eletrônica**



**Diálogos Acadêmicos**, n. 1, p. 72-87, jan-jul, 2015. Disponível em: [http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf). Acesso em: 10 nov. 2019.

PREFEITO anuncia doação de cestas básicas para alunos do município. **Portal Infonet**, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cidade/prefeito-anuncia-doacao-de-cestas-basicas-para-alunos-do-municipio/>. Acesso em: 22 set. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho academico. 2 ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da biblioteconomia**. Tradução de Tarcísio Zandonada. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2009. 336 p.

RASTELI, Alessandro. **Mediação cultural em bibliotecas**: contribuições conceituais. 2019, 275 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019. Disponível em [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli\\_a\\_do\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli_a_do_mar.pdf) Acesso: 11 out. 2019.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ROCA, Glória Durban. Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola. Tradução de Miriam Moema Loss. Porto Alegre: Penso, 2012.

SALES, Lília Maia de Moraes. **Mediação de conflitos**: família, escola e comunidade. Florianópolis: Conceito Editorial, 2007.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Batista. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: McGraw-Hill Interamericana do Brasil Ltda, 2013.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, Josiel Machado. Ação cultural em bibliotecas públicas: o bibliotecário como agente transformador. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 173-189, jun./dez. 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/425>. Acesso em: 20 abr. 2019

SARRIERA, Jorge Castellá *et al.* Sentido de comunidade como promotor de bem estar em crianças brasileiras. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 50, n. 1, p. 107-114, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/159187>. Acesso em: 20 out. 2019.

SAVIANI, Dermerval. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. **Movimento: Revista da Educação, Universidade Federal Fluminense**, ano 3, n. 4, p. 1-31, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32575/18710>. Acesso em:

out. 2019.

SECCHI, Leonardo. **Políticas públicas**: conceitos, esquemas de análise, casos práticos. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

SERGIPE Tem mais de 84,3 mil casos da Covid-19 e soma 2.211 mortes pela doença. **Portal G1**, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/11/01/sergipe-tem-mais-de-843-mil-casos-da-covid-19-e-soma-2211-mortes-pela-doenca.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SETÚBAL, Yasmin. Número de casos de Covid-19 no Brasil pode ser 16 vezes maior, diz estudo. **Portal G1**, 15 maio 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/numero-de-casos-de-covid-19-no-brasil-pode-ser-16-vezes-maior-diz-estudo-24430553>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SQUIZANI, Fatima. **O uso do podcast como mediador do ensino e da informação no centro de tecnologia da Universidade Federal de Santa Maria**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação EAD) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15533/TCCE\\_ME\\_EaD\\_2018\\_SQUIZANI\\_FATIMA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15533/TCCE_ME_EaD_2018_SQUIZANI_FATIMA.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20 abr. 2019.

SILVA, Helena; JAMBEIRO, Othon; LIMA, Jussara; BRANDÃO, Marco Antônio. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 28-36, jan./abr. 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652005000100004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652005000100004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 22 maio 2019.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil: análise da Lei 12.244/10 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares. **Revista ACB**, v. 16, n. 2, p. 489-517, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/797#:~:text=Conclui%20que%20a%20biblioteca%20escolar,transforma%20C3%A7%C3%B5es%20que%20a%20biblioteca%20escolar>. Acesso em: 20 jul. 2019.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas sociais em Biblioteconomia: percepções e aplicações. In: MORAES, Marielle Barros de; SPUDEIT, Daniela (org). **Biblioteconomia social**: epistemologia transgressora para o Século XXI. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. *E-book*. Disponível em: [http://abecin.org.br/e-books/biblioteconomia\\_social/E-Book\\_Biblioteconomia\\_Social.pdf](http://abecin.org.br/e-books/biblioteconomia_social/E-Book_Biblioteconomia_Social.pdf). Acesso em: 11 out. 2019.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Abordagens conceituais e aplicativas da mediação nos serviços de informação. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 8, n. 2, p. 106-123, 4 out. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/320217372\\_Abordagens\\_conceituais\\_e\\_aplicativas\\_da\\_mediacao\\_nos\\_servicos\\_de\\_informacao](https://www.researchgate.net/publication/320217372_Abordagens_conceituais_e_aplicativas_da_mediacao_nos_servicos_de_informacao). Acesso em: 20 out. 2019.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; SILVA, Andreia Santos Ribeiro. A mediação da

informação como prática pedagógica no contexto da biblioteca escolar: algumas considerações. **Bibl. Esc. em Rev.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 1-30, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106561/105158>. Acesso em: 22 jul. 2019.

SILVA, Rafaela Carolina da et al. Políticas públicas de leitura e biblioteca escolar: percebendo os cenários nacional e internacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, ed. 3, p. 21-48, set/dez 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1238/1149>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. p. 35-44.

SILVA, Waldeck C. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 2001.

SOBRINHO, José Modesto dos Passos. Aulas da rede estadual em Sergipe são retomadas no formato não presencial. [entrevista cedida a] Lyderwan Santos. Bom dia Sergipe: 1ª edição, **Rede Globo de Televisão**, Aracaju, 15 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/06/15/aulas-da-rede-estadual-em-sergipe-sao-retomadas-no-formato-nao-presencial.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em 3 gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, Celina. Políticas públicas. uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 16, p. 20-45, dez. 2006. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia de pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p.

UM MANIFESTO 2.0 do bibliotecário. Mashup por Laura Cohen. Tradução: Maria José Vicentini Jorente. [S. l.: s. n.], 2007. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?vYj1p0A8DMrE>. Acesso em: 12 out. 2019.

VALIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 15-25, jan./abr. 1990. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1670>. Acesso em: 18 jul. 2019.

VERGER, Jacques. **Os livros na idade média**: homens e saber na Idade Média. Bauru: Edusc, 1999.

VIEIRA, Ronaldo. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da Pesquisa **“Mediação cultural e incentivo à leitura em escola pública: a democratização do conhecimento para alunos do 7º ano da Escola Estadual Olavo Bilac”**, que está sendo desenvolvida por mim, mestranda Camila Conceição Barreto Vieira, orientada pela prof. Dra. Germana Gonçalves Araújo, tendo como objetivo analisar o processo educacional durante a pandemia da Covid-19, a fim de desenvolver uma metodologia de incentivo à leitura que contemple os alunos da Escola Estadual Olavo Bilac. Após a assinatura deste termo, sua participação é voluntária e ocorrerá de forma individual por meio do preenchimento de um questionário, que não vai identificar individualmente seus dados pessoais, que serão omitidos.

O questionário será enviado por e-mail, gratuito, o qual permite a análise posterior dos dados coletados tanto por *Excel*, como pelo uso de programas estatísticos. Também poderá ser aplicado questionário impresso. Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr.(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, e sua identidade será preservada, mediante a anuência deste termo, que está assinando voluntariamente, e ficará com uma via deste TCLE. Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora, pelo *Whatsapp* do telefone (79)9-98104195, ou poderá entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Outras dúvidas poderão ser sanadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa Para Seres Humanos, localizado no Ambulatório do Hospital Universitário, que fica na rua Claudio Batista, s/n, bairro Sanatório, Aracaju/SE, ou pelo telefone (79) 3194-1805.

#### Atenção:

Todo experimento com seres humanos apresenta RISCO de constrangimento pela exposição à observação social, que escapa ao senso comum. O risco de cunho emocional poderá ser proporcional à frustração na consecução da atividade proposta, porém esse risco será minimizado pelo BENEFÍCIO DIRETO a partir da contribuição que o(a) Sr.(a) está dando para a compreensão sobre a mediação da informação no serviço de referência da biblioteca central da Universidade Federal de Sergipe, além de poder gozar do guia instrucional que será criado a partir dos resultados aqui coletados.

Consentimento: Eu, \_\_\_\_\_ (escreva seu nome completo),  
\_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Pude esclarecer todas as minhas dúvidas com a pesquisadora e, por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ser remunerado por isso e que posso sair quando quiser sem prejuízo.

Nome: \_\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_